

Universidade da Maia

Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento



A Relação entre a *Dark Tetrad* e a Aceitação da
Violência Sexual é Mediada pelo Machismo Sexual?

Rodrigo Prats Couto Leitão Costa, n.º de aluno 38622

Dissertação de Mestrado em
Psicologia Clínica Forense – Intervenção com Agressores e
Vítimas

Orientadora:

Professora Doutora Marisalva Fávero

Co-orientadora:

Professora Doutora Valéria Gomes

Julho de 2022 

Agradecimentos

Este trabalho é, por um lado, o resultado de horas do meu trabalho, motivação e empenho sendo, por outro, também fruto do apoio, orientação e/ou contributo importantes de imensas pessoas a quem quero agradecer.

À minha orientadora e co-orientadora, Doutora Marisalva Fávero e Doutora Valéria Sousa-Gomes, por toda a paciência, dedicação e esforço ao longo de todos estes meses, o meu muitíssimo obrigado. Todos os comentários e sugestões que fizeram em relação ao meu trabalho, bem como todos os conhecimentos que transmitiram, contribuíram em grande medida para este resultado final. Com todo o volume laboral que têm, nunca me falharam e responderam sempre a todas as minhas questões (que não eram poucas!), prestando sempre clarificações e esclarecimentos prontamente. Tenho a certeza de que esta jornada não teria sido tão agradável caso não tivessem sido estas pessoas as responsáveis pela minha orientação. O meu obrigado também à Doutora Diana Moreira, que começou por ser minha co-orientadora, por me ter auxiliado no início deste projeto e por ter revisto os resultados do meu estudo.

Ao meu pai e à minha mãe, que sempre foram os meus pilares, por todo o seu apoio e amor incondicionais ao longo desta jornada académica (e ao longo da minha vida!), o meu muito obrigado. Mesmo não tendo um especial interesse por psicologia, sempre tiveram e continuam a ter paciência e disposição para me ouvirem *dissertar* sobre este trabalho, com uma postura de curiosidade e interesse genuínos. Não existem palavras para expressar a gratidão que sinto por estes seres de luz.

A todas as restantes pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste projeto, nomeadamente o meu namorado, amigos/as, familiares, colegas e pessoas participantes, o meu muito obrigado.

A Relação entre a *Dark Tetrad* e a Aceitação da Violência Sexual é Mediada pelo Machismo Sexual?

Resumo

A *Dark Tetrad* é um conjunto de quatro traços da personalidade “negros”, caracterizados por uma indesejabilidade social, uma frieza emocional e uma tendência para a exploração de outras pessoas: Maquiavelismo, narcisismo, psicopatia e sadismo. Estudos anteriores estabeleceram relações entre estes traços e comportamentos socialmente aversivos, nos quais se inclui a violência sexual e a sua legitimação através de mitos sobre este tipo de violência. A violência sexual assenta fortemente no machismo, estando este associado tanto à *Dark Tetrad* quanto à aceitação do uso de violência sexual. Assim, este estudo teve como principal objetivo explorar o eventual papel mediador do machismo sexual na relação entre cada um dos traços da *Dark Tetrad* e a legitimação do uso de violência sexual, sendo os outros objetivos examinar eventuais diferenças entre géneros ao nível da *Dark Tetrad* e da aceitação da violência sexual, bem como apurar se a primeira é preditora da segunda. Utilizou-se uma amostra de 362 indivíduos participantes com idades entre 18 e 70. Os homens apresentaram níveis significativamente mais altos de Maquiavelismo e de sadismo, bem como de aceitação da violência sexual, do que as mulheres. Todos os traços da *Dark Tetrad* foram preditores significativos da legitimação da violência sexual, sendo que o machismo sexual mediou significativamente estas relações. Estes resultados indicam que indivíduos com menos empatia, uma maior frieza emocional e uma maior tendência para a exploração de outrem tendem a legitimar a violência sexual, podendo estar na base desta minimização crenças machistas. Assim, é relevante criar medidas que visem desconstruir este tipo de crenças, particularmente junto de populações masculinas e com níveis elevados da *Dark Tetrad*, por forma a reduzir igualmente a legitimação da violência sexual.

Palavras-chave: *Dark Tetrad*, violência sexual, machismo.

Is the Link Between the Dark Tetrad and the Acceptance of Sexual Violence Mediated by Sexual Machismo?

Abstract

The Dark Tetrad is a cluster of four “dark” personality traits, characterized by social undesirability, emotional coldness, and a tendency to exploit others: Machiavellianism, narcissism, psychopathy, and sadism. Previous studies have established relationships between these traits and socially aversive behaviors such as sexual violence and its legitimization through myths about this type of violence. Sexual violence is strongly based on machismo, with this variable having been found to be associated with the Dark Tetrad and with the acceptance of the use of sexual violence. This being said, this study aimed to explore the possible mediating role of sexual machismo in the relationship between each of the Dark Tetrad traits and the legitimization of the use of sexual violence. Other aims were to examine possible gender differences regarding the Dark Tetrad and the acceptance of sexual violence, as well as to explore if the former predicts the latter. A sample comprising 362 participants between the ages of 18 and 70 was used. Males showed significantly higher levels of Machiavellianism and sadism, as well as higher acceptance of sexual violence, compared to females. Every Dark Tetrad trait significantly predicted the legitimization of sexual violence, with sexual machismo significantly mediating these relationships. These findings indicate that individuals with less empathy, higher emotional coldness, and a higher tendency to exploit others are more prone to accept sexual violence through machismo-related beliefs. Thus, it is relevant to create and implement policies that aim to tackle beliefs of this nature, particularly among male populations and with higher levels of the Dark Tetrad, so that the acceptance of sexual violence can be reduced.

Keywords: Dark Tetrad, sexual violence, machismo.

Índice

Enquadramento Teórico.....	9
Conceito de <i>Dark Triad</i>	9
Definição e Componentes da Dark Triad	9
Conceito de Dark Tetrad.....	10
Conceito de Violência Sexual	12
Definição, Impacto e Enquadramento Legal em Portugal.....	12
Crenças e Mitos sobre Violência Sexual	14
<i>Dark Tetrad</i> e Violência Sexual.....	16
Conceitos de Sexismo e Machismo Sexual.....	17
Definição de Sexismo e Machismo Sexual	17
Machismo, Legitimação da Violência Sexual e <i>Dark Tetrad</i>	19
O Presente Estudo	21
Método	24
Amostra	24
Instrumentos.....	26
Dados Sociodemográficos	26
Componentes da Dark Tetrad	26
Legitimação do Uso de Violência Sexual.....	27
Machismo Sexual	29
Procedimentos	30
Análise de Dados.....	32
Resultados	32
Análises Descritivas das Variáveis em Estudo	32
Diferenças entre Géneros	35
Dark Tetrad.....	35
Legitimação do Uso de Violência Sexual.....	39
<i>Dark Tetrad</i> e Legitimação do Uso de Violência Sexual.....	44
Associação entre Traços da Dark Tetrad e Legitimação do Uso de Violência Sexual	44
Traços da Dark Tetrad enquanto Preditores da Tolerância do Uso de Violência Sexual.	46
Mediação do Machismo Sexual na Relação entre a <i>Dark Tetrad</i> e a Legitimação do Uso de Violência Sexual	48
Discussão dos Resultados	53

Limitações e Sugestões para Estudos Futuros.....	59
Conclusão.....	60
Referências.....	62

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra	25
Tabela 2. Estatísticas Descritivas dos Traços da <i>Dark Tetrad</i>	33
Tabela 3. Estatísticas Descritivas da Aceitação da Violência Sexual	34
Tabela 4. Estatísticas Descritivas do Machismo Sexual	35
Tabela 5. Estatísticas Descritivas dos Traços da <i>Dark Tetrad</i> por Género	35
Tabela 6. Traços da <i>Dark Tetrad</i> por Género e Testes- <i>t</i> para Amostras Independentes	39
Tabela 7. Estatísticas Descritivas da Aceitação da Violência Sexual e Tipos Específicos de Crenças por Género	40
Tabela 8. Aceitação da Violência Sexual e Tipos Específicos de Crenças por Género e Testes <i>U</i> de Mann-Whitney	44
Tabela 9. Correlações de Spearman entre os Traços da <i>Dark Tetrad</i> , a Aceitação da Violência Sexual e os Tipos Específicos de Crenças	45
Tabela 10. Estatísticas Descritivas da Aceitação da Violência Sexual e dos Traços da <i>Dark Tetrad</i>	46
Tabela 11. Resultados da Análise de Regressão Múltipla	47

Índice de Figuras

Figura 1. Coeficientes de Regressão na Relação entre o Maquiavelismo e a Aceitação da Violência Sexual com a Mediação do Machismo Sexual	49
Figura 2. Coeficientes de Regressão da Relação entre o Narcisismo e a Aceitação da Violência Sexual com a Mediação do Machismo Sexual	50
Figura 3. Coeficientes de Regressão da Relação entre a Psicopatia e a Aceitação da Violência Sexual com a Mediação do Machismo Sexual	51
Figura 4. Coeficientes de Regressão da Relação entre o Sadismo e a Aceitação da Violência Sexual com a Mediação do Machismo Sexual	52

Índice de Anexos

Anexo A: Análises Descritivas dos Itens da SD4 (Paulhus et al., 2020; versão para a população portuguesa por Rodrigues, 2020)	84
Anexo B: Análises Descritivas dos Itens da ECVS (Martins et al., 2012)	85
Anexo C: Análises Descritivas dos Itens da EMS-Sexismo-12 (Rodríguez et al., 2010; versão para a população brasileira por Silva et al., 2020)	86
Anexo D: Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Maquiavelismo no Género Feminino	87
Anexo E: Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Maquiavelismo no Género Masculino	88
Anexo F: Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Narcisismo no Género Feminino	89
Anexo G: Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Narcisismo no Género Masculino	90
Anexo H: Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição da Psicopatia nos Géneros Masculino e Feminino	91
Anexo I: Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição da Psicopatia Transformada no Género Feminino	93
Anexo J: Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição da Psicopatia Transformada no Género Masculino	94
Anexo K: Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição do Sadismo nos Géneros Masculino e Feminino	95
Anexo L: Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Sadismo Transformado no Género Feminino	97
Anexo M: Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Sadismo Transformado no Género Masculino	98
Anexo N: Resultados dos Testes- <i>t</i> para Amostras Independentes relativos à Hipótese a)	99
Anexo O: Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição da Legitimação do Uso de Violência Sexual nos Géneros Masculino e Feminino	100
Anexo P: Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição de “Representação Estereotipada da Violação” nos Géneros Masculino e Feminino	102
Anexo Q: Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição de “Provocação da Vítima” nos Géneros Masculino e Feminino	104
Anexo R: Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição de “Consentimento da Vítima” no Género Masculino	106

Anexo S: Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição de “Consentimento da Vítima” no Género Feminino	107
Anexo T: Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição de “Falsa Noção de Invulnerabilidade Pessoal” nos Géneros Masculino e Feminino	108
Anexo U: Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição de “Falsas Alegações” nos Géneros Masculino e Feminino	110
Anexo V: Resultados dos Testes de Mann-Whitney relativos à Hipótese b)	112
Anexo W: Resultados dos Testes de Correlação de Spearman relativos à Hipótese c)	113
Anexo X: Resultados da Análise de Regressão Múltipla relativa às Hipóteses d) e e)	114
Anexo Y: Gráfico de Dispersão e Histograma dos Resíduos Padronizados relativos às Hipóteses d) e e)	117
Anexo Z: Resultados da Análise de Mediação (Maquiavelismo) relativa à Hipótese f)	118
Anexo AA: Resultados da Análise de Mediação (Narcisismo) relativa à Hipótese f)	120
Anexo AB: Resultados da Análise de Mediação (Psicopatia) relativa à Hipótese f)	122
Anexo AC: Resultados da Análise de Mediação (Sadismo) relativa à Hipótese f)	124

Lista de Abreviaturas

ECVS – Escala de Crenças sobre a Violência Sexual (Martins et al., 2012)

EMS-Sexismo-12 – Escala de Machismo Sexual (Rodríguez et al., 2010; versão para a população brasileira por Silva et al., 2020)

SD4 – Escala *Short Dark Tetrad* (Paulhus et al., 2020; versão para a população portuguesa por Rodrigues, 2020)

Enquadramento Teórico

Conceito de *Dark Triad*

Definição e Componentes da Dark Triad

A *Dark Triad* é um conjunto de traços “negros” da personalidade, considerados socialmente aversivos e pouco desejados (Jonason et al., 2017), medidos a níveis subclínicos, os quais se distinguem entre si apesar de apresentarem intercorrelações: narcisismo, psicopatia e Maquiavelismo (Paulhus & Williams, 2002). O narcisismo caracteriza-se por uma autoestima exageradamente elevada, sentimentos de grandiosidade, uma necessidade de admiração excessiva (e.g., Amernic & Craig, 2010; Paulhus, 1998; Paulhus & Williams, 2002), exibicionismo e uma tendência para a liderança (Jones & Paulhus, 2014). Já a psicopatia envolve uma constelação de características afetivas e interpessoais específicas, nomeadamente um charme superficial, uma indiferença afetiva e reduzida empatia, ausência de sentimentos de remorso ou culpa (e.g., Wilson & McCarthy, 2011), e determinadas características comportamentais, designadamente comportamentos antissociais ou criminosos, um estilo de vida parasitário (Hare & Neumann, 2008), impulsividade e necessidade de estimulação (Jones & Paulhus, 2014). Por fim, o Maquiavelismo corresponde a uma tendência para a manipulação dos outros para benefício próprio, cinismo (Rauthmann, 2011; Wai & Tiliopoulos, 2012), um desprezo pelos valores morais convencionais (Krick et al., 2016; Furnham et al., 2013) e uma orientação, a longo prazo, para a estratégia e o calculismo (Jones & Paulhus, 2014). Todas as características da *Dark Triad* estão relacionadas, de alguma forma, com uma personalidade “malévola”, com tendências comportamentais para a autogratificação, a frieza emocional, a falsidade e a agressividade. Por outro lado, estas características relacionam-se negativamente com traços socialmente desejáveis como a honestidade e a modéstia (Harrison et al., 2018). Outro aspeto comum a estes três traços socialmente aversivos, o qual pode explicar a sua sobreposição, é a exploração ou manipulação insensível (i.e., *callous exploitation* ou

manipulation) de outrem (e.g., Heym et al., 2019; Jones & Figueredo, 2013; Paulhus et al., 2021). Neste sentido, e ainda que estes traços possuam raízes conceituais muito diferentes, verificam-se com frequência intercorrelações positivas entre estes (e.g., Paulhus et al., 2020; Vernon et al., 2008; para revisões, ver Muris et al., 2017; Schreiber & Marcus, 2020). A literatura evidencia, de forma relativamente ampla, que os indivíduos do gênero masculino apresentam níveis mais elevados de cada um dos traços de personalidade da *Dark Triad* em relação aos do gênero feminino (para uma revisão, ver Muris et al., 2017): o narcisismo (Paulhus et al., 2020; $d = .33, p < .01$; Paulhus & Williams, 2002; $d = .23, p < .01$; Chukwuorji et al., 2018; $\eta_p^2 = .18, p < .001$; para uma revisão, ver Grijalva et al., 2015), a psicopatia (Jonason et al., 2017; $d = .41, p < .05$; Paulhus et al., 2020; $d = .40, p < .01$; Sanchez-Ruiz et al., 2021; $d = .47, p < .001$; Valeria, 2019; $d = .43, p = .001$); e o Maquiavelismo (Jonason et al., 2017; $d = .47, p < .05$; Paulhus et al., 2020; $d = .18, p < .01$; Sanchez-Ruiz et al., 2021; $d = .41, p < .001$).

Conceito de Dark Tetrad

Mais recentemente, alguns autores (e.g., Marcus & Zeigler-Hill, 2015) manifestaram uma vontade de expandir a *Dark Triad* com mais traços de personalidade aversivos, nomeadamente a maldade, a característica *borderline*, o antagonismo e o desengajamento moral; no entanto, a personalidade “sádica” foi a mais consensual (e.g., Book et al., 2016; Craker & March, 2016; Davis et al., 2019). O sadismo subclínico (i.e., *everyday sadism*) envolve uma tendência para a crueldade, humilhação e comportamento violento (Boland, 2018), bem como uma sensação de prazer associada ao sofrimento, tanto físico como psicológico, de outrem (Meere & Egan, 2017; Paulhus & Dutton, 2016; Paulhus et al., 2018; Tsoukas & March, 2018). Algumas manifestações comportamentais desta característica são o *trolling* online (Buckels et al., 2018), o vandalismo (Pfattheicher et al., 2017), a crueldade contra os animais (Kavanagh et al., 2013) e partidas (Burris & Leitch, 2018). A inclusão do

sadismo na *Dark Triad* deu origem à *Dark Tetrad* (Buckels et al., 2013), a qual tem recebido um interesse científico crescente nos últimos anos (e.g., Međedović & Petrović, 2015; Plouffe et al., 2017), passando a serem considerados quatro traços de personalidade socialmente aversivos. A introdução do sadismo justificou-se, teoricamente, por duas razões: em primeiro lugar, o construto de sadismo envolve uma frieza emocional ou uma reduzida empatia (Paulhus, 2014; Pajevic et al., 2018) – aspeto comum aos restantes traços de personalidade da *Dark Triad* – em segundo lugar, o sadismo veio adicionar um elemento único que estava ausente na *Dark Triad*, mais especificamente a sensação de prazer através da infligção ou observação de dor ou sofrimento em outrem (Nell, 2006). Outras características comuns aos traços da *Dark Tetrad* são a exploração ou manipulação insensível (i.e., *callous exploitation* ou *manipulation*) de outrem (Jones & Figueiredo, 2013; Marcus et al., 2018; Paulhus et al., 2021), a natureza indesejável ao nível social (Book et al., 2016; Jones & Figueiredo, 2013) e os efeitos prejudiciais dos mesmos nas relações interpessoais (e.g., Vize et al., 2018). Mais concretamente, e a título de exemplo, o narcisismo tende a estar associado a relações sociais problemáticas no geral (Krizan & Herlache, 2018); o Maquiavelismo relaciona-se com comportamento aparentemente altruísta, mas apenas com motivações estratégicas (Bereczkei et al., 2010); os indivíduos com níveis elevados de psicopatia tendem a envolver-se em comportamentos socialmente hostis ou agressivos (Williams et al., 2007); por último, o sadismo relaciona-se com a perpetração de violência nas relações de intimidade (Paulhus et al., 2011). Resumidamente, ao incluir o sadismo neste grupo de traços socialmente aversivos, esta característica partilha aspetos comuns (i.e., frieza emocional, natureza indesejável ao nível social e efeitos negativos em relações interpessoais) com os restantes traços e vem acrescentar um novo (i.e., prazer com a dor ou o sofrimento de outrem) (Paulhus et al., 2020). No que concerne a diferenças entre géneros, os homens apresentam tendencialmente níveis mais elevados de sadismo relativamente às mulheres (Paulhus et al., 2020 [$d = 1.07$]).

Conceito de Violência Sexual

Definição, Impacto e Enquadramento Legal em Portugal

A violência sexual, um grave problema social e uma violação de direitos humanos (Jayalakshmi et al., 2016) que engloba múltiplos crimes na maioria dos países, pode ser definida, em termos gerais, como a prática, por alguém, de atos sexuais com outra pessoa que, no momento desses atos, não prestou – ou estava incapaz de prestar – o seu consentimento (Armstrong et al., 2018). De destacar que o consentimento pode ser condicional; por exemplo, um indivíduo pode prestar o seu consentimento para um tipo de penetração (e.g., vaginal) e não para outro (e.g., anal) (Dinos et al., 2015). Esta violência envolve todas as formas de agressão de natureza sexual, desde a coerção – o uso de meios não-físicos (e.g., indução de culpa, ameaça) para obter contacto sexual indesejado – à agressão – o uso de táticas físicas (e.g., uso de força, indução de incapacidade de resistência através de substâncias psicoativas) para obter contacto sexual indesejado por parte da vítima (DeGue et al., 2010). A violência sexual está, frequentemente, associada a uma necessidade de poder e domínio por parte da pessoa ofensora e está na base de assimetrias e desigualdades de poder entre os géneros masculino e feminino (LeSuer, 2019), sendo que pode servir o propósito, em ofensores do género masculino, de reafirmar a própria “masculinidade” (Armstrong et al., 2018). De facto, os perpetradores de violência sexual tendem a ser do género masculino e as vítimas do género feminino (e.g., Banyard et al., 2007 [vítimas de contacto sexual indesejado: 8.2% dos homens e 19.6% das mulheres]; Baum & Klaus, 2005 [vítimas de violação/violência sexual: 1.4% dos homens e 6% das mulheres]; Flack et al., 2008 [pelo menos um encontro sexual indesejado: 7.1% dos homens e 43.9% das mulheres]; Hines et al., 2012 [vítimas de pelo menos um ato de violência sexual: 3.2% dos homens e 6.6% das mulheres]; Howard et al., 2008 [vítimas de violência sexual relacionada com o consumo de álcool: 6.6% dos homens e 20.4% das mulheres]; Krebs et al., 2007 [vítimas de algum tipo de violência sexual: 6.1% dos homens e

19% das mulheres]; Oswalt et al., 2018 [vítimas de toques sexuais sem consentimento: quase 39% menos provável em homens; vítimas de penetração sexual sem consentimento: quase 29% menos provável em homens; vítimas de relação sexualmente abusiva: aproximadamente 45% menos provável em homens]; Palmer et al., 2010 [vítimas de contacto sexual indesejado: 31% dos homens e 34% das mulheres]; Tjaden & Thoennes, 2006 [vítimas de violação: 14.2% das vítimas eram homens e 85.9% eram mulheres; perpetradores de violação: menos de 1% das vítimas mulheres e 18.2% das vítimas homens foram violadas por uma mulher; 85.2% das vítimas homens e 99.6% das vítimas mulheres foram violadas por um homem]) constituindo, portanto, a violência sexual uma violação dos direitos humanos das mulheres em todo o mundo (Ellsberg et al., 2015). Esta violência está associada a múltiplos impactos profundos, tanto a curto como a longo prazo, na saúde física e mental da vítima (Jayalakshmi et al., 2016), designadamente marcas e lesões físicas, risco acrescido de infeções sexualmente transmissíveis (Eby et al., 1995), perturbação por uso de substâncias, perturbação bipolar, perturbação de stress pós-traumático (Xu et al., 2013) e comportamentos suicidários (e.g., ideação suicida, tentativa de suicídio) (Campbell et al., 2009; Miché et al., 2020). Como tal, a violência sexual, e em particular a violação, é considerada um grave problema de saúde pública (Dworkin et al., 2017).

O Código Penal Português (CPP; Ministério da Justiça, 2020) prevê, no seu capítulo V, múltiplos crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual, os quais são considerados graves, nomeadamente a coação sexual (artigo 163.º; i.e., constranger outra pessoa a praticar ato sexual de relevo, por via de violência, ameaça grave, ou indução de incapacidade de resistência), a violação (artigo 164.º; i.e., constranger outra pessoa a praticar cópula, coito anal ou oral, por via de violência ou ameaça grave, ou indução de incapacidade de resistência), o lenocínio (artigo 169.º; i.e., facilitar ou favorecer o exercício de prostituição por outra pessoa), a importunação sexual (artigo 170.º; i.e., praticar atos de natureza exibicionista e/ou formular

propostas de teor sexual, causando desconforto na vítima) e o abuso sexual de crianças (artigo 171.º; i.e., praticar ato sexual de relevo com um menor de 14 anos). De destacar que os crimes descritos nos artigos 163.º (i.e., coação sexual) e 164.º (i.e., violação) também ocorrem sempre que os atos forem praticados “contra a vontade cognoscível da vítima” (CPP, parágrafo 3 dos artigos 163.º e 164.º); isto foi acrescentado para clarificar o constrangimento descrito associado ao tipo fundamental de violência sexual em questão: “(...) qualquer meio, não previsto no número anterior (i.e., violência, ameaça grave ou ter tornado a vítima inconsciente ou na impossibilidade de resistir), empregue para a prática de ato sexual de relevo contra a vontade cognoscível da vítima” (CPP, parágrafo 3 dos artigos 163.º e 164.º).

Crenças e Mitos sobre Violência Sexual

Desde há décadas que vários investigadores têm procurado compreender de que forma as atitudes de género (e.g., Burt, 1980; Ong & Ward, 1999) e/ou os mitos sobre a violência sexual, os quais são prevalentes nas sociedades modernas e contribuem para a elevada prevalência da violação (Suarez & Gadalla, 2010), contribuem para a violência desta natureza (Martins et al., 2012). Uma vez que estas atitudes e crenças podem ser apresentadas por ofensores/as e vítimas, explorá-las permite compreender melhor como é que os indivíduos envolvidos neste tipo de violência reagem e se comportam face a este fenómeno. Alguns exemplos de mitos sobre a violência sexual, os quais correspondem a crenças geralmente falsas que desvalorizam e justificam a agressão sexual masculina contra as mulheres (Lonsway & Fitzgerald, 1994), são a percepção de que as vítimas mentem sobre a sua situação de vitimação (Cuklanz, 2000; Fávero et al., 2020) (“*She lied*” [“Ela mentiu”] [Payne et al., 1999; McMahon & Farmer, 2011]; e.g., “Ela não foi violada, ela estava a trair o seu namorado”) e a de que estas são, pelo menos parcialmente, responsáveis pela situação, devido a comportamentos ou características individuais (Scully, 1990) (“*She asked for it*” [“Ela estava a pedi-las”] [Payne et al., 1999; McMahon & Farmer, 2011]; e.g., “Ela estava a vestir uma saia tão curta, estava

basicamente a pedi-las”). De facto, a característica central destas crenças é a atribuição da culpa do episódio de violência sexual à vítima (Edwards et al., 2011; Grubb & Turner, 2012). Esta situação contribui para o facto de muitas mulheres sentirem medo de ser culpadas pela violência sexual (Nagel, 2005) de que foram vítimas, ou de serem acusadas de estar a mentir (Heath et al., 2013), resultando num número muito mais reduzido de denúncias em relação ao número real destas ocorrências (Jayalakshmi et al., 2016). A aceitação deste tipo de mitos promove uma cultura de *victim-blaming* (i.e., culpabilização da vítima) (Grubb & Turner, 2012) e contribui para a estigmatização da violência sexual (Kennedy & Prock, 2016). Além disso, a literatura evidencia que estas crenças estão associadas a atitudes hostis em relação às mulheres (Suarez & Gadalla, 2010) e sua objetificação (Seabrook et al., 2019), a crenças sexuais disfuncionais (Barnett et al., 2017), a atitudes de género patriarcais (Caldara, 2018), a estereótipos sexuais masculinos e de submissão sexual feminina (Fakunmoju et al., 2016) e a uma tendência para a violência sexual (Hust et al., 2019; Yapp & Quayle, 2018). Estes resultados sugerem que o sexismo contribui para a perpetuação dos mitos sobre a violência sexual (Costa, 2020).

A literatura mostra amplamente que os homens aceitam mitos sobre a violação de forma mais prevalente em comparação com as mulheres (e.g., Barnett et al., 2018; Costa, 2020 [$d = .49, p < .001$]; Davies et al., 2001; Davies et al., 2012; Fakunmoju et al., 2019; Geiger et al., 2004; Jonason et al., 2017 [$d = .74, p < .05$]; Rominski et al., 2017; Sanchez-Ruiz et al., 2021 [$d = .58, p < .001$]). Estes resultados sugerem que os homens têm um menor conhecimento sobre a violência sexual sendo, de acordo com Anderson (2007), expetável que as mulheres conheçam melhor este fenómeno e se identifiquem mais com as vítimas; a autora explica este menor conhecimento dos homens em relação à violência sexual através do facto de estes serem menos vítimas deste crime, terem poucos amigos que o foram e este tema não surgir com frequência nas suas interações sociais.

Dark Tetrad e Violência Sexual

Ao longo das últimas duas décadas, verificaram-se múltiplas associações entre as variáveis “negras” da personalidade e diversos comportamentos considerados socialmente aversivos ou prejudiciais, designadamente a exploração e manipulação de outrem (Jones & Figueiredo, 2013; Marcus et al., 2018; Paulhus et al., 2021) – particularmente um padrão de relacionamentos a curto prazo que envolve comportamentos de exploração e manipulação do/a companheiro/a para benefício próprio (Jonason et al., 2009, 2011) – comportamentos de risco (e.g., abandono escolar, consumo de substâncias psicoativas, relações sexuais desprotegidas) (Malesza & Ostaszewski, 2016; Stanwix & Walker, 2021), infidelidade (Valeria, 2019) e vingança contra um/a parceiro/a romântico/a (Brewer et al., 2015) e violência em todas as suas formas (e.g., física, emocional, social, sexual) (Jones & Neria, 2015; Paulhus et al., 2011, 2018; Robertson & Knight, 2014; Russel & King, 2016). A literatura que incide, especificamente, na associação entre a *Dark Tetrad* e a violência sexual é relativamente escassa (Boland, 2018); no entanto, algumas investigações evidenciaram relações entre estes traços de personalidade e comportamentos de agressão sexual, nomeadamente a coerção sexual em homens, através do uso da força física ou ameaças (Lyons et al., 2020; Valeria, 2019), a insistência em contactos sexuais (Forbes et al., 2006; Koscielska et al., 2019) e o assédio sexual (Zeigler-Hill et al., 2016). Mais especificamente, foram verificadas associações entre o narcisismo e a coerção sexual (Blinkhorn et al., 2015), bem como entre o narcisismo e a legitimação do uso de violência sexual mediante mitos sobre este tipo de violência (Boland, 2018; Costa, 2020; Hepper et al., 2014; Jonason et al., 2017); foram, igualmente, determinadas relações entre a psicopatia e a legitimação do uso de violência sexual mediante mitos sobre este tipo de violência (Boland, 2018; Debowska et al., 2015; DeLisle et al., 2019; Mouilso & Calhoun, 2013), assim como entre a psicopatia a coerção sexual (Figueiredo et al., 2015; Jonason, 2015; Valeria, 2019), e entre a psicopatia e o comportamento “predatório” sexual (O’Connell &

Marcus, 2016); verificaram-se associações entre o Maquiavelismo e a legitimação do uso de violência sexual através de mitos sobre este tipo de violência (Jonason et al., 2017); por último, também foram observadas relações entre o sadismo e a coação sexual através da força física ou pressão verbal (Valeria, 2019), bem como entre o sadismo e a aceitação de mitos sobre a violência sexual (Boland, 2018). Quando a variância partilhada entre todos os traços da *Dark Triad* é controlada estatisticamente, apenas a psicopatia emerge como preditor único de mitos associados à violência sexual (Jonason et al., 2017; para exploração e exemplos destes mitos, ver secção “Crenças e Mitos sobre Violência Sexual”, abaixo). Além disto, os ofensores sexuais do género masculino apresentam tendencialmente níveis mais elevados de psicopatia em comparação com os não-ofensores (Abbey et al., 2012; Navas et al., 2021). Por fim, foi observado que o sadismo é um preditor de violência sexual (Robertson & Knight, 2014; Russel & King, 2016), eventualmente devido a aspetos característicos como a crueldade, a indiferença e a agressividade (Boland, 2018). Em conjunto, os resultados destes estudos sugerem que níveis elevados dos traços da *Dark Tetrad* – e em particular o sadismo e a psicopatia – estão associados a níveis elevados de atitudes e comportamentos facilitadores de violência sexual contra mulheres.

Conceitos de Sexismo e Machismo Sexual

Definição de Sexismo e Machismo Sexual

O sexismo é um conjunto de estereótipos relativos à avaliação cognitiva, afetiva e comportamental sobre os papéis sociais dos indivíduos de acordo com o seu sexo (Rosenberg et al., 1960), tendo as suas raízes em condições biológicas, histórias e sociais, estando este construto associado à tendência de considerar o género masculino superior ao feminino, com base na ideologia patriarcal (Navas et al., 2021). Glick e Fiske (1996) preconizam que o sexismo apresenta dois subcomponentes, diferenciados ainda que interrelacionados, os quais formam o sexismo ambivalente: o sexismo hostil e o benevolente. O primeiro coincide com o

sexismo descrito por Allport (1954), estando relacionado a um desprezo pelas mulheres e ao exercício do domínio dos homens sobre as mesmas e traduzindo-se na manifestação explícita de atitudes e crenças favoráveis em relação aos homens e negativas em relação às mulheres (e.g., “As mulheres são inferiores aos homens”); o segundo é composto por crenças e atitudes aparentemente inofensivas – e positivas – sobre as mulheres, mantendo-se a característica central da desigualdade de género (e.g., “As mulheres devem ser protegidas”). Esta dimensão do sexismo ambivalente contribui para a manutenção dos papéis de género tradicionais, nomeadamente as noções de que os homens são naturalmente mais racionais e fortes e de que as mulheres são naturalmente amáveis e mais emotivas (Hellmer et al., 2018). O sexismo benevolente apresenta, portanto, uma faceta “positiva”, o que pode camuflar as suas funções ideológicas relacionadas com os padrões de género convencionais e a desigualdade de género (Navas et al., 2021). Efetivamente, ainda que o sexismo benevolente aparente envolver comportamentos associados a vantagens para as mulheres (e.g., um homem abrir a porta a uma mulher ou puxar uma cadeira para a mesma se sentar), a literatura evidencia que este tipo de sexismo é tão opressivo quanto o sexismo hostil (e.g., Lemus et al., 2010); mais, o primeiro tipo de sexismo (i.e., benevolente) não deixa de estar relacionado com crenças de superioridade dos indivíduos do género masculino em relação aos do género feminino e o tratamento aparentemente “gentil” associado a este sexismo assenta na proteção paternalista e condescendente dos primeiros em relação aos segundos (Dardenne et al., 2007). Presentes nos estereótipos sexistas ambivalentes, a hostilidade – derivada do sexismo hostil – e a benevolência – derivada do sexismo benevolente – interagem socialmente para promover a desigualdade de género até nos relacionamentos de maior intimidade (Valeria, 2019).

O machismo, construto muitas vezes considerado sinónimo ou muito semelhante ao de sexismo (Silva et al., 2020), pode ser definido como uma ideologia sociocultural que defende e justifica a superioridade e o domínio dos indivíduos do género masculino sobre os do género

feminino (Pérez-Martínez et al., 2020), enaltecendo as qualidades consideradas “masculinas”, nomeadamente a agressividade e a independência, e desvalorizando as qualidades consideradas “femininas”, como a debilidade, a dependência e a submissão (Rubia & Basurto, 2016). Neste sentido, o machismo tem por base a hipermasculinidade, construto que corresponde a padrões de um “desempenho masculino” exagerado, segundo os quais os homens devem expressar o seu género através da hostilidade, do domínio sobre as mulheres (Murnen & Kohlman, 2007) e devem obter o respeito dos outros através de comportamentos agressivos e “não-femininos” (Pleck et al., 2010). O machismo pode ser considerado, por si só, uma forma de violência contra as mulheres, já que fomenta uma cultura de distinção extrema de direitos e deveres entre os géneros, resultando em comportamentos preconceituosos e violentos (Peixoto & Nobre, 2015). Ainda que, ao longo dos últimos anos, tenha havido avanços sociais devido a movimentos de combate às desigualdades de género, nas sociedades modernas as relações de género ainda são muito pautadas pelo machismo, existindo ainda desigualdades (e.g., económicas, sociais) (Silva & Mendes, 2015). O machismo sexual, que surge na interseção entre o machismo e o sexismo, refere-se ao conjunto de crenças associadas à superioridade do homem que resultam em comportamentos de natureza sexual que colocam em risco a saúde sexual e o bem-estar físico do próprio e do/a seu/a parceiro/a (Rodríguez et al., 2010); alguns exemplos destas crenças são “O homem deve ter várias parceiras sexuais” e “Uma mulher deve aceitar a infidelidade/traição do seu companheiro” (Silva et al., 2020).

Machismo, Legitimação da Violência Sexual e *Dark Tetrad*

A génese e a manutenção da violência sexual podem ser explicadas por uma sociedade dicotomizada na qual as desigualdades estruturais se baseiam no género (Bosch-Fiol & Ferrer-Perez, 2019), sendo que qualquer ato de violência sexual – a qual afeta desproporcionalmente as mulheres (ver “Definição, Impacto e Enquadramento Legal em Portugal”, acima, para exemplos de estatísticas entre géneros) – segundo o Tribunal de Justiça da União Europeia,

pode ser considerado uma forma de violência de género (Ubieto Oliván, 2018). Este tipo de violência assenta fortemente no sexismo – sendo este último considerado um fator de risco dinâmico que explica o controlo ou domínio dos homens sobre as mulheres enquanto o elemento principal da violência sexual (e.g., Bosch-Fiol & Ferrer, 2019; Çalıkoglu et al., 2018; Canto et al., 2020) – e, de facto, os homens reclusos por violência sexual contra mulheres tendem a exibir maiores níveis de sexismo em comparação com os homens da população geral (Navas et al., 2021). Além disso, a literatura evidencia amplamente que os indivíduos com crenças sexistas têm uma maior tendência para aceitar mitos sobre violência sexual (e.g., Murphy, 2018; Sanchez-Ruiz et al., 2021; Schafer et al., 2018; Sierra et al., 2010; Stoll et al., 2016, 2018), atribuindo mais a culpa à vítima pelo sucedido, possivelmente porque tendem a acreditar que esta, frequentemente do género feminino, desejou a interação sexual, ainda que o seu consentimento face a todos os atos sexuais não tenha sido explícito (Suarez et al., 2010). A literatura evidencia, também, relações entre a hipermasculinidade – a qual está na base do machismo – e diversos comportamentos de violência (e.g., Wells et al., 2011), nomeadamente sexual (McCauley et al., 2014; Parrott & Zeichner, 2003) e nas relações de intimidade (Reidy et al., 2014). Observaram-se, também, relações entre níveis elevados da *Dark Tetrad* e uma elevada aceitação de mitos sobre a violação (e.g., Davis et al., 2020). Por fim, já se verificaram associações entre o sexismo, bem como conceitos relacionados (i.e., machismo, hipermasculinidade), e todos os traços de personalidade da *Dark Tetrad*, designadamente: a *Dark Triad* no geral e o sexismo ambivalente (Gluck et al., 2019: $r = .33, p < .05$), e a *Dark Triad* no geral e o sexismo hostil (Gluck et al., 2019: $r = .41, p < .05$); o narcisismo e o sexismo hostil (Navas et al., 2020: $r = .39, p < .001$); o narcisismo e o sexismo benevolente (Navas et al., 2020: $r = .35, p < .001$); o narcisismo e a hipermasculinidade (Zeitchick, 2017: $r = .44, p < .001$); a psicopatia e o sexismo hostil (Navas et al., 2020: $r = .38, p < .001$ em indivíduos do género feminino e $r = .22, p < .001$ em indivíduos do género masculino; Sanchez-Ruiz et al.,

2021: $r = .16$, $p < .05$); a psicopatia e o sexismo benevolente (Navas et al., 2020: $r = .29$, $p < .001$ em indivíduos do género feminino; Valeria, 2019: $r = .17$, $p = .006$); a psicopatia e o machismo (Tekell, 2014: $r = .25$, $p < .05$ em indivíduos euro-americanos e $r = .50$, $p < .01$ em indivíduos latino-americanos); o Maquiavelismo e o sexismo hostil (Navas et al., 2020: $r = .41$, $p < .001$ em indivíduos do género feminino e $r = .32$, $p < .001$ em indivíduos do género masculino; Sanchez-Ruiz et al., 2021: $r = .27$, $p < .001$; Valeria, 2019: $r = .20$, $p = .001$); o Maquiavelismo e o sexismo benevolente (Navas et al., 2020: $r = .34$, $p < .001$ em indivíduos do género feminino; Sanchez-Ruiz et al., 2021: $r = .28$, $p < .001$; Valeria, 2019: $r = .20$, $p = .001$); o sadismo e o sexismo benevolente (Valeria, 2019: $r = .30$, $p = .001$)).

O Presente Estudo

Muitos estudos anteriores desenvolvidos no âmbito dos comportamentos de violência sexual permitiram verificar diversas variáveis preditoras atitudinais e comportamentais, nomeadamente crenças em papéis de género tradicionais, sexismo, crenças na dominância sexual masculina, aceitação da violência contra a mulher e tendência para praticar atos sexuais casuais, sem envolvimento emocional (Abbey & McAuslan, 2004; Loh et al., 2005; Malamuth et al., 1991; Valeria, 2019). Uma vez que a literatura evidencia que a aceitação de mitos sobre a violação é preditora de violência sexual perpetrada por homens contra mulheres (para uma revisão, ver Yapp & Quayle, 2018) – sendo esta última um grave problema social com diversos impactos nas vítimas – é relevante explorar se alguns traços de personalidade específicos estão associados à legitimação do uso de violência sexual (Costa, 2020). De facto, já se observaram associações entre a tolerância do uso de violência sexual através de mitos sobre este fenómeno e características individuais como o narcisismo (e.g., Boland, 2018; Costa, 2020; Jonason et al., 2017), a psicopatia (e.g., Boland, 2018; DeLisle et al., 2019; Jonason et al., 2017), o sadismo (Boland, 2018) e o Maquiavelismo (Jonason et al., 2017), bem como a *Dark Tetrad* no geral (Davis et al., 2020). De forma a aprofundar o conhecimento destas relações (i.e.,

variáveis de personalidade e legitimação do uso de violência sexual), pode ser relevante verificar se são mediadas, ou pelo menos parcialmente explicadas, por uma terceira variável. Um estudo de Costa (2020) permitiu verificar que a relação entre o narcisismo e a aceitação de mitos sobre a violação foi mediada pelo desengajamento moral. Outra investigação, de Sanchez-Ruiz e colaboradores (2021), permitiu observar que a relação entre os traços de personalidade da *Dark Triad* e a aceitação de mitos sobre a violação foi mediada pelo sexismo. No entanto, nenhum estudo anterior realizou esta análise de mediação incluindo o sadismo (i.e., utilizando a *Dark Tetrad* e não apenas a *Dark Triad*) e utilizando o machismo sexual, o qual parece ser especialmente relevante uma vez que a variável de resposta é a aceitação do uso de violência sexual. Como tal, o objetivo principal deste estudo, de natureza transversal e quantitativa, prende-se com a exploração de eventuais mediações do machismo sexual nas relações entre cada um dos componentes da *Dark Tetrad* (i.e., Maquiavelismo, narcisismo, psicopatia, sadismo) e a legitimação do uso de violência sexual. É de esperar que esta mediação se verifique, uma vez que a *Dark Tetrad* está associada ao machismo e construtos relacionados (e.g., sexismo, hipermasculinidade) (e.g., Gluck et al., 2019; Navas et al., 2020; Sanchez-Ruiz et al., 2021; Valeria, 2019) e estes últimos estão associados à aceitação do uso de violência sexual (Sanchez-Ruiz et al., 2021; Schafer et al., 2018); dadas estas interrelações, pode esperar-se que o machismo sexual explique, pelo menos parcialmente, a relação entre a *Dark Tetrad* e a legitimação do uso de violência sexual. Outro objetivo é explorar as diferenças em relação aos níveis de cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad* e o grau de aceitação ou desvalorização do uso de violência sexual entre os dois géneros em estudo (i.e., masculino e feminino). É de esperar que os participantes homens apresentem níveis mais elevados de todas as variáveis referidas. Outro objetivo do estudo é averiguar se cada uma das variáveis da *Dark Tetrad* (i.e., Maquiavelismo, narcisismo, psicopatia, sadismo) está correlacionada com cada um dos tipos específicos de crenças relacionadas com a aceitação da violência sexual (e.g.,

“Provocação da vítima”, “Falsas alegações” [ver “Aceitação da Violência Sexual”, em “Instrumentos”]), bem como se cada uma daquelas é preditora da aceitação da violência sexual – dada a literatura científica anteriormente descrita, estas relações – tanto as correlacionais (e.g., utilizando testes de correlação de Pearson ou Spearman) como as de variáveis preditoras-variável resposta (e.g., utilizando uma análise de regressão múltipla com cada um dos traços da *Dark Tetrad* como variáveis independentes e a aceitação da violência sexual como variável dependente) – são expetáveis. Diretamente relacionado com o anterior, outro objetivo é identificar a importância relativa de cada variável preditora (i.e., Maquiavelismo, narcisismo, psicopatia, sadismo) na explicação da aceitação ou tolerância do uso de violência sexual. Prevê-se que a psicopatia e o sadismo serão os componentes da *Dark Tetrad* mais importantes na explicação da legitimação de violência sexual, uma vez que são aqueles que mais se relacionam com a insensibilidade/indiferença afetiva (i.e., *callousness*) (Boland, 2018) e a psicopatia é a variável que emerge como preditora única quando a variância partilhada entre todos os traços da *Dark Tetrad* é controlada (Jonason et al., 2017); por outro lado, prevê-se que o componente menos importante na explicação da legitimação de violência sexual será o Maquiavelismo, já que este traço não tende a ser um preditor forte de atitudes favoráveis em relação à violência em comparação com os restantes componentes da *Dark Tetrad* (Jonason et al., 2012), nem um preditor da coerção sexual (Klann, 2017).

Em linha com os objetivos anteriormente mencionados, as questões de investigação são: i) Qual é o género que apresenta maiores níveis de cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad* e de aceitação ou legitimação do uso de violência sexual, bem como cada um dos tipos específicos de crenças relacionadas?; ii) Existem correlações entre cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad* e a aceitação ou legitimação do uso de violência sexual, bem como entre os primeiros e cada um dos tipos específicos de crenças relacionadas com a segunda?; iii) Será que cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad* é um preditor

estatisticamente significativo da aceitação ou legitimação do uso de violência sexual?; iv) Qual é o componente da *Dark Tetrad* que explica melhor (i.e., melhor preditor) e aquele que explica pior (i.e., pior preditor) a aceitação ou legitimação do uso de violência sexual?; v) Será que a relação entre cada um dos componentes da *Dark Tetrad* e a aceitação ou legitimação do uso de violência sexual é mediada pelo machismo sexual? Prevê-se que: a) Os homens apresentem maiores níveis de cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad*; b) Os homens apresentem maiores níveis de aceitação ou legitimação do uso de violência sexual, bem como cada um dos tipos específicos de crenças relacionadas; c) Existam correlações entre cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad* e a aceitação ou legitimação do uso de violência sexual, bem como entre os primeiros e cada um dos tipos específicos de crenças relacionadas com a segunda; d) Todos os traços de personalidade da *Dark Tetrad* sejam preditores estatisticamente significativos da aceitação ou legitimação do uso de violência sexual; e) A psicopatia e o sadismo sejam os componentes da *Dark Tetrad* que explicam melhor (i.e., “melhores” preditores) a aceitação ou legitimação do uso de violência sexual e o Maquiavelismo seja aquele que a explica pior (i.e., “pior” preditor); f) As relações entre cada um dos componentes da *Dark Tetrad* e a aceitação ou legitimação do uso de violência sexual sejam mediadas pelo machismo sexual.

Método

Amostra

O método de seleção da amostra utilizado foi a amostragem por conveniência. O estudo foi divulgado, principalmente, nas redes sociais online da equipa de investigação, bem como nos seus círculos sociais (e.g., conhecidos/as, amigos/as, familiares). O único critério de inclusão foi a idade mínima de 18 anos.

Inicialmente, a amostra do presente estudo contava com 368 participantes; porém, houve a necessidade de remover seis indivíduos por os mesmos não apresentarem a idade mínima de participação (i.e., 18 anos). Sendo assim, a amostra final ficou composta por 362 pessoas da população portuguesa, das quais 65 são do género masculino (18%), 294 do género feminino (81.2%), duas de outro género – sendo estas, mais especificamente, pessoas não binárias – (0.6%) e uma preferiu não mencionar o seu género (0.3%). As idades das pessoas participantes distribuem-se entre os 18 e os 70 anos ($M = 35.57$, $SD = 14.29$). A maior parte das pessoas respondentes possui o ensino superior completo ($n = 257$; 71%) e é empregada a tempo inteiro ($n = 221$; 61.2%), sendo que quase um quarto das mesmas tem o ensino secundário completo ($n = 84$; 23.2%) e quase três décimos são estudantes ($n = 103$; 28.5%). Os dados sociodemográficos das pessoas participantes encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Características sociodemográficas		
	Amostra	
	N	%
Género		
Feminino	294	81.2
Masculino	65	18
Outro	2	0.6
Prefiro não responder	1	0.3
Total	362	100
Idade		
Média	35.57	
Mínima	18	
Máxima	70	
Nível de escolaridade		
Sem escolaridade obrigatória	2	0.6
3.º ciclo do ensino básico completo	17	4.7
Ensino secundário completo	84	23.2

Ensino superior	257	71
Prefiro não responder	2	0.6
Total	362	100
Situação profissional		
Desempregado/a	19	5.2
Estudante	103	28.5
Empregado/a a tempo inteiro	221	61
Empregado/a a tempo parcial	15	4.1
Prefiro não responder	3	0.8
Total	361	99.7
Omissos	1	0.3

Instrumentos

Dados Sociodemográficos

Foi elaborado e utilizado um questionário sociodemográfico para recolher alguns dados gerais dos participantes, nomeadamente o género (masculino, feminino, outro), a idade (resposta livre), o nível de escolaridade (sem escolaridade obrigatória, 1.º ciclo, 2.º ciclo, 3.º ciclo, ensino secundário, ensino superior) e a situação profissional (desempregado/a, estudante, empregado/a a tempo inteiro, empregado/a a tempo parcial). Este e os restantes elementos do questionário online criado (i.e., folheto informativo, plano de proteção de dados, declaração de consentimento informado, folha de *debriefing*; ver “Procedimentos”, abaixo) podem ser solicitados ao autor ou consultados no seguinte link: https://qfreeaccountssjc1.az1.qualtrics.com/jfe/form/SV_9ZaiQIpoBP4UkyG.

Componentes da Dark Tetrad

Foi utilizada a escala *Short Dark Tetrad* (SD4; Paulhus et al., 2020), na sua versão traduzida para a língua portuguesa e adaptada para a população portuguesa (Rodrigues, 2020), a qual corresponde a um instrumento de autorrelato composto por 28 itens, cotados numa escala de

Likert de cinco pontos (de 1 = *Discordo totalmente* até 5 = *Concordo totalmente*), e avalia a presença de cada um dos componentes da *Dark Tetrad* ligados à personalidade: o Maquiavelismo (e.g., “Manipular uma situação requer planeamento”), o narcisismo (e.g., “As pessoas veem-me como um líder natural”), a psicopatia (e.g., “Já tive problemas com a lei”) e o sadismo (e.g., “Algumas pessoas merecem sofrer”). Cada componente corresponde a um fator da escala, sendo cada um avaliado com sete itens. Todos os itens são cotados no mesmo sentido, sendo que, quanto mais elevadas forem as pontuações em cada fator, as quais podem variar entre 5 e 25, maiores são as presenças dos componentes correspondentes. No artigo de validação original (Paulhus et al., 2020), os autores verificaram valores de consistência interna aceitáveis ou elevados para todos os fatores da escala ($\alpha = .80$ para o narcisismo, $\alpha = .75$ para o Maquiavelismo, $\alpha = .81$ para a psicopatia, $\alpha = .81$ para o sadismo). No artigo de adaptação para a população portuguesa (Rodrigues, 2020), a escala apresentou valores aceitáveis de consistência interna para todos os fatores, à exceção do Maquiavelismo ($\alpha = .78$ para o narcisismo, $\alpha = .76$ para a psicopatia, $\alpha = .79$ para o sadismo, $\alpha = .58$ para o Maquiavelismo). No presente estudo, os fatores da escala apresentaram valores aceitáveis de consistência interna ($\alpha = .67$ para o narcisismo, $\alpha = .78$ para a psicopatia, $\alpha = .69$ para o sadismo, $\alpha = .61$ para o Maquiavelismo).

Aceitação da Violência Sexual

Foi utilizada a Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS; Martins et al., 2012), um instrumento de autorrelato composto por 30 itens, cotados numa escala de *Likert* de cinco pontos (de 1 = *Discordo totalmente* até 5 = *Concordo totalmente*), que avalia o grau de tolerância ou aceitação quanto ao uso de violência sexual, partindo do pressuposto de que a vítima será do género feminino e o perpetrador do género masculino. Apresenta cinco fatores, cada um representando um tipo específico de crença associada à aceitação da violência sexual: representação estereotipada da violação (12 itens; itens 2, 6, 9, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 28 e

29), provocação da vítima (cinco itens; itens 8, 11, 13, 26 e 27), consentimento da vítima (quatro itens; itens 10, 17, 18 e 19), falsa noção de invulnerabilidade pessoal (cinco itens; itens 1, 3, 4, 7 e 30) e falsas alegações (quatro itens; itens 5, 12, 14 e 20). O primeiro fator (i.e., representação estereotipada da violação) está associado à legitimação do uso de violência sexual mediante a ideia da existência de um passado sexual entre o/a ofensor/a e a vítima (e.g., “Forçar o[a] cônjuge [marido/esposa] a ter relações sexuais não é violação”), bem como a ausência de violência física durante o ato (e.g., “Se uma pessoa não resistir fisicamente, então não se pode dizer que foi vítima de agressão sexual”); o segundo fator (i.e., provocação da vítima) prende-se com a justificação de violência sexual através do comportamento prévio da vítima e a sua exposição a “situações de risco” (e.g., “Se uma pessoa é violada quando está alcoolizada e/ou sob efeito de outras drogas, então pelo menos uma parte da culpa é dela”); o terceiro fator (i.e., consentimento da vítima) relaciona-se com a ideia de que, na realidade, a vítima prestou o seu consentimento ou induziu/desejou a relação sexual (e.g., “Quando as mulheres dizem não [ao sexo], muitas vezes, querem dizer sim”); o quarto fator (i.e., falsa noção de invulnerabilidade pessoal) associa-se à ideia de que os/as ofensores/as sexuais e as vítimas apresentam características que os/as tornam diferentes da restante população (e.g., “São vítimas de agressões sexuais as pessoas «indecentes»”); por fim, o quinto fator (i.e., falsas alegações) prende-se com a negação da ocorrência de violência sexual e a interpretação de que as queixas de violação por parte da vítima são sinais de arrependimento pós-facto ou vontade de vingança (e.g., “A maioria das queixas de violação é falsa ou exagerada”). A totalidade dos itens é cotada no mesmo sentido, podendo a pontuação total variar entre 30 e 150 pontos, com pontuações mais elevadas a indicar maiores níveis de legitimação/desvalorização de situações de violência sexual; é, ainda, possível somar os itens de cada fator para obter a pontuação referente a cada uma das crenças específicas relacionadas com esta tolerância à violência. No artigo de validação original (Martins et al., 2012), os autores observaram que a escala total

apresentou um valor elevado de consistência interna, com $\alpha = .91$ tanto na primeira investigação (i.e., estudo piloto, de análise psicométrica) como na segunda (i.e., estudo com a versão final da escala, com uma amostra representativa). Não foram mencionados, no artigo, os valores de consistência interna referentes a cada um dos fatores da escala. No presente estudo, a escala total apresentou uma elevada consistência interna ($\alpha = .93$), tendo os valores associados aos fatores variado entre $\alpha = .64$ no quarto fator (i.e., falsa noção de invulnerabilidade pessoal) e $\alpha = .91$ no primeiro fator (i.e., representação estereotipada da violação).

Machismo Sexual

Foi utilizada a Escala de Machismo Sexual (EMS-Sexismo-12; Rodríguez et al., 2010), na sua versão traduzida para a língua portuguesa e adaptada para a população brasileira (Silva et al., 2020), a qual corresponde a um instrumento de autorrelato breve, composto por 12 itens cotados numa escala de *Likert* de cinco pontos (de 1 = *Discordo totalmente* a 5 = *Concordo totalmente*), e mede comportamentos, atitudes e crenças machistas do ponto de vista sexual (e.g., “Somente homens podem fazer sexo antes do casamento”, “Uma mulher deve aceitar a infidelidade/traição do seu companheiro”). Ainda que esta medida tenha sido originalmente criada tendo em conta o contexto hispânico – e, mais especificamente, o mexicano – considera-se um instrumento a ser utilizado em estudos com culturas diversas (Silva et al., 2020). Todos os itens são cotados no mesmo sentido, podendo a pontuação total variar entre 12 e 60, com pontuações mais elevadas a indicar níveis mais elevados de machismo sexual. No artigo de validação original (Rodríguez et al., 2010), a escala apresentou um valor elevado de consistência interna ($\alpha = .91$). No artigo de adaptação para a população brasileira (Silva et al., 2020), a escala apresentou valores elevados e aceitáveis de consistência interna ($\alpha = .81$ no primeiro estudo, de adaptação, e $\alpha = .76$ no segundo estudo, de confirmação da estrutura

fatorial). No presente estudo, a escala apresentou um valor aceitável de consistência interna ($\alpha = .76$).

Procedimentos

Anteriormente ao início do processo de recolha de dados, o presente projeto de investigação recebeu aprovação ética do Conselho de Ética e Deontologia da Universidade da Maia (Parecer n.º 71/2022). Foi elaborado, primeiramente, um questionário online na plataforma Qualtrics, em cuja primeira página – o folheto informativo – constavam as principais informações relacionadas com o estudo e as respetivas condições de participação, designadamente: idade igual ou superior a 18 anos enquanto condição necessária para a participação, identificação e contactos do autor do estudo e orientadoras, principais objetivos (i.e., investigar a personalidade e a violência sexual), natureza sensível do tema, em que consiste a participação e respetiva duração estimada, garantia do anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos (e mera utilização futura para efeitos de análise estatística), o facto de a participação ser inteiramente voluntária, a possibilidade de desistência da participação a qualquer momento ao longo da mesma, a data até à qual será possível contactar o autor no sentido de solicitar a eliminação da participação (data a partir da qual se iniciará a análise estatística dos dados), a inexistência de quaisquer incentivos nem contrapartidas financeiras, o direito a requerer e consultar uma síntese dos resultados globais e o direito a apresentar uma reclamação junto da Comissão Nacional da Proteção de Dados. Nesta primeira página incluíram-se, igualmente, fontes de apoio relevantes para eventuais vítimas – anteriores (pré-participação) e/ou futuras (pós-participação) – deste tipo de violência (e.g., 116 006 e apav.sede@apav.pt [APAV], 22 550 29 57 e care@apav.pt [projeto CARE], 910 846 589 e apoio@quebrarosilencio.pt [Quebrar o Silêncio]). De destacar que, uma vez que o estudo envolve a recolha de informações relativamente a traços de personalidade considerados socialmente negativos, não foi apresentado o título completo do estudo – antes, foi apresentado

o título “Relação entre a Personalidade e a Violência Sexual” – nem foram descritas as questões nem os objetivos específicos da investigação (e.g., averiguar a associação entre a *Dark Tetrad* e a legitimação do uso de violência sexual), de forma a evitar efeitos de desejabilidade social nas respostas ao questionário, que poderiam enviesar os resultados (Grimm, 2010; Krumpal, 2013). Era, igualmente, apresentada numa página o plano de proteção de dados, em que a pessoa participante foi informada dos pressupostos relativos à proteção dos dados fornecidos (e.g., anonimato e confidencialidade, acesso aos dados) e à divulgação dos resultados da investigação (e.g., meios de divulgação, acesso aos resultados por parte da pessoa participante). A página seguinte do questionário consistia na declaração de consentimento informado, em que a pessoa participante teve de afirmar que entendia e concordava com todas as condições de participação anteriormente descritas no folheto informativo, através da seleção de múltiplas linhas (em formato *checklist*). Nas páginas seguintes do questionário, encontravam-se os instrumentos relevantes para a recolha de dados (i.e., questionário sociodemográfico, SD4, ECVS, EMS-Sexismo-12). Na última página do questionário, a folha de *debriefing*, constavam informações mais detalhadas em relação à investigação – era, primeiramente, apresentado o título completo do estudo e explicava-se o motivo pelo qual não era possível partilhar informações detalhadas em relação ao estudo (i.e., evitar a desejabilidade social ao longo da participação), encontravam-se descritos os objetivos específicos da investigação e eram mencionadas e brevemente definidas as variáveis em estudo. No final da última página, constavam, uma vez mais, as fontes de apoio relevantes inicialmente mencionadas.

O *link* para o questionário criado foi divulgado nas redes sociais da equipa de investigação, bem como nas suas redes de pessoas conhecidas, amigas e familiares, e a recolha de dados decorreu entre 30 de janeiro e 5 de maio de 2022.

Análise de Dados

Os dados foram analisados através do software SPSS, na versão 28. Por forma a responder às questões de investigação formuladas, e acima enunciadas, foram realizadas as seguintes análises: quatro testes-*t* para amostras independentes, utilizando o género como variável de agrupamento/independente e os componentes da *Dark Tetrad* como variáveis dependentes; seis testes de Mann-Whitney, utilizando o género como variável de agrupamento/independente e a aceitação da violência sexual e tipos específicos de crenças como variáveis dependentes; 24 testes de correlação de Spearman, utilizando os componentes da *Dark Tetrad*, a aceitação da violência sexual e tipos específicos de crenças como variáveis; uma análise de regressão linear múltipla, utilizando, utilizando os componentes da *Dark Tetrad* como variáveis preditoras/independentes e a aceitação da violência sexual como variável dependente; quatro análises de mediação, utilizando os componentes da *Dark Tetrad* como variáveis independentes, a aceitação da violência sexual como variável dependente e o machismo sexual como variável mediadora. Também foram realizadas análises descritivas de cada uma das variáveis em estudo através do cálculo de médias e desvios-padrão. No que concerne às magnitudes das correlações realizadas, as associações com $|r_s|$ inferior a .20 foram consideradas fracas, aquelas com $|r_s|$ entre .20 e .50 foram consideradas moderadas e aquelas com $|r_s|$ superiores a .50 foram consideradas fortes (Ferguson, 2009). Foram utilizados os indicadores de tamanho de efeito *d* de Cohen e *r*, respetivamente, na aplicação dos testes-*t* para amostras independentes e na aplicação dos testes de Mann-Whitney. O nível de significância utilizado para todas as análises estatísticas foi de $p < .05$.

Resultados

Análises Descritivas das Variáveis em Estudo

Relativamente aos itens da escala SD4 (Paulhus et al., 2020), as pontuações médias de resposta variaram entre 1.20 ($DP = .54$) no item 22 (i.e., “Assistir a uma luta [agressão física]

excita-me”) e 3.42 ($DP = 1.04$) no item 5 (i.e., “Manipular uma situação requer planeamento”); tendo em conta que cada item é pontuado numa escala de 1 a 5, isto sugere que os valores obtidos foram tendencialmente baixos nesta escala. Todos os itens foram pontuados, pelas pessoas participantes, entre 1 e 5, à exceção do item 22 (i.e., “Assistir a uma luta [agressão física] excita-me”), cuja pontuação máxima foi 4. As pontuações médias dos quatro traços da *Dark Tetrad* variaram entre 11.71 ($SD = 4.04$) na psicopatia e 19.02 ($SD = 4.23$) no Maquiavelismo, tendo todas as dimensões da escala apresentado o valor mínimo possível (i.e., 7) e apenas a dimensão Psicopatia apresentado o valor máximo possível (i.e., 35); considerando que as pontuações totais possíveis das subescalas são entre 7 e 35, estas situações indicam que pessoas participantes manifestaram níveis tendencialmente baixos de cada um dos componentes da *Dark Tetrad*. As análises descritivas referentes aos traços da *Dark Tetrad* encontram-se na Tabela 2 (para as análises descritivas referentes a todos os itens da SD4 [Paulhus et al., 2020], ver Anexo A).

Tabela 2

Estatísticas Descritivas dos Traços da Dark Tetrad

	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>N</i>
Maquiavelismo	19.02	4.23	303
Narcisismo	17.22	4.22	305
Psicopatia	11.71	4.04	306
Sadismo	13.22	4.25	306

Nota. O Maquiavelismo, o narcisismo, a psicopatia e o sadismo foram medidos utilizando a escala SD4 (Paulhus et al., 2020). Pontuações mais elevadas indicam uma maior presença de cada traço de personalidade.

Os níveis médios da escala de ECVS (Martins et al., 2012) variaram entre 1.08 ($SD = .35$) no item 30 (i.e., “Se uma pessoa violada já não era virgem, a violação é menos grave”) e 2.24 ($SD = 1.44$) no item 8 (i.e., “Há um certo ponto a partir do qual nenhum homem/nenhuma

mulher é de ferro”), tendo sido metade dos itens cotados entre os valores mínimo e máximo possíveis (i.e., 1 e 5) e a outra metade entre o valor mínimo possível e 4. Ademais, os níveis de aceitação da violência sexual na presente amostra variaram entre 30 e 90, tendo sido o valor médio igual a 43.20 ($SD = 12.29$). Sendo verdade que cada item é pontuado entre 1 e 5, e que o valor total mínimo possível é igual a 30 e o valor máximo possível é igual a 150, infere-se que os valores apresentados pelas pessoas participantes foram tendencialmente baixos; por outras palavras, a presente amostra exibiu, tendencialmente, níveis baixos de legitimação de violência sexual. As análises descritivas referentes ao total de aceitação da violência sexual encontram-se na Tabela 3 (para as análises descritivas referentes a todos os itens da ECVS [Martins et al., 2012], ver Anexo B).

Tabela 3

Estatísticas Descritivas da Aceitação da Violência Sexual

	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>N</i>
Aceitação da violência sexual	43.20	12.30	281

Nota. A aceitação da violência sexual foi medida utilizando a escala ECVS (Martins et al., 2012). Pontuações mais elevadas indicam um maior grau de aceitação/tolerância face à violência sexual.

Por fim, as pontuações médias da escala EMS-Sexismo-12 (Rodríguez et al., 2010) variaram entre 1.08 ($SD = 0.37$ e $SD = 0.36$, respetivamente) nos itens 1 (i.e., “Apenas homens podem fazer sexo antes do casamento”) e 3 (i.e., “Só os homens podem ter experiência sexual”), e 2.63 ($SD = 1.48$) no item 4 (i.e., “Um homem pode ter a sua primeira relação sexual com uma pessoa que não seja a sua companheira”), tendo sido cada item pontuado entre os valores mínimo e máximo possíveis (i.e., 1 e 5) à exceção dos itens 6 (i.e., “Uma mulher deve aceitar a infidelidade/traição do seu companheiro”), 11 (i.e., “O homem deve iniciar a sua vida sexual na adolescência”) e 12 (i.e., “O pai deve fazer com que o seu filho inicie a vida sexual”), que foram pontuados entre o valor mínimo possível e 4. Os níveis totais de machismo sexual

variaram entre 12 e 48, tendo sido o valor médio igual a 19.05 ($SD = 5.81$). Tendo em conta que cada item é pontuado entre 1 e 5, e que os níveis totais possíveis de machismo sexual variam entre 12 e 60, infere-se que a amostra apresentou, tendencialmente, níveis baixos deste construto. As análises descritivas referentes ao total de machismo sexual encontram-se na Tabela 4 (para as análises descritivas referentes a todos os itens da EMS-Sexismo-12 [Rodríguez et al., 2010], ver Anexo C).

Tabela 4

Estatísticas Descritivas do Machismo Sexual

	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>N</i>
Machismo sexual	19.05	5.81	288

Nota. O machismo sexual foi medido utilizando a escala EMS-Sexismo-12 (Rodríguez et al., 2010), na sua versão adaptada para a população brasileira (Silva et al., 2020). Pontuações mais elevadas indicam maiores níveis de machismo sexual.

Diferenças entre Géneros

Dark Tetrad

As médias e os desvios-padrão de cada traço de personalidade da *Dark Tetrad*, conforme medidas pela escala SD4 (Paulhus et al., 2020), nos géneros masculino e feminino, encontram-se na Tabela 5. Os homens apresentaram níveis médios mais elevados de cada um dos traços negros em relação às mulheres. Adiante apresentam-se análises para determinar a significância estatística destas diferenças entre géneros.

Tabela 5

Estatísticas Descritivas dos Traços da Dark Tetrad por Género

	Género	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>N</i>
Maquiavelismo	Feminino	18.66	4.10	250
	Masculino	20.66	4.53	50

Narcisismo	Feminino	17.04	4.06	248
	Masculino	17.91	4.84	54
Psicopatia	Feminino	11.40	3.55	250
	Masculino	12.92	5.58	53
Sadismo	Feminino	12.61	3.80	249
	Masculino	15.63	4.92	54

Nota. O Maquiavelismo, o narcisismo, a psicopatia e o sadismo foram medidos utilizando a escala SD4 (Paulhus et al., 2020). Pontuações mais elevadas indicam uma maior presença de cada traço de personalidade.

Visando a verificação do pressuposto da normalidade, a distribuição das quatro dimensões da *Dark Tetrad* na presente amostra foi explorada, tanto no género masculino como no feminino, utilizando os valores de assimetria e de curtose, testes de Kolmogorov-Smirnov, histogramas e gráficos Q-Q.

Relativamente ao Maquiavelismo, os testes de Kolmogorov-Smirnov apontaram para uma distribuição significativamente semelhante à normal no género masculino, $D(49) = .085$, $p = .200$, mas não no género feminino, $D(236) = .064$, $p = .020$. Ainda assim, os valores de assimetria (-.05) e curtose (-.16) relativos à distribuição do Maquiavelismo no género feminino, bem como a observação do histograma e do gráfico Q-Q (ver Anexo D), indicaram uma distribuição aproximadamente normal. Da mesma forma, os valores de assimetria (-.15) e curtose (.29) associados à distribuição desta variável no género masculino, assim como a observação do histograma e do gráfico Q-Q (ver Anexo E), apontaram para uma distribuição aproximadamente normal.

No que concerne ao narcisismo, os testes de Kolmogorov-Smirnov sugeriram uma distribuição significativamente semelhante à normal no género masculino, $D(49) = .07$, $p =$

.200, mas não no género feminino, $D(236) = .07, p = .005$. Contudo, os valores de assimetria (-.14) e curtose (-.27), bem como a observação do histograma e do gráfico Q-Q (ver Anexo F), apontaram para uma distribuição do narcisismo aproximadamente normal no género feminino. De igual forma, os valores de assimetria (.45) e curtose (.63), assim como a observação do histograma e do gráfico Q-Q (ver Anexo G) apontaram para uma distribuição deste traço aproximadamente normal no género masculino.

Os testes de Kolmogorov-Smirnov relativos à distribuição da psicopatia apontaram, em ambos os géneros, para distribuições significativamente diferentes da normal, $D(49) = .18, p < .001$ no masculino e $D(236) = .14, p < .001$ no feminino. Da mesma forma, os valores de assimetria (1.75 no género masculino e .99 no género feminino) e de curtose (4.39 no género masculino e .85 no género feminino), assim como a observação dos histogramas e dos gráficos Q-Q (ver Anexo H) apontaram para distribuições deste traço diferentes da normal em ambos os géneros. Procedeu-se, assim, a uma transformação logarítmica (Lg10) da variável original, tendo a distribuição da nova variável melhorado visivelmente. O teste de Kolmogorov-Smirnov relativo ao género masculino apontou para uma distribuição significativamente semelhante à normal, $D(53) = .09, p = .200$, embora isto não tenha acontecido no género feminino, $D(250) = .10, p < .001$; todavia, os valores de assimetria (.34) e curtose (-.53), bem como a observação do histograma e do gráfico Q-Q (ver Anexo I), indicaram uma distribuição da nova variável aproximadamente normal no género feminino. Da mesma forma, os valores de assimetria (.49) e curtose (-.14), assim como a observação do histograma e do gráfico Q-Q (ver Anexo J), apontaram para uma distribuição da variável transformada aproximadamente normal no género masculino. Esta nova variável foi utilizada nas análises subsequentes.

Por fim, os testes de Kolmogorov-Smirnov associados à distribuição do sadismo indicaram, tanto no género masculino quanto no feminino, distribuições significativamente diferentes da normal, $D(49) = .19, p < .001$ no masculino e $D(236) = .11, p < .001$ no feminino.

De igual forma, a observação dos histogramas e dos gráficos Q-Q (ver Anexo K) apontou para distribuições deste traço diferentes da normal em ambos os géneros. Assim, procedeu-se a uma transformação logarítmica ($Lg10$) da variável original, tendo a distribuição da nova variável melhorado marcadamente. O teste de Kolmogorov-Smirnov relativo ao género masculino apontou para uma distribuição significativamente semelhante à normal, $D(54) = .11$, $p = .076$, ainda que no género feminino, $D(249) = .08$, $p = .001$, tal não se tenha verificado; porém, o valor de assimetria ($-.01$) e a observação do histograma e do gráfico Q-Q (ver Anexo L) apontaram para uma distribuição da nova variável aproximadamente normal no género feminino. De igual forma, os valores de assimetria ($-.22$) e curtose ($.27$), assim como a observação do histograma e do gráfico Q-Q (ver Anexo M) apontaram para uma distribuição desta nova variável aproximadamente normal no género masculino. Esta nova variável foi utilizada nas análises subsequentes.

Foram utilizados quatro testes- t para amostras independentes para explorar possíveis diferenças ao nível dos traços de personalidade da *Dark Tetrad* entre os géneros masculino e feminino (ver Anexo N). Os homens apresentaram níveis médios de Maquiavelismo ($M = 20.66$, $SD = 4.53$) e de sadismo ($M = 15.63$, $SD = 4.92$) mais elevados em relação às mulheres ($M = 18.66$, $SD = 4.10$ e $M = 12.61$, $SD = 3.80$, respetivamente). Os testes de Levene indicaram que os pressupostos da homogeneidade de variâncias foram cumpridos para o Maquiavelismo, $p = .366$, e para o sadismo, $p = .732$. Os testes- t indicaram que estas diferenças entre géneros são estatisticamente significativas, $t(298) = 3.10$, $p = .001$ (unilateral) para o Maquiavelismo e $t(301) = 4.65$, $p < .001$ (unilateral) para o sadismo. Os valores de d de Cohen associados ao Maquiavelismo e ao sadismo ($d = .48$ e $d = .70$, respetivamente) sugerem efeitos médios. Da mesma forma, os homens apresentaram níveis médios de narcisismo ($M = 17.91$, $SD = 4.84$) e de psicopatia ($M = 12.92$, $SD = 5.58$) mais elevados em relação às mulheres ($M = 17.04$, $SD = 4.06$ e $M = 11.40$, $SD = 3.55$, respetivamente). O teste de Levene indicou que o pressuposto da

homogeneidade de variâncias para o narcisismo foi cumprido, $p = .100$, tendo o teste de Levene sugerido que este pressuposto para a psicopatia foi violado, $p = .016$. Os testes- t indicaram que estas diferenças entre géneros não são estatisticamente significativas, $t(300) = 1.37$, $p = .086$ (unilateral) para o narcisismo e $t(65.39) = 1.64$, $p = .053$ (unilateral) para a psicopatia. Os valores de d de Cohen associados ao narcisismo e à psicopatia ($d = .21$ e $d = .30$, respetivamente) sugerem efeitos pequenos. Estes resultados encontram-se sintetizados na Tabela 6.

Tabela 6

Traços da Dark Tetrad por Género e Testes- t para Amostras Independentes

	Mulheres		Homens		t	p	d de Cohen
	M	SD	M	SD			
Maquiavelismo	18.66	4.10	20.66	4.53	3.10	.001	.48
Narcisismo	17.04	4.06	17.91	4.84	1.37	.086	.21
Psicopatia	11.40	3.55	12.92	5.58	1.64	.053	.30
Sadismo	12.61	3.80	15.63	4.92	4.65	< .001	.70

Nota. O Maquiavelismo, o narcisismo, a psicopatia e o sadismo foram medidos utilizando a escala SD4 (Paulhus et al., 2020). Pontuações mais elevadas indicam uma maior presença de cada traço de personalidade.

Legitimação do Uso de Violência Sexual

As médias e os desvios-padrão da tolerância face à violência sexual, assim como os referentes a cada um dos tipos específicos de crenças associadas, conforme medidos pela escala ECVS (Martins et al., 2012), nos géneros masculino e feminino, encontram-se na Tabela 7. Os homens apresentaram níveis médios mais elevados de aceitação da violência sexual, bem como de cada um dos tipos específicos de mitos associados, em relação às mulheres. Adiante apresentam-se análises para determinar a significância estatística destas diferenças entre géneros.

Tabela 7

Estatísticas Descritivas da Aceitação da Violência Sexual e Tipos Específicos de Crenças por Género

	Género	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>N</i>
Aceitação da violência sexual	Feminino	41.57	10.70	50
	Masculino	50.61	15.30	46
Representação estereotipada da violação	Feminino	14.51	4.16	238
	Masculino	17.63	6.56	46
Provocação da vítima	Feminino	8.64	3.30	240
	Masculino	10.44	4.06	48
Consentimento da vítima	Feminino	6.70	2.63	242
	Masculino	8.44	2.89	48
Falsa noção de invulnerabilidade pessoal	Feminino	6.08	1.40	239
	Masculino	7.60	2.62	48
Falsas alegações	Feminino	6.80	2.64	239
	Masculino	8.52	2.81	48

Nota. A aceitação da violência sexual, bem como os tipos específicos de crenças associadas, foi medida utilizando a escala ECVS (Martins et al., 2012). Pontuações mais elevadas indicam um maior grau de aceitação/tolerância face à violência sexual e uma maior presença de cada tipo específico de crença.

Foi explorada a distribuição das pontuações de legitimação da violência sexual na presente amostra, bem como aquelas de cada uma das subescalas da ECVS (Martins et al., 2012), tanto nos géneros masculino quanto feminino, para verificar o pressuposto da

normalidade, utilizando os valores de assimetria e de curtose, testes de Kolmogorov-Smirnov, histogramas e gráficos Q-Q.

No que concerne à distribuição do total de legitimação da violência sexual, os testes de Kolmogorov-Smirnov indicaram, em ambos os gêneros, distribuições significativamente diferentes da normal, $D(46) = .15, p = .013$ no masculino e $D(232) = .168, p < .001$ no feminino. De igual forma, os valores de assimetria no gênero masculino (1.02) e aqueles de assimetria (1.52) e de curtose (2.63) no gênero feminino, assim como a observação dos histogramas e dos gráficos Q-Q (ver Anexo O) apontaram para distribuições desta variável diferentes da normal em ambos os gêneros. Nenhuma transformação da variável original aproximou as distribuições marcadamente daquela normal, pelo que a primeira foi utilizada nas análises subsequentes.

Os testes de Kolmogorov-Smirnov relativos à distribuição da subescala “Representação estereotipada da violação” apontaram, em ambos os gêneros, para distribuições significativamente diferentes da normal, $D(46) = .20, p < .001$ no masculino e $D(232) = .27, p < .001$ no feminino. De igual forma, os valores de assimetria (1.23 no gênero masculino e 2.44 no gênero feminino) e de curtose (.74 no gênero masculino e 7.32 no gênero feminino), assim como a observação dos histogramas e dos gráficos Q-Q (ver Anexo P) apontaram para distribuições desta subescala diferentes da normal em ambos os gêneros. Nenhuma transformação da variável original aproximou a distribuição marcadamente daquela normal, pelo que a primeira foi utilizada nas análises subsequentes.

No que concerne à distribuição da dimensão “Provocação da vítima”, os testes de Kolmogorov-Smirnov indicaram, em ambos os gêneros, distribuições significativamente diferentes da normal, $D(48) = .20, p = .004$ no masculino e $D(240) = .21, p < .001$ no feminino. Os valores de assimetria (.69 no gênero masculino e 1.84 no gênero feminino) e de curtose (-.63 no gênero masculino e 3.98 no gênero feminino), assim como a observação dos histogramas

e dos gráficos Q-Q (ver Anexo Q) apontaram, igualmente, para distribuições desta subescala diferentes da normal em ambos os géneros. Nenhuma transformação da variável original aproximou a distribuição marcadamente daquela normal, pelo que a primeira foi utilizada nas análises subsequentes.

Os testes de Kolmogorov-Smirnov relativos à distribuição da subescala “Consentimento da vítima” apontaram, em ambos os géneros, para distribuições significativamente diferentes da normal, $D(48) = .15, p = .010$ no masculino e $D(242) = .18, p < .001$ no feminino. No entanto, os valores de assimetria (.28) e de curtose (-.23), assim como a observação do histograma e do gráfico Q-Q (ver Anexo R) relativos ao género masculino indicaram uma distribuição desta subescala aproximada à normal. Por outro lado, os valores de assimetria (.69) e de curtose (-.58), assim como a observação dos histogramas e do gráfico Q-Q (ver Anexo S) relativos ao género feminino, apontaram para uma distribuição desta variável diferente da normal. Nenhuma transformação da variável original aproximou a distribuição marcadamente daquela normal no género feminino, pelo que se utilizou a variável original nas análises subsequentes.

Os testes de Kolmogorov-Smirnov relativos à distribuição da subescala “Falsa noção de invulnerabilidade pessoal” apontaram, em ambos os géneros, para distribuições significativamente diferentes da normal, $D(48) = .26, p < .001$ no masculino e $D(239) = .29, p < .001$ no feminino. De igual forma, os valores de assimetria (1.62 no género masculino e 1.92 no género feminino) e de curtose (2.49 no género masculino e 74.25 no género feminino), assim como a observação dos histogramas e dos gráficos Q-Q (ver Anexo T) apontaram para distribuições desta subescala diferentes da normal em ambos os géneros. Nenhuma transformação da variável original aproximou a distribuição marcadamente daquela normal, pelo que a primeira foi utilizada nas análises subsequentes.

No que diz respeito à distribuição da subescala “Falsas alegações”, os testes de Kolmogorov-Smirnov indicaram uma distribuição significativamente semelhante à normal no género masculino, $D(48) = .12, p = .094$, e uma distribuição significativamente diferente da normal no género feminino, $D(239) = .17, p < .001$. Contudo, os valores de curtose no género masculino (-1.05) e de assimetria no género feminino (-.67), assim como a observação dos histogramas e dos gráficos Q-Q (ver Anexo U) apontaram para distribuições deste traço diferentes da normal em ambos os géneros. Nenhuma transformação da variável original aproximou a distribuição marcadamente daquela normal, pelo que a primeira foi utilizada nas análises subsequentes.

Foram realizados seis testes de Mann-Whitney para explorar eventuais diferenças ao nível da aceitação da violência sexual, bem como ao nível de cada uma das subescalas, entre os géneros masculino e feminino (ver Anexo V). Os homens apresentaram níveis médios de legitimação da violência sexual ($Mdn = 48.50$), assim como de cada um dos subtipos de mitos associados à violência sexual ($Mdn = 15.50$ para “Representação estereotipada da violação”, $Mdn = 9$ para “Provocação da vítima”, $Mdn = 8$ para “Consentimento da vítima”, $Mdn = 7$ para “Falsa noção de invulnerabilidade pessoal” e $Mdn = 8$ para “Falsas alegações”), mais elevados em relação às mulheres ($Mdn = 39$, $Mdn = 13$, $Mdn = 8$, $Mdn = 6$, $Mdn = 6$ e $Mdn = 6$, respetivamente), sendo estas diferenças estatisticamente significativas, $U = 3239.50, z = -4.21, p < .001$ para o total de aceitação da violência sexual, $U = 3929.50, z = -3.18, p = .001$ para a dimensão “Representação estereotipada da violação”, $U = 4228, z = -2.98, p = .003$ para a dimensão “Provocação da vítima”, $U = 3821.50, z = -3.80, p < .001$ para a dimensão “Consentimento da vítima”, $U = 3305.50, z = -4.86, p < .001$ para a dimensão “Falsa noção de invulnerabilidade pessoal” e $U = 3724.50, z = -3.88, p < .001$ para a dimensão “Falsas alegações”. Os valores de r associados ao total da aceitação da violência sexual e à subescala “Falsa noção de invulnerabilidade pessoal” ($r = -.25$ e $r = -.29$, respetivamente) indicam efeitos

médios e os valores de r relativos às subescalas “Representação estereotipada da violação”, “Provocação da vítima”, “Consentimento da vítima” e “Falsas alegações” ($r = -.19$, $r = -.18$, $r = -.23$ e $r = -.23$, respetivamente) indicam efeitos pequenos. Estes resultados encontram-se sintetizados na Tabela 8.

Tabela 8

Aceitação da Violência Sexual e Tipos Específicos de Crenças por Género e Testes U de Mann-Whitney

	Mulheres	Homens	U	z	p	r
	Mdn	Mdn				
Aceitação da violência sexual	39	48.50	3239.50	-4.21	< .001	-.25
Representação estereotipada da violação	13	15.50	3929.50	-3.18	.001	-.19
Provocação da vítima	8	9	4228	-2.98	.003	-.18
Consentimento da vítima	6	8	3821.50	-3.80	< .001	-.23
Falsa noção de invulnerabilidade pessoal	6	7	3305.50	-4.86	< .001	-.29
Falsas alegações	6	8	3724.50	-3.88	< .001	-.23

Nota. A aceitação da violência sexual, bem como os tipos específicos de crenças associadas, foi medida utilizando a escala ECVS (Martins et al., 2012). Pontuações mais elevadas indicam um maior grau de aceitação/tolerância face à violência sexual e uma maior presença de cada tipo específico de crença.

Dark Tetrad e Legitimação do Uso de Violência Sexual

Associação entre Traços da Dark Tetrad e Legitimação do Uso de Violência Sexual

Não tendo sido verificado o cumprimento do pressuposto da normalidade na distribuição das pontuações de legitimação da violência sexual, nem em nenhuma dos tipos específicos das crenças associadas, realizaram-se 24 testes de correlação de Spearman para explorar eventuais associações entre cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad* e a aceitação da violência sexual, bem como entre cada um destes traços e cada um dos subtipos

de crenças (ver Anexo W). Observaram-se correlações positivas fracas a moderadas, estatisticamente significativas, entre todos os pares de variáveis analisados, à exceção de entre o narcisismo e o subtipo “Consentimento da vítima” de crenças associadas à legitimação da violência sexual, $r_s(285) = .09, p = .064$. As intensidades das associações variaram entre $r_s(283) = .11, p = .030$ (unilateral) (sadismo e “Falsa noção de invulnerabilidade pessoal”) e $r_s(272) = .29, p < .001$ (unilateral) (Maquiavelismo e total de tolerância face à violência sexual). Por outras palavras, indivíduos com níveis mais elevados de cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad*, na amostra, tendem a apresentar, igualmente, níveis mais elevados de aceitação da violência sexual e de cada um dos tipos específicos de crenças associadas. Estes resultados encontram-se na Tabela 9.

Tabela 9

Correlações de Spearman entre os Traços da Dark Tetrad, a Aceitação da Violência Sexual e os Tipos Específicos de Crenças

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Maquiavelismo	—									
2. Narcisismo		—								
3. Psicopatia			—							
4. Sadismo				—						
5. Aceitação da violência sexual	.29***	.17**	.27***	.27***	—					
6. Representação estereotipada da violação	.25***	.17**	.26***	.17**		—				
7. Provocação da vítima	.29***	.17**	.21***	.14**			—			
8. Consentimento da vítima	.21***	.09	.20***	.27***				—		

9. Falsa noção de invulnerabilidade pessoal	.22***	.13*	.19***	.11*	—
10. Falsas alegações	.24***	.20***	.22***	.22***	—

Nota. O Maquiavelismo, o narcisismo, a psicopatia e o sadismo foram medidos utilizando a escala SD4 (Paulhus et al., 2020). A aceitação da violência sexual, bem como os tipos específicos de crenças associadas, foi medida utilizando a escala ECVS (Martins et al., 2012).

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Traços da Dark Tetrad enquanto Preditores da Tolerância do Uso de Violência Sexual

As médias e os desvios-padrão do total de aceitação da violência sexual, conforme medido pela escala ECVS (Martins et al., 2012), assim como os referentes a cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad*, conforme medidos pela escala SD4 (Paulhus et al., 2020), na totalidade da amostra, encontram-se na Tabela 10.

Tabela 10

Estatísticas Descritivas da Aceitação da Violência Sexual e dos Traços da Dark Tetrad

	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>N</i>
Aceitação da violência sexual	43.20	12.30	281
Maquiavelismo	19.02	4.23	303
Narcisismo	17.22	4.22	305
Psicopatia	11.71	4.04	306
Sadismo	13.22	4.25	306

Nota. A aceitação da violência sexual foi medida utilizando a escala ECVS (Martins et al., 2012). Pontuações mais elevadas indicam um maior grau de aceitação/tolerância face à violência sexual. O Maquiavelismo, o narcisismo, a psicopatia e o sadismo foram medidos utilizando a escala SD4 (Paulhus et al., 2020). Pontuações mais elevadas indicam uma maior presença de cada traço de personalidade.

Realizou-se uma análise de regressão linear múltipla utilizando o método “Enter” para examinar se cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad* (i.e., variáveis independentes) é preditor do total de aceitação da violência sexual (i.e., variável dependente) (ver Anexo X). As análises preliminares sugeriram que os pressupostos para a realização da regressão múltipla

foram cumpridos. Mais especificamente, o pressuposto da não multicolinearidade (i.e., todas as correlações entre as variáveis preditoras eram inferiores a .90 [a mais alta era de .46]; os fatores de inflação da variância eram inferiores a 10 [o mais elevado era de 1.42]; o fator de inflação da variância médio não era substancialmente superior a 1 [1.28]; os valores de tolerância eram superiores a .20 [o mais baixo era .71]), o pressuposto da não autocorrelação (i.e., o valor de Durbin-Watson estava entre 1 e 3 [1.71]) e o pressuposto das variâncias não-zero foram cumpridos. Além disso, o gráfico de dispersão dos resíduos padronizados e o histograma dos resíduos padronizados (ver Anexo Y) indicaram, respetivamente, que o pressuposto da homocedasticidade e o pressuposto da normalidade dos resíduos foram cumpridos. O modelo de regressão com os quatro traços da *Dark Tetrad* foi estatisticamente significativo, $F(4, 255) = 14.22$, $p < .001$, tendo sido 17% da variância na legitimação da violência sexual explicada pelas quatro variáveis independentes (com base no valor do R^2 ajustado). No entanto, apenas o Maquiavelismo ($\beta = .25$), o sadismo ($\beta = .19$) e a psicopatia ($\beta = .14$) contribuíram significativamente para a precisão preditiva do modelo, $t = 4.22$, $p < .001$, $t = 2.00$, $p = .046$ e $t = 2.86$, $p = .005$, respetivamente, não tendo o narcisismo apresentado uma contribuição estatisticamente significativa, $t = .04$, $p = .968$. A equação do modelo de regressão, com base nos coeficientes beta não padronizados, pode ser resumida da seguinte forma: Tolerância/Aceitação da violência sexual prevista = $3.17 + 16.80 * \text{Sadismo} + 12.66 * \text{Psicopatia} + 0.78 * \text{Maquiavelismo}$. Mais especificamente, verificou-se que, por cada pontuação adicional de Maquiavelismo, psicopatia e sadismo, aumentavam, respetivamente, .78, 12.66 e 16.80 pontos do total de legitimação da violência sexual nas escalas correspondentes. Estes resultados encontram-se sintetizados na Tabela 11.

Tabela 11

Resultados da Análise de Regressão Múltipla

β	t	p	F	p	R^2	R^2 Aj.
---------	-----	-----	-----	-----	-------	-----------

Modelo total				14.22	< .001	.182	.170
Maquiavelismo	.25	4.22	< .001				
Narcisismo	.01	.04	.968				
Psicopatia	.14	2.86	.046				
Sadismo	.19	2.00	.005				

Nota. O Maquiavelismo, o narcisismo, a psicopatia e o sadismo foram medidos utilizando a escala SD4 (Paulhus et al., 2020). A variável dependente foi o total de aceitação da violência sexual. São apresentados os coeficientes de regressão padronizados.

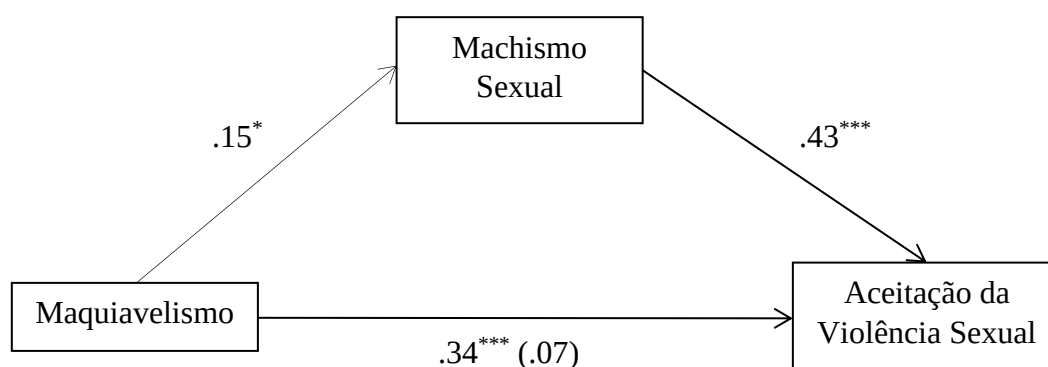
Mediação do Machismo Sexual na Relação entre a *Dark Tetrad* e a Legitimação do Uso de Violência Sexual

Por forma a determinar se o machismo sexual atua como uma variável mediadora na relação entre o Maquiavelismo e a aceitação da violência sexual, realizou-se uma análise de mediação utilizando o macro PROCESS (ver Anexo Z). Verificou-se que o Maquiavelismo era um preditor estatisticamente significativo do machismo sexual, $\beta = .15$, $t(266) = 2.56$, $p = .011$; por outras palavras, indivíduos com níveis mais elevados de Maquiavelismo tenderam a apresentar níveis mais elevados de machismo sexual. Também se verificou que o Maquiavelismo era um preditor estatisticamente significativo da legitimação da violência sexual, $\beta = .34$, $t(266) = 5.40$, $p = < .001$; ou seja, as pessoas participantes com níveis mais elevados de Maquiavelismo tenderam a apresentar, também, níveis mais elevados de legitimação da violência sexual. Verificou-se que o machismo sexual era um preditor estatisticamente significativo da aceitação da violência sexual, $\beta = .43$, $t(265) = 6.62$, $p = < .001$; por outras palavras, níveis mais elevados de machismo sexual estavam relacionados a níveis mais elevados de legitimação da violência sexual. Observou-se um efeito indireto estatisticamente significativo do Maquiavelismo na aceitação da violência sexual através do machismo sexual, $\beta = .07$, 95% CI [.02, .13]. Além disso, o teste de Sobel permitiu verificar que a mediação verificada foi estatisticamente significativa, $z = 2.64$, $p = .008$. Por outras palavras, o machismo sexual mediou parcialmente, e significativamente, a relação entre o

Maquiavelismo e a legitimação da violência sexual. Estes resultados estão sintetizados na Figura 1.

Figura 1

Coefficientes de Regressão na Relação entre o Maquiavelismo e a Aceitação da Violência Sexual com a Mediação do Machismo Sexual



Nota. São apresentados os coeficientes de regressão padronizados. O coeficiente de regressão entre o Maquiavelismo e a aceitação da violência sexual, com o machismo sexual a ser controlado estatisticamente, encontra-se entre parêntesis.

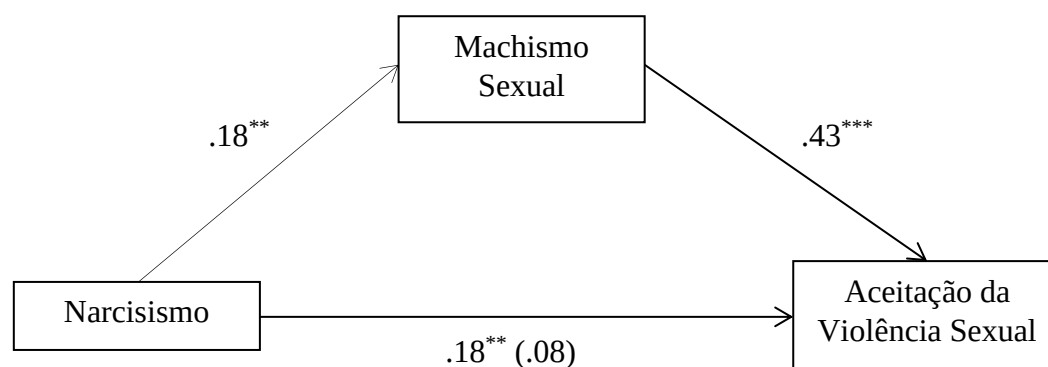
* $p < .05$, *** $p < .001$

Para explorar se o machismo sexual atua como uma variável mediadora na relação entre o narcisismo e a aceitação da violência sexual, realizou-se uma análise de mediação utilizando o macro PROCESS (ver Anexo AA). Verificou-se que o narcisismo era um preditor estatisticamente significativo do machismo sexual, $\beta = .18$, $t(268) = 2.90$, $p = .004$; por outras palavras, indivíduos com níveis mais elevados de narcisismo tenderam a apresentar níveis mais elevados de machismo sexual. Também se verificou que o narcisismo era um preditor estatisticamente significativo da legitimação da violência sexual, $\beta = .18$, $t(268) = 3.08$, $p = .002$; ou seja, as pessoas participantes com níveis mais elevados de narcisismo tenderam a apresentar, também, níveis mais elevados de legitimação da violência sexual. Verificou-se que

o machismo sexual era um preditor estatisticamente significativo da aceitação da violência sexual (ver primeira análise de mediação, acima). Observou-se um efeito indireto estatisticamente significativo do Maquiavelismo na aceitação da violência sexual através do machismo sexual, $\beta = .08$, 95% CI [.03, .14]. Além disso, o teste de Sobel permitiu verificar que a mediação verificada foi estatisticamente significativa, $z = 2.95$, $p = .003$. Por outras palavras, o machismo sexual mediou parcialmente, e significativamente, a relação entre o narcisismo e a legitimação da violência sexual. Estes resultados estão sintetizados na Figura 2.

Figura 2

Coefficientes de Regressão da Relação entre o Narcisismo e a Aceitação da Violência Sexual com a Mediação do Machismo Sexual



Nota. São apresentados os coeficientes de regressão padronizados. O coeficiente de regressão entre o narcisismo e a aceitação da violência sexual, com o machismo sexual a ser controlado estatisticamente, encontra-se entre parêntesis.

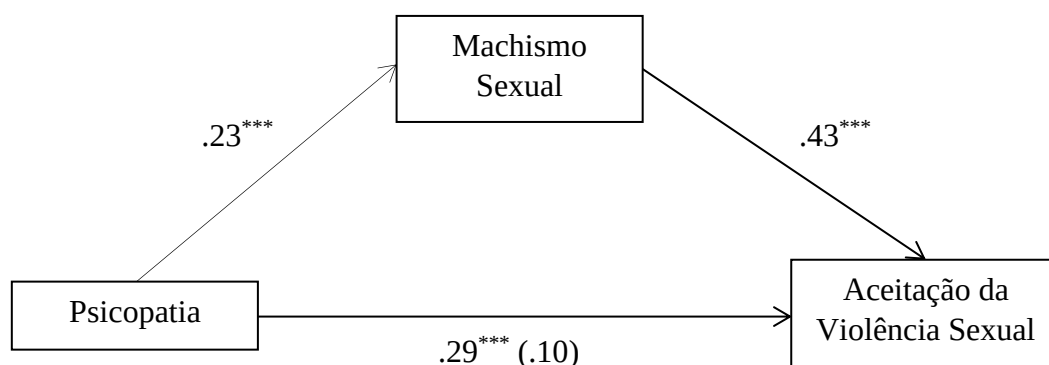
** $p < .01$, *** $p < .001$

Por forma a determinar se o machismo sexual atua como uma variável mediadora na relação entre a psicopatia e a aceitação da violência sexual, realizou-se uma análise de mediação utilizando o macro PROCESS (ver Anexo AB). Verificou-se que a psicopatia era um preditor estatisticamente significativo do machismo sexual, $\beta = .23$, $t(269) = 3.48$, $p < .001$;

por outras palavras, indivíduos com níveis mais elevados de psicopatia tenderam a apresentar níveis mais elevados de machismo sexual. Também se verificou que a psicopatia era um preditor estatisticamente significativo da legitimação da violência sexual, $\beta = .29$, $t(269) = 4.30$, $p < .001$; ou seja, as pessoas participantes com níveis mais elevados de psicopatia tenderam a apresentar, também, níveis mais elevados de legitimação da violência sexual. Verificou-se que o machismo sexual era um preditor estatisticamente significativo da aceitação da violência sexual (ver primeira análise de mediação, acima). Observou-se um efeito indireto do narcisismo na aceitação da violência sexual através do machismo sexual, $\beta = .10$, 95% CI [.04, .17]. Além disso, o teste de Sobel permitiu verificar que a mediação observada foi estatisticamente significativa, $z = 4.02$, $p < .001$. Por outras palavras, o machismo sexual mediou parcialmente, e significativamente, a relação entre a psicopatia e a legitimação da violência sexual. Estes resultados estão sintetizados na Figura 3.

Figura 3

Coeficientes de Regressão da Relação entre a Psicopatia e a Aceitação da Violência exual com a Mediação do Machismo Sexual



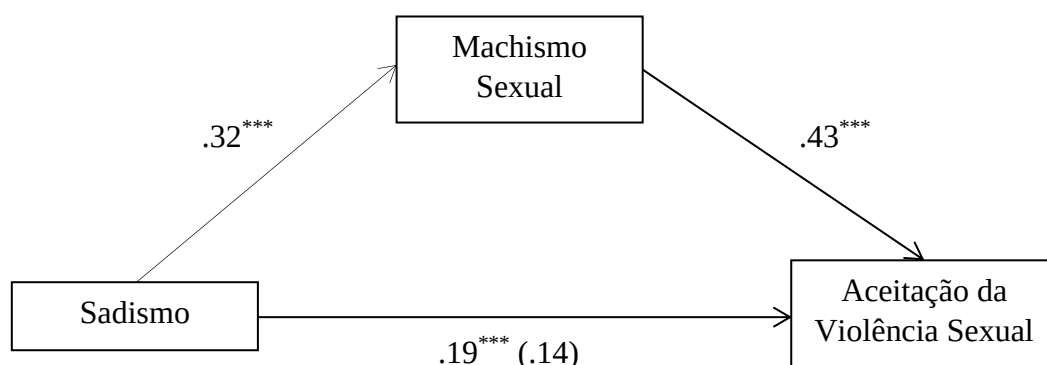
Nota. São apresentados os coeficientes de regressão padronizados. O coeficiente de regressão entre a psicopatia e a aceitação da violência sexual, com o machismo sexual a ser controlado estatisticamente, encontra-se entre parêntesis.

*** $p < .001$

Para examinar se o machismo sexual atua como uma variável mediadora na relação entre o sadismo e a aceitação da violência sexual, realizou-se uma análise de mediação utilizando o macro PROCESS (ver Anexo AC). Verificou-se que o sadismo era um preditor estatisticamente significativo do machismo sexual, $\beta = .32$, $t(268) = 5.24$, $p < .001$; por outras palavras, indivíduos com níveis mais elevados de sadismo tenderam a apresentar níveis mais elevados de machismo sexual. Também se verificou que o sadismo era um preditor estatisticamente significativo da legitimação da violência sexual, $\beta = .19$, $t(267) = 3.58$, $p < .001$; ou seja, as pessoas participantes com níveis mais elevados de sadismo tenderam a apresentar, também, níveis mais elevados de legitimação da violência sexual. Verificou-se que o machismo sexual era um preditor estatisticamente significativo da aceitação da violência sexual (ver primeira análise de mediação, acima). Observou-se um efeito indireto estatisticamente significativo do sadismo na aceitação da violência sexual através do machismo sexual, $\beta = .14$, 95% CI [.07, .20]. Além disso, o teste de Sobel permitiu verificar que a mediação verificada foi estatisticamente significativa, $z = 4.57$, $p < .001$. Por outras palavras, o machismo sexual mediou parcialmente, e significativamente, a relação entre o sadismo e a legitimação da violência sexual. Estes resultados estão sintetizados na Figura 4.

Figura 4

Coefficientes de Regressão da Relação entre o Sadismo e a Aceitação da Violência Sexual com a Mediação do Machismo Sexual



Nota. São apresentados os coeficientes de regressão padronizados. O coeficiente de regressão entre o sadismo e a aceitação da violência sexual, com o machismo sexual a ser controlado estatisticamente, encontra-se entre parêntesis.

$$*** p < .001$$

Discussão dos Resultados

O principal objetivo deste estudo era explorar o eventual papel mediador do machismo sexual, conforme medido pela EMS-Sexismo-12 (Rodríguez et al., 2010), na sua versão adaptada para a população brasileira (Silva et al., 2020), nas associações entre cada um dos traços de personalidade da *Dark Tetrad* (i.e., Maquiavelismo, narcisismo, psicopatia, sadismo), conforme medidos pela SD4 (Paulhus et al., 2020), e a legitimação do uso de violência sexual, conforme medida pela ECVS (Martins et al., 2012). Os outros objetivos eram averiguar eventuais diferenças entre gêneros ao nível de cada um dos traços de personalidade anteriormente mencionados e da aceitação do uso de violência sexual, e explorar possíveis associações entre cada um dos traços socialmente aversivos e a aceitação da violência sexual, e entre os primeiros e cada um dos tipos específicos de crenças associadas à segunda (i.e., “Representação estereotipada da violação”, “Provocação da vítima”, “Consentimento da vítima”, “Falsa noção de invulnerabilidade pessoal” e “Falsas alegações”), bem como se aqueles são preditores da legitimação da violência sexual.

A primeira hipótese do estudo era de que os homens apresentariam maiores níveis de cada um dos traços de personalidade *Dark Tetrad*, tendo a mesma sido corroborada apenas parcialmente pelos resultados. Mais especificamente, os indivíduos do género masculino manifestaram níveis mais elevados de Maquiavelismo e de sadismo em relação aos do género feminino, sendo estas diferenças estatisticamente significativas – o que vai ao encontro da literatura existente (Maquiavelismo: Jonason et al., 2017; Paulhus et al., 2020; Sanchez-Ruiz et al., 2021; sadismo: Paulhus et al., 2020) e sugere que os homens tendem a ser mais

instrumentais e manipuladores, bem como a ter uma maior propensão a experienciar sensações de prazer com o sofrimento de outrem, em relação às mulheres – mas os níveis de narcisismo e psicopatia, ainda que igualmente mais elevados nos homens, não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre estes géneros. Estes últimos resultados não estão em concordância com aqueles dos estudos de Paulhus et al. (2020), Paulhus e Williams (2002), Chukwuorij et al. (2018), a revisão de Grijalva et al. (2015) – os quais verificaram que o narcisismo é significativamente mais elevado em homens do que em mulheres – nem com os dos estudos de Jonason et al. (2017), Paulhus et al. (2020), Sanchez-Ruiz et al. (2021) e Valeria (2019) – que observaram a mesma diferença entre géneros no que toca à psicopatia. De qualquer forma, e ainda em relação ao narcisismo e à psicopatia, ressalva-se que se observaram tamanhos de efeito, ainda que pequenos, conforme indicados pelos valores de d ($d = .21$ para o narcisismo e $d = .30$ para a psicopatia), no que concerne às diferenças entre géneros.

Verificou-se que, na amostra do estudo, os homens apresentaram níveis significativamente mais elevados de legitimação do uso de violência sexual em relação às mulheres, o que confere apoio à segunda hipótese da investigação, bem como de cada um dos tipos específicos de crenças associadas à aceitação desta violência. Estes resultados vão ao encontro da vasta literatura que evidencia que os homens manifestam uma aceitação mais prevalente de mitos sobre a violação do que as mulheres (e.g., Barnett et al., 2018; Costa, 2020; Fakunmoju et al., 2019; Jonason et al., 2017; Sanchez-Ruiz et al., 2021), sugerindo que possuem um menor conhecimento sobre este fenómeno do que as mulheres (Anderson, 2007). Estando a aceitação deste tipo de mitos relacionada a estereótipos sexuais masculinos e de submissão sexual feminina (Fakunmoju et al., 2016) e a uma tendência para a violência sexual (Hust et al., 2019; Yapp & Quayle, 2018), o facto de os homens legitimarem de forma mais prevalente a violência sexual contribui para a manutenção das estatísticas de as pessoas ofensoras sexuais tenderem a ser do género masculino e as vítimas do género feminino (e.g.,

Banyard et al., 2007; Hines et al., 2012; Oswalt et al., 2018; Tjaden & Thoennes, 2006). Esta desvalorização da violência sexual resulta na propagação de uma cultura de *victim-blaming* (i.e., culpabilização da vítima) (Grubb & Turner, 2012), contribuindo para a estigmatização da violência sexual (Kennedy & Prock, 2016) e num número mais reduzido de denúncias de vitimação por violência sexual em relação ao número real destas ocorrências (Jayalakshmi et al., 2016). Neste sentido, torna-se essencial a criação de políticas públicas que promovam a realização de programas de sensibilização e outras atividades visando a redução da legitimação da violência sexual e a aceitação deste tipo de mitos, particularmente na população masculina, utilizando por exemplo testemunhos reais (anónimos ou não) de sobreviventes e/ou pessoas ofensoras e abordando o possível impacto e efeitos traumáticos da violência sexual.

Foram observadas associações entre todos os traços da *Dark Tetrad* e a legitimação do uso de violência sexual, bem como entre os primeiros e cada tipo específico de crenças associadas à aceitação deste tipo de violência – à exceção de entre o narcisismo e o subtipo “Consentimento da vítima” de crenças – o que corrobora a terceira hipótese do estudo e está em concordância com estudos anteriores que verificaram relações entre a *Dark Tetrad* e a aceitação de mitos sobre a violação (e.g., Davis et al., 2020; psicopatia e legitimação do uso de violência sexual mediante mitos sobre este tipo de violência: e.g., Boland, 2018; DeLisle et al., 2019; Maquiavelismo e a legitimação do uso de violência sexual mediante mitos sobre este tipo de violência: Jonason et al., 2017; sadismo e aceitação de mitos sobre a violência sexual: Boland, 2018; narcisismo e legitimação do uso de violência sexual mediante este tipo de mitos: e.g., Boland, 2018; Costa, 2020; Hepper et al., 2014), bem como entre estes traços da personalidade e comportamentos diretamente relacionados com a violência sexual, como a coerção sexual (e.g., Lyons et al., 2020), a insistência em contactos sexuais (e.g., Koscielska et al., 2019) e o assédio sexual (Zeigler-Hill et al., 2016). Efetivamente, a *Dark Tetrad* envolve uma frieza emocional e uma tendência para a exploração ou manipulação insensível de outrem,

características que dificultam a experiência de sentimentos de empatia pelas vítimas de violência sexual, ou sequer a consideração destas pessoas enquanto vítimas, e que por conseguinte facilitam a legitimação e desvalorização deste tipo de violência.

Também se verificou que o modelo de regressão múltipla com as características da *Dark Tetrad* como variáveis preditoras e a aceitação da violência sexual como variável resposta foi estatisticamente significativo; este resultado fornece suporte à quarta hipótese do estudo e vai ao encontro da literatura mencionada no parágrafo anterior, ainda que o narcisismo não tenha emergido como um preditor significativo. Esta situação pode dever-se ao facto de este traço não ter uma relação tão forte com a legitimação da violência sexual quanto outros da *Dark Tetrad* – o que, efetivamente, se verificou nas análises correlacionais ($r_s = .29$ no Maquiavelismo, $r_s = .27$ na psicopatia e no sadismo, em comparação com $r_s = .17$ no narcisismo) – mais especificamente a psicopatia, que emerge como preditor único de mitos sobre a violência sexual quando a variância partilhada entre todos os traços da *Dark Tetrad* é controlada estatisticamente (Jonason et al., 2017) e é maior em ofensores sexuais homens do que em não-ofensores (Abbey et al., 2012; Navas et al., 2021), e o sadismo, que é preditor da violência sexual (e.g., Russel & King, 2016). Ainda assim, e indo contra a quinta hipótese do estudo – de que o Maquiavelismo seria o “pior” preditor da legitimação da violência sexual, uma vez que não tende a ser um forte preditor de atitudes favoráveis em relação à violência em comparação com os restantes componentes da *Dark Tetrad* (Jonason et al., 2012), nem um preditor da coerção sexual (Klann, 2017), e a psicopatia e o sadismo os “melhores” preditores, já que são os traços da *Dark Tetrad* que mais se relacionam com a insensibilidade/indiferença afetiva (i.e., *callousness*) (Boland, 2018) – o Maquiavelismo foi o traço que apresentou maior poder preditivo da legitimação da violência sexual. De notar, porém, que os três traços que emergiram como preditores significativos apresentaram precisões preditivas relativamente semelhantes, com $\beta = .25$ no Maquiavelismo, $\beta = .19$ no sadismo e $\beta = .14$ na psicopatia, pelo

que se pode considerar que todos predizem e explicam, aproximadamente na mesma medida, a aceitação da violência sexual.

A sexta hipótese do estudo, diretamente relacionada com o objetivo principal do mesmo, era de que o machismo sexual mediará significativamente as associações entre cada um dos componentes da *Dark Tetrad* e a legitimação do uso de violência sexual sendo que, efetivamente, esta hipótese é corroborada pelos resultados. Por outras palavras, os indivíduos com níveis mais elevados dos traços da *Dark Tetrad* apresentam uma maior propensão para aceitar e legitimar a violência sexual, mediante uma maior tendência para apresentarem crenças machistas. Este papel mediador do machismo sexual nestas relações está em concordância com o facto de a literatura evidenciar associações entre a *Dark Tetrad* e o machismo, bem como construtos relacionados (e.g., sexismo, hipermasculinidade) (e.g., Gluck et al., 2019; Navas et al., 2020; Sanchez-Ruiz et al., 2021; Valeria, 2019), e ligações entre estes construtos e a aceitação da violência sexual (Sanchez-Ruiz et al., 2021; Schafer et al., 2018). Estes resultados sugerem que indivíduos com menos empatia, uma maior frieza emocional e uma maior tendência para a exploração de outrem (i.e., com níveis mais elevados dos traços da *Dark Tetrad*) têm uma maior propensão a desvalorizar e legitimar a violência sexual, podendo estar na base desta minimização crenças machistas como “Um homem precisa de ter várias parceiras sexuais” e “Não importa a situação ou estado de humor da mulher, ela deve ter relações sexuais sempre que o seu companheiro pedir”. É possível, por exemplo, que alguém considere que é impossível que um homem viole a sua esposa – e, portanto, legitime esta situação de violência sexual, ainda que não a interprete como tal – por acreditar que uma mulher deve submeter-se sexualmente sempre que o seu marido desejar (crença associada ao machismo sexual) e, simultaneamente, por ter uma tendência para a instrumentalização de outrem (característica da *Dark Tetrad*), acreditando particularmente que os homens podem, e têm o direito a, servir-se das mulheres para benefício próprio (crença sexista); efetivamente, os mitos sobre a violência

sexual estão associados à objetificação feminina (Seabrook et al., 2019) e a estereótipos sexuais masculinos e de submissão sexual feminina (Fakunmoju et al., 2016). Outro exemplo seria uma pessoa com uma reduzida empatia e uma frieza emocional (característica da *Dark Tetrad*) minimizar uma situação de assédio sexual praticado por um homem contra uma mulher, por considerar que a vítima “estava a pedi-las” (mito sobre a violência sexual “*She asked for it*” [Payne et al., 1999; McMahon & Farmer, 2011]) ao usar roupa curta ou ao caminhar, na rua, à noite – tendo dificuldade, portanto, em colocar-se no lugar da vítima devido à baixa empatia mencionada anteriormente. Sendo as características da *Dark Tetrad* traços da personalidade, são relativamente estáveis e duradouras, pelo que dificilmente se alteram. Por outro lado, e ainda que o machismo, nomeadamente o sexual, se afigure uma ideologia que defende a superioridade dos homens sobre as mulheres que é de natureza sociocultural (Pérez-Martínez et al., 2020), o mesmo corresponde a um conjunto de crenças (machistas) num dado indivíduo; sendo este construto, portanto, de índole cognitiva, pode ser alvo de intervenção psicossocial. Assim, é expetável que a redução do machismo sexual em indivíduos com níveis elevados de traços da *Dark Tetrad* resulte num enfraquecimento da relação entre estes últimos e a aceitação da violência sexual. À semelhança do que foi mencionado acima sobre a importância da criação de políticas públicas que permitam reduzir a legitimação da violência sexual são, também, necessárias medidas que promovam atividades que visem a redução do machismo sexual na sociedade, em particular junto de indivíduos com níveis altos de características da *Dark Tetrad* (e.g., populações forenses). Acresce a isto a observação de que o machismo sexual teve um efeito direto na legitimação do uso de violência sexual ($\beta = .43$) superior em relação aos efeitos diretos de cada um dos quatro traços da *Dark Tetrad* na mesma variável ($\beta = .34$ para o Maquiavelismo, $\beta = .18$ para o narcisismo, $\beta = .29$ para a psicopatia, $\beta = .19$ para o sadismo) o que sugere que o machismo sexual pode mais importante – uma melhor variável preditora – na

explicação da aceitação da violência sexual do que a *Dark Tetrad* e que, efetivamente, pode e deve ser alvo de intervenção de forma mais “prioritária” do que a *Dark Tetrad*.

Limitações e Sugestões para Estudos Futuros

Não obstante o rigor associado à realização da presente investigação, existem algumas limitações, particularmente metodológicas, que devem ser abordadas. Em primeiro lugar, a amostra contou com uma disparidade elevada entre o número de homens ($n = 65$; 18%) e o de mulheres ($n = 294$; 81.2%), o que pode ter tido um efeito negativo nas análises comparativas entre estes dois géneros. Uma outra limitação é o facto de os dados terem sido recolhidos exclusivamente online e ter sido utilizada uma amostragem por conveniência, através da divulgação do estudo nos círculos sociais da equipa de investigação, o que resultou numa restrição quanto ao alcance das pessoas participantes; por outras palavras, apenas foi possível que participassem indivíduos que utilizam a internet e que fazem, direta ou indiretamente, parte da rede de pessoas conhecidas da equipa de investigação. Além disso, os valores de todas as variáveis principais do estudo (e.g., *Dark Tetrad*, legitimação do uso de violência sexual, machismo sexual) foram tendencialmente baixos o que, por um lado, pode ser explicado pelo facto de a presente amostra ser da população geral e, por outro, pode ter efeitos negativos no grau de possibilidade de generalização dos resultados para outras populações (e.g., clínicas, forenses). Assim, sugere-se que estudos futuros explorem a relação entre a *Dark Tetrad* e a aceitação da violência sexual utilizando amostras de outras populações, nomeadamente pessoas reclusas ou delinquentes juvenis, permitindo isto inclusivamente análises comparativas entre as mesmas. Outra limitação prende-se com o facto de se ter utilizado um instrumento – a EMS-Sexismo-12 (Rodríguez et al., 2010), na sua versão adaptada para a população brasileira (Silva et al., 2020) – que, embora se encontre já traduzido para a língua portuguesa, ainda não se encontra adaptado e validado para a população portuguesa. Ainda assim, considera-se um instrumento que pode ser utilizado em estudos com culturas diversas (Silva et al., 2020). Por

fim, os dados para o presente estudo foram recolhidos através de instrumentos de autorrelato, sendo conhecidos os possíveis efeitos de desejabilidade social nas respostas e possível enviesamento nos resultados (Grimm, 2010; Krumpal, 2013). Por exemplo, é possível que uma pessoa participante com níveis elevados de legitimação da violência sexual se tenha apercebido, em determinada medida, de que a ECVS (Martins et al., 2012) mede este construto e tenha, por conseguinte, respondido aos itens da escala por forma a parecer que não legitime esta violência.

Conclusão

Os quatro traços de personalidade da *Dark Tetrad*, caracterizados por uma natureza indesejável ao nível social (e.g., Book et al., 2016), uma frieza emocional (e.g., Pajevic et al., 2018), uma tendência para a exploração ou manipulação insensível de outras pessoas (e.g., Marcus et al., 2018; Paulhus et al., 2021) e efeitos nefastos nas relações interpessoais (e.g., Vize et al., 2018), estão relacionados com comportamentos considerados socialmente aversivos ou prejudiciais, nos quais se incluem a violência sexual (e.g., Lyons et al., 2020; Koscielska et al., 2019; Zeigler-Hill et al., 2016) e a legitimação da mesma, nomeadamente através da detenção de mitos sobre este tipo de violência (e.g., Boland, 2018; Davis et al., 2020; Jonason et al., 2017). Por outro lado, sabe-se que a violência sexual assenta fortemente no sexismo, sendo este último um fator de risco explicativo do controlo dos homens sobre as mulheres enquanto o principal elemento deste tipo de violência (e.g., Bosch-Fiol & Ferrer, 2019; Canto et al., 2020). Além disso, estando a *Dark Tetrad* associada ao machismo e construtos similares (e.g., sexismo, hipermasculinidade) (e.g., Gluck et al., 2019; Navas et al., 2020; Sanchez-Ruiz et al., 2021), e relacionando-se estes últimos com a aceitação do uso de violência sexual (Sanchez-Ruiz et al., 2021; Schafer et al., 2018), este estudo procurou, principalmente, examinar se a relação entre cada um dos traços da *Dark Tetrad* e a legitimação deste tipo de violência era, pelo menos parcialmente, explicada pelo machismo sexual. Estas mediações

confirmaram-se, sendo que se verificou igualmente que o efeito direto do machismo sexual na legitimação do uso de violência sexual era superior aos efeitos diretos de cada um dos traços da *Dark Tetrad* na mesma variável, o que indica que o machismo explica melhor a aceitação deste tipo de violência do que as personalidades “negras”. Também se verificou que os homens tendem, de forma geral, a apresentar maiores níveis dos componentes da *Dark Tetrad* e de legitimação do uso de violência sexual em relação às mulheres, bem como que todos os traços “negros” são preditores da aceitação deste tipo de violência e se relacionam com a legitimação da mesma e com múltiplos subtipos de mitos associados.

Este estudo permitiu aprofundar as associações entre os traços da *Dark Tetrad* e a aceitação da violência sexual mediante mitos sobre a mesma, verificando que o machismo sexual explica parcialmente estas relações. Assim, revela-se importante a criação de medidas e ações que visem desconstruir crenças sexistas, particularmente junto de indivíduos do género masculino e daqueles com níveis elevados de traços da *Dark Tetrad*, por forma a reduzir igualmente a legitimação da violência sexual.

Referências

- Abbey, A., & McAuslan, P. (2004). A longitudinal examination of male college students' perpetration of sexual assault. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 72(5), 747–656. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.72.5.747>
- Abbey, A., Wegner, R., Pierce, J., & Jacques-Tiura, A. J. (2012). Patterns of sexual aggression in a community sample of young men: Risk factors associated with persistence, desistence, and initiation over a 1-year interval. *Psychology of Violence*, 2, 1–15. <https://dx.doi.org/10.1037/a0026346>
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Addison-Wesley.
- Amernic, J. H., & Craig, R. J. (2010). Accounting as a facilitator of extreme narcissism. *Journal of Business Ethics*, 96(1), 79–93. <https://dx.doi.org/10.1007/s10551-010-0450-0>
- Anderson, I. (2007). What is a typical rape? Effects of victim and participant gender in female and male rape perceptions. *British Journal of Social Psychology*, 46, 225–245. <https://dx.doi.org/10.1348/014466606X101780>
- Armstrong, E. A., Gleckman-Krut, M., & Johnson, L. (2018). Silence, power, and inequality: An intersectional approach to sexual violence. *Annual Review of Sociology*, 44, 99–122. <https://dx.doi.org/10.1146/annurev-soc-073117-041410>
- Banyard, V. L., Ward, S., Cohn, E. S., Plante, E. G., Moorhead, C., & Walsh, W. (2007). Unwanted sexual contact on campus: A comparison of women's and men's experiences. *Violence and Victims*, 22(1), 52–70. <https://dx.doi.org/10.1891/vv-v22i1a004>
- Barnett, M., Hale, T., & Sligar, K. (2017). Masculinity, femininity, sexual dysfunctional beliefs, and rape myth acceptance among heterosexual college men and women. *Sexuality and Culture*, 21, 741–753. <https://dx.doi.org/10.1007/s12119-017-9420-3>

- Barnett, M., Sligar, K. B., & Wang, C. D. C. (2018). Religious affiliation, religiosity, gender, and rape myth acceptance: Feminist theory and rape culture. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(8), 1219–1235. <https://dx.doi.org/10.1177/0886260516665110>
- Baum, K., & Klaus, P. (2005). *National Crime Victimization Survey: Violent victimization of college students, 1995-2002*. Bureau of Justice Statistics Special Report. <http://www.bjs.gov/content/pub/pdf/vvcs02.pdf>
- Bereczkei, T., Birkas, B., & Kerekes, Z. (2010). The presence of others, prosocial traits, Machiavellianism: A personality $\times$ situation approach. *Social Psychology*, 41(4), 238–245. <https://dx.doi.org/10.1027/1864-9335/a000032>
- Blinkhorn, V., Lyons, M., & Almond, L. (2015). The ultimate femme fatale? Narcissism predicts serious and aggressive sexually coercive behavior in females. *Personality and Individual Differences*, 87, 219–223. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2015.08.001>
- Boland, G. (2018). *The dark tetrad and rape myth acceptance* [Projeto de Honours]. University of Akron. https://ideaexchange.uakron.edu/honors_research_projects/655
- Book, A., Visser, B. A., Blais, J., Hosker-Field, A., Methot-Jones, T., Gauthier, N. Y., Volk, A. A., Holden, R. R., & D'Agata, M. T. (2016). Unpacking more “evil”: What is at the core of the dark tetrad? *Personality and Individual Differences*, 90, 269–272. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2015.11.009>
- Bosch-Fiol, E., & Ferrer-Perez, V. A. (2019). The Pyramic model: A feminist alternative for analysing violence against women. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), 1–14. <https://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254189>
- Brewer, G., Hunt, D., James, G., & Abell, L. (2015). Dark Triad traits, infidelity and romantic revenge. *Personality and Individual Difference*, 83, 122–127. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2015.04.007>

- Buckels, E. E., Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2013). Behavioral confirmation of everyday sadism. *Psychological Science*, 24(11), 2201–2209.
<https://dx.doi.org/10.1177/0956797613490749>
- Buckels, E. E., Trapnell, P. D., Andjelovic, T., & Paulhus, D. L. (2018). Internet trolling and everyday sadism: Parallel effects on pain perception and moral judgment. *Journal of Personality*, 87(2), 328–340. <https://dx.doi.org/10.1111/jopy.12393>
- Burris, C. T., & Leitch, R. (2018). Harmful fun: Pranks and sadistic motivation. *Motivation and Emotion*, 42, 90–102. <https://dx.doi.org/10.1007/s11031-017-9651-5>
- Burt, M. R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(2), 217–230. <https://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.38.2.217>
- Caldara, G. (2018). *Exploration of rape myths among former military professionals* [Doctoral dissertation, East Tennessee State University]. East Tennessee State University Electronic Theses and Dissertations. <https://dc.etsu.edu/etd/3376/>
- Çalıkoglu, E. O., Aras, A., Hamza, M., Aydin, A., Nacakgedigi, O., & Koga, P. M. (2018). Sexism, attitudes, and behaviors towards violence against women in medical emergency services workers in Erzurum, Turkey. *Global Health Action*, 11(1), 1524–1541. <https://dx.doi.org/10.1080/16549716.2018.1524541>
- Campbell, R., Dworkin, E. R., & Cabral, G. (2009). An ecological model of the impact of sexual assault on women's mental health. *Trauma, Violence, & Abuse*, 10(3), 225–246. <https://dx.doi.org/10.1177/1524838009334456>
- Canto, J. M., Vallejo-Martín, M., Perles, F., & San Martín, J. (2020). The influence of ideological variables in the denial of violence against women: The role of sexism and social dominance orientation in the Spanish context. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(14), 4934–4957.
<https://dx.doi.org/10.3390/ijerph17144934>

- Chukwuorji, J. C., Uzuegbu, C. N., Agbo, F., Ifeagwazi, C. M., & Ebulum, G. C. (2018). Different slopes for different folks: Gender moderates the relationship between empathy and narcissism. *Current Psychology*, June 2018. <https://dx.doi.org/10.1007/s12144-018-9881-z>
- Costa, R. P. C. L. (2020). *Link between narcissism and rape myth acceptance: Moral disengagement as a mediator* [Unpublished Master's dissertation]. Birmingham City University.
- Craker, N., & March, E. (2016). The dark side of Facebook®: The Dark Tetrad, negative social potency, and trolling behaviours. *Personality and Individual Differences*, 102, 79–84. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2016.06.043>
- Cuklanz, L. M. (2000). *Rape on prime time: Television, masculinity, and sexual violence*. University of Pennsylvania Press.
- Dardenne, B., & Dumont, M., & Bollier, T. (2007). Insidious dangers of benevolent sexism: Consequences for women's performance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(5), 764–779. <https://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.93.5.764>
- Davies, M., Gilston, J., & Rogers, P. (2012). Examining the relationship between male rape myth acceptance, female rape myth acceptance, victim blame, homophobia, gender roles, and ambivalent sexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(14), 2807–2823. <https://dx.doi.org/10.1177/0886260512438281>
- Davies, M., Pollard, P., & Archer, J. (2001). The influence of victim gender and sexual orientation on judgments of the victim in a depicted stranger rape. *Violence and Victims*, 16(6), 607–619. <https://connect.springerpub.com/content/sgrvv>
- Davis, A. C., Vaillancourt, T., & Arnocky, S. (2020). The Dark Tetrad and male clients of female sex work. *Frontiers in Psychology*, 11, 1–7. <https://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2020.577171>

- Davis, A. C., Visser, E. A., Volk, A. A., Vaillancourt, T., & Arncocky, S. (2019). The relations between life history strategy and dark personality traits among young adults. *Evolutionary Psychological Science*, 5(11), 166–177.
<https://dx.doi.org/10.1007/s40806-018-0175-3>
- Debowska, A., Boduszek, D., Dhingra, K., Kola, S., & Meller-Prunski, A. (2015). The role of psychopathy and exposure to violence in rape myth acceptance. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(15), 2751–2770.
<https://dx.doi.org/10.1177/0886260514553635>
- DeGue, S., DiLillo, D., & Scalora, M. (2010). Are all perpetrators alike? Comparing risk factors for sexual coercion and aggression. *Sexual Abuse*, 22(4), 402–426.
<https://dx.doi.org/10.1177/1079063210372140>
- DeLisle, A., Walsh, H. C., Holtz, P. M., Callahan, J., & Neumann, C. S. (2019). Rape myth acceptance, male gender role norms, attitudes towards women, and psychopathic traits in a military sample. *Personality and Individual Differences*, 144, 125–131.
<https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2019.03.005>
- Dinos, S., Burrowes, N., Hammon, K., & Cunliffe, C. (2015). A systematic review of juries' assessment of rape victims: Do rape myths impact on juror decision-making? *International Journal of Law, Crime and Justice*, 43, 1–14.
<https://dx.doi.org/10.1016/j.ijlcj.2014.07.001>
- Dworkin, E. R., Menon, S. V., Bystrynski, J., & Allen, N. E. (2017). Sexual assault victimization and psychopathology: A review and meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 56, 65–81. <https://dx.doi.org/10.1016/j.cpr.2017.06.002>
- Ebby, K. K., Campbell, J. C., Sullivan, C. M., & Davidson, W. S. (1995). Health effects of experiences of sexual violence for women with abusive partners. *Health Care for*

Women International, 16(6), 563–576.

<https://dx.doi.org/10.1080/07399339509516210>

Edwards, K. M., Turchik, J. A., Dardis, C. M., Reynolds, N., & Gidycz, C. A. (2011). Rape myths: History, individual and institutional-level presence, and implications for change. *Sex Roles*, 65, 761–773. <https://dx.doi.org/10.1007/s11199-011-9943-2>

Ellsberg, M., Arango, D. J., Morton, M., Gennari, F., Kiplesund, S., Contreras, M., & Watts, C. (2015). Prevention of violence against women and girls: What does the evidence say? *Lancet*, 385(9977), 1555–1566. [https://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(14\)61703-7](https://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(14)61703-7)

Fakunmoju, S. B., Abrefa-Gyan, T., & Maphosa, N. (2019). Confirmatory factor analysis and gender invariance of the Revised Illinois Rape Myth Acceptance (IRMA) Scale in Nigeria. *Journal of Women and Social Work*, 34, 83–98.

<https://dx.doi.org/10.1177/0886109918803645>

Fakunmoju, S., Bammeke, F., Oyekanmi, F. A. D., Temilola, S., & George, B. (2016). Psychometric properties of the beliefs about relationship violence against women scale and gender stereotypes and beliefs scale. *Journal of Psychology in Africa*, 26(3), 246–258. <https://dx.doi.org/10.1080/14330237.2016.1185905>

Fávero, M., Del Campo, A., Faria, S., Moreira, D., Ribeiro, F., & Sousa-Gomes, V. (2020). Rape myth acceptance of police officers in Portugal. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–22. <https://dx.doi.org/10.1177/0886260520916282>

Fedina, L., Holmes, J. L., & Backes, B. L. (2016). Campus sexual assault: A systematic review of prevalence research from 2000 to 2015. *Trauma, Violence & Abuse*, 19(1), 76–93. <https://dx.doi.org/10.1177/1524838016631129>

Figueredo, A. J., Gladden, P. R., Sisco, M. M., Patch, E. A., & Jones, D. N. (2015). The Unholy trinity: The Dark Triad, sexual coercion, and Brunswik-Symmetry.

Evolutionary Psychology, 13(2), 435–454.

<https://dx.doi.org/10.1177/147470491501300208>

Flack, W. F., Caron, M. L., Leinen, S. J., Breitenbach, K. G., Barber, A. M., Brown, E. N., Gilbert, C. T., Harchak, T. F., Hendricks, M. M., Rector, C. E., Schatten, H. T., & Stein, H. C. (2008). The “red zone”: Temporal risk for unwanted sex among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23, 1177–1196.

<https://dx.doi.org/10.1177/0886260508314308>

Forbes, G. B., Adams-Curtis, L. E., Pakalka, A. H., & White, K. B. (2006). Dating aggression, sexual coercion, and aggression supporting attitudes among college men as a function of participation in aggressive high school sports. *Violence Against Women*, 12(5), 441–455. <https://dx.doi.org/10.1177/1077801206288126>

Furnham, A., Richards, S. C., & Paulhus, D. L. (2013). The Dark Triad of personality: A 10 year review. *Social and Personality Psychology Compass*, 7(3), 199–216.

<https://dx.doi.org/10.1111/spc3.12018>

Geiger, B., Fisher, M., & Eshet, Y. (2004). Date-rape-supporting and victim-blaming attitudes among high school students in a multi-ethnic society. *Journal of Interpersonal Violence*, 19, 406–426. <https://dx.doi.org/10.1177/0886260503262080>

Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491–512.

<https://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>

Gluck, M., Heesacker, M., & Choi, H. D. (2019). How much of the dark triad is accounted for by sexism? *Personality and Individual Differences*, 154, 109728.

<https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2019.109728>

- Grijalva, E., Tay, L., Harms, P. D., Newman, D. A., Donnellan, M. B., & Robins, R. W. (2015). Gender differences in narcissism: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 141(2), 261–310. <https://dx.doi.org/10.1037/a0038231>
- Grimm, P. (2010). Social desirability bias. *Wiley International Encyclopedia of Marketing*. <https://dx.doi.org/10.1002/9781444316568.wiem02057>
- Grubb, A., & Turner, E. (2012). Attribution of blame in rape cases: A review of the impact of rape myth acceptance, gender role conformity and substance use on victim blaming. *Aggression and Violent Behavior*, 17(5), 443–452. <https://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2012.06.002>
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4, 217–246. <https://dx.doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452>
- Harrison, A., Summers, J., & Mennecke, B. (2018). The effects of the Dark Triad on unethical behavior. *Journal of Business Ethics*, 153(1), 53–77. <https://dx.doi.org/10.1007/s10551-016-3368-3>
- Heath, N. M., Lynch, S. M., Fritch, A. M., & Wong, M. M. (2013). Rape myth acceptance impacts the reporting of rape to the police: A study of incarcerated women. *Violence Against Women*, 19(9), 1065–1078. <https://dx.doi.org/10.1177/1077801213501841>
- Hellmer, K., Stenson, J. T., & Jylhä, K. M. (2018). What's (not) underpinning ambivalent sexism?: Revisiting the roles of ideology, religiosity, personality, demographics, and men's facial hair in explaining hostile and benevolent sexism. *Personality and Individual Differences*, 122, 29–37. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2017.10.001>
- Hepper, E. G., Hart, C. M., Meek, R., Cisek, S. Z., & Sedikides, C. (2014). Narcissism and empathy in young offenders and non-offenders. *European Journal of Personality*, 28(2), 201–210. <https://dx.doi.org/10.1002/per.1939>

- Heym, N., Firth, J. L., Kibowski, F., Sumich, A. L., Egan, V., & Bloxsom, C. (2019). Empathy at the heart of darkness: Empathy deficits that bind the Dark Triad and those that mediate indirect relational aggression. *Frontiers in Psychiatry, 10*, 95–100. <https://dx.doi.org/10.3389/fpsy.2019.00095>
- Hines, D. A., Armstrong, J. L., Reed, K. P., & Cameron, A. Y. (2012). Gender differences in sexual assault victimization among college students. *Violence and Victims, 27*(6), 922–940. <https://dx.doi.org/10.1891/0886-6708.27.6.922>
- Howard, D. E., Griffin, M. A., & Boekeloo, B. O. (2008). Prevalence and psychosocial correlates of alcohol-related sexual assault among university students. *Adolescence, 43*(172), 733–750. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2679161/pdf/nihms-93275.pdf>
- Hust, S. J., Rodgers, K. B., Ebreo, S., & Stefani, W. (2019). Rape myth acceptance, efficacy, and heterosexual scripts in men's magazines: Factors associated with intentions to sexually coerce or intervene. *Journal of Interpersonal Violence, 34*(8), 1703–1733. <https://dx.doi.org/10.1177/0886260516653752>
- Jayalakshmi, G., Choudhari, S. B., Mutalik, N. R., & Bhogale, G. S. (2016). Perception about women and attitude towards a rape victim – A cross sectional study. *Media Innovatica, 5*(2), 22–27. http://www.medicainnovatica.org/archives_10.html
- Jonason, P. K. (2015). An evolutionary perspective on interpersonal violence: Sex differences and personality links. In M. DeLisi & M. G. Vaugh (Eds.), *International handbook of biosocial criminology* (pp. 32–45). Routledge.
- Jonason, P. K., Girgis, M., & Milne-Home, J. (2017). The exploitative mating strategy of the Dark Triad traits: Tests of rape-enabling attitudes. *Archives of Sexual Behavior, 46*(3), 697–706. <https://dx.doi.org/10.1007/s10508-017-0937-1>

- Jonason, P. K., Li, N. P., Webster, G. D., & Schmitt, D. P. (2009). The Dark Triad: Facilitating a short-term mating strategy in men. *European Journal of Personality*, 23, 5–18. <https://dx.doi.org/10.1002/per.698>
- Jonason, P. K., Valentine, K. A., Li, N. P., & Harbeson, C. L. (2011). Mate-selection and the Dark Triad: Facilitating a short-term mating strategy and creating a volatile environment. *Personality and Individual Differences*, 51(6), 759–763. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2011.06.025>
- Jones, D. N., & Figueredo, A. J. (2013). The core of darkness: Uncovering the heart of the Dark Triad. *European Journal of Personality*, 27(6), 521–531. <https://dx.doi.org/10.1002/per.1893>
- Jones, D. N., & Neria, A. L. (2015). The Dark Triad and dispositional aggression. *Personality and Individual Differences*, 86, 360–364. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2015.06.021>
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the Short Dark Triad (SD3): A brief measure of dark personality traits. *Assessment*, 21, 28–41. <https://dx.doi.org/10.1177/1073191113514105>
- Kavanagh, P. S., Signal, T. D., & Taylor, N. (2013). The Dark Triad and animal cruelty: Dark personalities, dark attitudes, and dark behaviors. *Personality and Individual Differences*, 55(6), 666–670. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2013.05.019>
- Klann, M. (2017). *The dark tetrad and its relations with maladaptive personality traits and sexual tactics* (Publication No. 10274654) [Master's dissertation, Southern Illinois University]. ProQuest Dissertations & Theses Global. <https://www.proquest.com/openview/d771f9e6e2d2f92d17dbbd4ab737440a/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750>

- Koscielska, R. W., Flowe, H. D., & Egan, V. (2019). The dark tetrad and mating effort's influence on sexual coaxing and coercion across relationship types. *Journal of Sexual Aggression*, 26(3), 1–11. <https://dx.doi.org/10.1080/13552600.2019.1676925>
- Krebs, C. P., Lindquist, C. H., Warner, T. D., Fisher, B. S., & Martin, S. L. (2007). *The campus sexual assault (CSA) study*.
<http://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/221153.pdf>
- Krick, A., Tresp, S., Vatter, M., Ludwig, A., & Wihlenda, M. (2016). The relationships between the Dark Triad, the moral judgment level, and the students' disciplinary choice. *Journal of Individual Differences*, 37(1), 24–30.
<https://dx.doi.org/10.1027/1614-0001/a000184>
- Krizan, Z., & Herlache, A. D. (2018). The narcissism spectrum model: A synthetic view of narcissistic personality. *Personality and Social Psychology Review*, 22, 3–31.
<https://dx.doi.org/10.1177/1088868316685018>
- Krumpal, I. (2013). Determinants of social desirability bias in sensitive surveys: A literature review. *Quality and Quantity*, 47(4), 2025–2047. <https://dx.doi.org/10.1007/s11135-011-9640-9>
- Lemus, S., & Moya, M., & Glick, P. (2010). When contact correlates with prejudice: Adolescents' romantic relationship experience predicts greater benevolent sexism in boys and hostile sexism in girls. *Sex Roles*, 63(3), 214–225.
<https://dx.doi.org/10.1007/s11199-010-9786-2>
- Loh, C., Gidycz, C. A., Lobo, T. R., & Luthra, R. (2005). A prospective analysis of sexual assault perpetration: Risk factors related to perpetrator characteristics. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(10), 1325–1348.
<https://dx.doi.org/10.1177/0886260505278528>

- Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1994). Rape myths: In review. *Psychology of Women Quarterly*, 18(2), 133–164. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1471-6402.1994.tb00448.x>
- Lyons, M., Houghton, E., Brewer, G., & O'Brien, F. (2020). The Dark Triad and sexual assertiveness predict sexual coercion differently in men and women. *Journal of Interpersonal Violence*. Advance online publication. <https://dx.doi.org/10.1177/0886260520922346>
- Malamuth, N. M., Sockloskie, R. J., Koss, M. P., & Tanaka, J. S. (1991). Characteristics of aggressors against women: Testing a model using a national sample of college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59(5), 670–681. <https://dx.doi.org/10.1037//0022-006x.59.5.670>
- Malesza, M., & Ostaszewski, P. (2016). The utility of the Dark Triad model in the prediction of the self-reported and behavioral risk-taking behaviors among adolescents. *Personality and Individual Differences*, 90, 7–11. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2012.07.029>
- Marcus, D. K., Preszler, J., & Zeigler-Hill, V. (2018). A network of dark personality traits: What lies at the heart of darkness? *Journal of Research in Personality*, 73, 56–62. <https://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2017.11.003>
- Marcus, D. K., & Zeigler-Kill, V. (2015). A big tent of dark personality traits. *Social and Personality Psychology Compass*, 9(8), 434–446. <https://dx.doi.org/10.1111/spc3.12185>
- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de crenças sobre violência sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30(1-2), 177–191. <https://dx.doi.org/10.14417/ap.546>
- McCauley, H. L., Jaime, M. C. D., Tancredi, D. J., Silverman, J. G., Decker, M. R., Austin, S. B., Jones, K., & Miller, E. (2014). Differences in adolescent relationship abuse

perpetration and gender-inequitable attitudes by sport among male high school athletes. *Journal of Adolescent Health*, 54(6), 742–744.

<https://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.01.001>

McMahon, S., & Farmer, G. L. (2011). An updated measure for assessing subtle rape myths. *Social Work Research*, 35(2), 71–81. <https://dx.doi.org/10.1093/swr/35.2.71>

Međedović, J., & Petrović, B. (2015). The Dark Tetrad: Structural properties and location in the personality space. *Journal of Individual Differences*, 36(4), 228–236.

<https://dx.doi.org/10.1027/1614-0001/a000179>

Meere, M., & Egan, V. (2017). Everyday sadism, the Dark Triad, personality, and disgust sensitivity. *Personality and Individual Differences*, 112(1), 157–161.

<https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.056>

Miché, M., Hofer, P. D., Voss, C., Meyer, A. H., Gloster, A. T., Beesdo-Baum, K., Wittchen, H.-U., & Lieb, R. (2020). Specific traumatic events elevate the risk of a suicide attempt in a 10-year longitudinal community study on adolescents and young adults. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 29(2), 179–186.

<https://dx.doi.org/10.1007/s00787-019-01335-3>

Ministério da Justiça. (2020). *Código Penal Português* (19.^a Ed.). Edições Almedina.

Mouilso, E. R., & Calhoun, K. S. (2013). The role of rape myth acceptance and psychopathy in sexual assault perpetration. *Journal of Aggression, Maltreatment, and Trauma*,

22(2), 159–174. <https://dx.doi.org/10.1080/10926771.2013.743937>

Muris, P., Merckelbach, H., Otgaar, H., & Meijer, E. (2017). The malevolent side of human nature: A meta-analysis and critical review of the literature on the dark triad (narcissism, Machiavellianism, and psychopathy). *Perspectives on Psychological Science*, 12(2), 183–204. <https://dx.doi.org/10.1177/1745691616666070>

- Murnen, S. K., & Kohlman, M. H. (2007). Athletic participation, fraternity membership, and sexual aggression among college men: A meta-analytic review. *Sex Roles*, 57, 145–157. <https://dx.doi.org/10.1007/s11199-007-9225-1>
- Nagel, B. (2005). Attitudes towards victims of rape: Effects of gender, race, religion, and social class. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(6), 725–737. <https://dx.doi.org/10.1177/0886260505276072>
- Navas, M. P., Maneiro, L., Cutrín, O., Gómez-Fraguela, J. A., & Sobral, J. (2020). Associations between Dark Triad and ambivalent sexism: Sex differences among adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(21), 7754. <https://dx.doi.org/10.3390/ijerph17217754>
- Navas, M. P., Maneiro, L., Cutrín, O., Gómez-Fraguela, J. A., & Sobral, J. (2021). Sexism, moral disengagement, and dark triad traits on perpetrators of sexual violence against women and community men. *Sexual Abuse*. Advance online publication. <https://dx.doi.org/10.1177/10790632211051689>
- Nell, V. (2006). Cruelty's rewards: The gratifications of perpetrators and spectators. *Behavioral and Brain Sciences*, 29(3), 211–224. <https://dx.doi.org/10.1017/s0140525x06009058>
- O'Connell, D., & Marcus, K. M. (2016). Psychopathic personality traits predict positive attitudes toward sexually predatory behaviors in college men and women. *Personality and Individual Differences*, 94, 372–376. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2016.02.011>
- Ong, A., & Ward, C. (1999). The effects of sex and power schemas, attitudes toward women, and victim resistance on rape attributions. *Journal of Applied Social Psychology*, 29, 362–376. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1559-1816.1999.tb01391.x>

- Oswalt, S. B., Wyatt, T. J., & Ochoa, Y. (2018). Sexual assault is just the tip of the iceberg: Relationship and sexual violence prevalence in college students. *Journal of College Student Psychotherapy*, 32(3), 93–109.
<https://dx.doi.org/10.1080/87568225.2017.1350122>
- Pajevic, M., Vukosavljevic-Gvozden, T., Stevanovic, N., & Neumann, C. S. (2018). The relationship between the Dark Tetrad and a two-dimensional view of empathy. *Personality and Individual Differences*, 123, 125–130.
<https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2017.11.009>
- Palmer, R. S., McMahon, T. J., Rounsaville, B. J., & Ball, S. A. (2010). Coercive sexual experiences, protective behavioral strategies, alcohol expectancies and consumption among male and female college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(9), 1563–1578. <https://dx.doi.org/10.1177%2F0886260509354581>
- Parrott, D. J., & Zeichner, A. (2003). Effects of hypermasculinity on physical aggression toward women. *Psychology of Men and Masculinity*, 4, 70–78.
<https://dx.doi.org/10.1037/1524-9220.4.1.70>
- Paulhus, D. L. (1998). Interpersonal and intrapsychic adaptiveness of trait self-enhancement: A mixed blessing? *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(5), 1197–1208.
<https://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.74.5.1197>
- Paulhus, D. L. (2014). Toward a taxonomy of dark personalities. *Current Directions in Psychological Science*, 23(6), 421–426.
<https://dx.doi.org/10.1177/0963721414547737>
- Paulhus, D. L., Buckels, E. E., Trapnell, P. D., & Jones, D. N. (2020). Screening for dark personalities: The Short Dark Tetrad (SD4). *European Journal of Psychological Assessment*. Advance online publication. <https://dx.doi.org/10.1027/1015-5759/a000602>

- Paulhus, D. L., Curtis, S. R., & Jones, D. N. (2018). Aggression as a trait: The Dark Tetrad alternative. *Current Opinion in Psychology*, 19, 88–92.
<https://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.04.007>
- Paulhus, D. L., & Dutton, D. G. (2016). Everyday sadism. In V. Zeigler-Hill & D. K. Marcus (Eds.), *The dark side of personality: Science and practice in social, personality, and clinical psychology* (pp. 109–120). American Psychological Association.
<https://dx.doi.org/10.1037/14854-000>
- Paulhus, D. L., Gupta, R., & Jones, D. N. (2021). Dark or disturbed?: Predicting aggression from the Dark Tetrad and schizotypy. *Aggressive Behavior*, 47(6), 635–645.
<https://dx.doi.org/10.1002/ab.21990>
- Paulhus, D. L., Jones, D. N., Klonsky, E. D., & Dutton, D. G. (2011). *Sadistic personality and its everyday correlates* (Manuscript não publicado). University of British Columbia.
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The Dark Triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556–563. [https://dx.doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://dx.doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)
- Payne, D. L., Lonsway, K. A., & Fitzgerald, L. F. (1999). Rape myth acceptance: Exploration of its structure and its measurement using the Illinois Rape Myth Acceptance Scale. *Journal of Research in Personality*, 33(1), 27–68.
<https://dx.doi.org/10.1006/jrpe.1998.2238>
- Peixoto, A. F., & Nobre, B. P. R. (2015). A responsabilização da mulher vítima de estupro. *Revista Transgressões*, 3, 227–239.
<https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/7203>
- Pérez-Martínez, V., Sanz-Barbero, B., Ferrer-Cascales, R., Bowes, N., Ayala, A., Sánchez-SanSegundo, M., Albaladejo-Blázquez, N., Rosati, N., Neves, S., Vieira, C. P.,

- Jankowiak, B., Waszyńska, K., & Vives-Cases, C. (2020). The role of social support in machismo and acceptance of violence among adolescents in Europe: Lights4Violence baseline results. *Journal of Adolescent Health*, 68(5), 922–929. <https://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.09.007>
- Pfattheicher, S., Keller, J., & Knezevic, G. (2017). Sadism, the intuitive system, and antisocial punishment in the public goods game. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 43(3), 337–346. <https://dx.doi.org/10.1177/0146167216684134>
- Pleck, J. H., Sonenstein, F. L., & Ku, L. C. (2010). Masculinity ideology: Its impact on adolescent males' heterosexual relationships. *Journal of Social Issues*, 49(3), 11–29. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1540-4560.1993.tb01166.x>
- Plouffe, R. A., Saklofske, D. H., & Smith, M. M. (2017). The assessment of sadistic personality: Preliminary psychometric evidence for a new measure. *Personality and Individual Differences*, 104, 166–171. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2016.07.043>
- Rauthmann, J. F. (2011). Acquisitive or protective self-presentation of dark personalities? Associations among the dark triad and self-monitoring. *Personality and Individual Differences*, 51(4), 502–508. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2011.05.008>
- Reidy, D. E., Berke, D. S., Gentile, B., & Zeichner, A. (2014). Man enough? Masculine discrepancy stress and intimate partner violence. *Personality and Individual Differences*, 68, 160–164. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2014.04.021>
- Robertson, C. A., & Knight, R. A. (2014). Relating sexual sadism and psychopathy to one another, non-sexual violence, and sexual crime behaviors. *Aggressive Behavior*, 40, 12–23. <https://dx.doi.org/10.1002/ab.21505>
- Rodrigues, J. I. R. (2020). *Adaptação portuguesa da escala Short Dark Tetrad (SD4) para a população adulta* [Dissertação de mestrado, Universidade do Algarve]. Repositório da Universidade do Algarve. <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/15455>

- Rodríguez, C. L. D., Rodríguez, M. A. R., & Ramírez, M. T. G. (2010). Escala de machismo sexual (EMS-Sexismo-12): Diseño y análisis de propiedades psicométricas. *SUMMA Psicológica*, 7(2), 35–44. <https://dx.doi.org/10.18774/448x.2010.7.121>
- Rominski, S., Darteh, E., & Munro-Kramer, M. (2017). Rape-myth acceptance among students at the University of Cape Coast, Ghana. *International Journal of Gynaecology & Obstetrics*, 136(2), 240–241. <https://dx.doi.org/10.1002/ijgo.12054>
- Rosenberg, M. J., Hovland, C. I., McGuire, W. J., Abelson, R. P., & Brehm, J. W. (1960). *Attitude organization and change: An analysis of consistency among attitude components. (Yales studies in attitude and communication)*. Yale University Press.
- Rubia, J. M., & Basurto, S. R. (2016). Machismo, victimización y perpetración en mujeres y hombres mexicanos. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, 21(43), 37–66. <https://www.culturascontemporaneas.com/>
- Russell, T. D., & King, A. R. (2016). Anxious, hostile, and sadistic: Maternal attachment and everyday sadism predict hostile masculine beliefs and male sexual violence. *Personality and Individual Differences*, 99, 340–345. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2016.05.029>
- Sanchez-Ruiz, M.-J., El Ahmad, P., Karam, M., & Saliba, M. A. (2021). Rape myth acceptance in Lebanon: The role of sexual assault experience/familiarity, sexism, honor beliefs, and the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 170, 110403. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2020.110403>
- Schreiber, A., & Marcus, B. (2020). The place of the “Dark Triad” in general models of personality: Some meta-analytic clarification. *Psychological Bulletin*, 146(11), 1021–1041. <https://dx.doi.org/10.1037/bul0000299>
- Scully, D. (1990). *Understanding sexual violence: A study of convicted rapists*. Harper Collins.

- Seabrook, R. C., Ward, L. M., & Giaccardi, S. (2019). Less than human? Media use, objectification of women, and men's acceptance of sexual aggression. *Psychology of Violence*, 9(5), 536–545. <https://dx.doi.org/10.1037/vio0000198>
- Shafer, A., Ortiz, R. R., Thompson, B., & Huemmer, J. (2018). The role of hypermasculinity, token resistance, rape myth, and assertive sexual consent communication among college men. *Journal of Adolescent Health*, 62(3S), S44-S50. <https://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.10.015>
- Sierra, J. C., Santos-Iglesias, P., Gutiérrez-Quintanilla, R., Bermúdez, M. P., & Buela-Casal, G. (2010). Factors associated with rape-supportive attitudes: Sociodemographic variables, aggressive personality, and sexist attitudes. *The Spanish Journal of Psychology*, 13, 202–209. <https://dx.doi.org/10.1017/s1138741600003784>
- Silva, F. L., Barbosa, L. H. G. M., Gouveia, V. V., Viana, D. N. M., & Amorim, A. K. F. (2020). Escala de machismo sexual: Evidências psicométricas em contexto brasileiro. *Avaliação Psicológica*, 19(4), 420–429. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1904.15892.08>
- Silva, M. C., & Mendes, O. M. (2015). As marcas do machismo no cotidiano escolar. *Caderno Espaço Feminino*, 28, 90–99. <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem>
- Stanwix, S., & Walker, B. R. (2021). The dark tetrad and advantageous and disadvantageous risk-taking. *Personality and Individual Differences*, 168, 1–5. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2020.110338>
- Stoll, L. C., Lilley, T. G., & Block, R. (2018). The effects of gender-blind sexism on rape myth acceptance: Results from a nationally representative study. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(11-12), 5838–5859. <https://dx.doi.org/10.1177/0886260518807912>

- Stoll, L. C., Lilley, T. G., & Pinter, K. (2016). Gender-blind sexism and rape myth acceptance. *Violence Against Women*, 23, 28–45.
<https://dx.doi.org/10.1177/1077801216636239>
- Suarez, E., & Gadalla, T. M. (2010). Stop blaming the victim: A meta-analysis on rape myth. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(11), 2010–2035.
<https://dx.doi.org/10.1177/0886260509354503>
- Tekell, C. S. (2014). *Multicultural study of psychopathy: An examination of Latin American differences* (Publication No. 1564701) [Master's dissertation, University of Texas at El Paso]. ProQuest Dissertations & Theses Global.
<https://www.proquest.com/docview/1615419639>
- Tjaden, P. G., & Thoennes, N. (2006). *Extent, nature, and consequences of rape victimization: Findings from the National Violence Against Women Survey* [Relatório]. U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, National Institute of Justice. <https://www.ojp.gov/pdffiles1/nij/210346.pdf>
- Tsoukas, A., & March, E. (2018). Predicting short- and long-term mating orientations: The role of sex and the Dark Tetrad. *The Journal of Sex Research*, 55(9), 1206–1218.
<https://dx.doi.org/10.1080/00224499.2017.1420750>
- Ubieto Oliván, A. (2018). La violencia sexual como violencia de género: una perspectiva desde el derecho internacional de los derechos humanos. *FEMERIS: Revista Multidisciplinar de Estudios de Género*, 3(2), 165–170.
<https://dx.doi.org/10.20318/femeris.2018.4324>
- Valeria, B. (2019). *Dark Tetrad personality types and sexual behaviours amongst African students* [Master's dissertation, University of Limpopo]. University of Limpopo Theses and Dissertations. <http://ulspace.ul.ac.za/handle/10386/3076>

- Vernon, P. A., Villani, V. C., Vickers, L. C., & Harris, J. A. (2008). A behavioral genetic investigation of the Dark Triad and the Big 5. *Personality and Individual Differences*, 44(2), 445–452. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2007.09.007>
- Vize, C. E., Lynam, D. R., Collison, K. L., & Miller, J. D. (2018). Differences among dark triad components: A meta-analytic investigation. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 9(2), 101–111. <https://dx.doi.org/10.1037/per0000222>
- Wai, M., & Tiliopoulos, N. (2012). The affective and cognitive empathic nature of the dark triad of personality. *Personality and Individual Differences*, 52, 794–799. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2012.01.008>
- Wells, S., Graham, K., Tremblay, P.F., & Magyarody, N. (2011). Not just the booze talking: Trait aggression and hypermasculinity distinguish perpetrators from victims of male barroom aggression. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 35(4), 613–620. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1530-0277.2010.01375.x>
- Williams, K. M., Paulhus, D. L., & Hare, R. D. (2007). Capturing the four-factor structure of psychopathy in college students via self-report. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 205–219. <https://dx.doi.org/10.1080/00223890701268074>
- Wilson, M. S., & McCarthy, K. (2011). Greed is good? Student disciplinary choice and self-reported psychopathy. *Personality and Individual Differences*, 51(7), 873–876. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2011.07.028>
- Xu, Y., Olfson, M., Villegas, L., Okuda, M., Wang, S., Liu, S., & Blanco, C. (2013). A characterization of adult victims of sexual violence: Results from the National Epidemiological Survey for Alcohol and Related Conditions. *Psychiatry*, 76(3), 223–240. <https://dx.doi.org/10.1521/psyc.2013.76.3.223>

- Yapp, E. J., & Quayle, E. (2018). A systematic review of the association between rape myth acceptance and male-on-female sexual violence. *Aggression and Violent Behavior, 41*, 1-19. <https://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2018.05.002>
- Zeigler-Hill, V., Besser, A., & Morag, J., & Campbell, W. K. (2016). The Dark Triad and sexual harassment proclivity. *Personality and Individual Differences, 89*, 47–54. <https://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2015.09.048>
- Zeitchick, A. L. (2017). *Hypermasculinity, narcissism, and violence among athletes: Sport behavior and perception of coaches* [Doctoral dissertation, Xavier University]. Xavier University Electronic Theses and Dissertations. http://rave.ohiolink.edu/etdc/view?acc_num=xavier1491776051176087

Anexo A

Análises Descritivas dos Itens da SD4 (Paulhus et al., 2020; versão para a população portuguesa por Rodrigues, 2020)

Estatísticas Descritivas					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
SD4 1M	311	1	5	3,24	1,048
SD4 2M	308	1	5	3,06	1,288
SD4 3M	309	1	5	2,42	1,065
SD4 4M	310	1	5	2,87	1,061
SD4 5M	311	1	5	3,42	1,044
SD4 6M	310	1	5	2,17	1,119
SD4 7M	310	1	5	1,86	1,040
SD4 8N	310	1	5	2,57	1,079
SD4 9N	310	1	5	2,32	,984
SD4 10N	309	1	5	2,22	1,004
SD4 11N	311	1	5	2,43	1,044
SD4 12N	310	1	5	3,17	1,021
SD4 13N	310	1	5	2,12	1,051
SD4 14N	311	1	5	2,40	1,125
SD4 15P	311	1	5	1,58	,748
SD4 16P	308	1	5	1,72	,902
SD4 17P	310	1	5	1,35	,708
SD4 18P	310	1	5	2,36	1,143
SD4 19P	311	1	5	1,35	,801
SD4 20P	310	1	5	1,66	,933
SD4 21P	310	1	5	1,69	,836
SD4 22S	311	1	4	1,20	,538
SD4 23S	310	1	5	1,67	1,050
SD4 24S	311	1	5	2,58	1,297
SD4 25S	311	1	5	1,42	,795
SD4 26S	310	1	5	2,23	1,224
SD4 27S	309	1	5	1,34	,741
SD4 28S	309	1	5	2,74	1,240
N válido (de lista)	288				

Anexo B

Análises Descritivas dos Itens da ECVS (Martins et al., 2012)

Estatísticas Descritivas					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
ECVS 1	296	1	5	1,80	,850
ECVS 2	294	1	4	1,28	,616
ECVS 3	294	1	5	1,14	,426
ECVS 4	293	1	5	1,23	,529
ECVS 5	293	1	5	1,77	,842
ECVS 6	293	1	5	1,23	,672
ECVS 7	294	1	4	1,10	,463
ECVS 8	294	1	5	2,24	1,436
ECVS 9	294	1	5	1,24	,564
ECVS 10	294	1	4	1,31	,631
ECVS 11	293	1	4	1,36	,710
ECVS 12	293	1	4	1,54	,738
ECVS 13	294	1	5	1,29	,682
ECVS 14	293	1	5	1,88	,916
ECVS 15	294	1	4	1,42	,729
ECVS 16	294	1	4	1,24	,533
ECVS 17	294	1	5	1,70	,949
ECVS 18	293	1	4	1,89	,942
ECVS 19	293	1	5	2,14	1,000
ECVS 20	291	1	5	1,92	,971
ECVS 21	291	1	4	1,21	,506
ECVS 22	293	1	4	1,18	,515
ECVS 23	292	1	4	1,22	,511
ECVS 24	292	1	4	1,27	,591
ECVS 25	291	1	4	1,35	,675
ECVS 26	293	1	5	1,50	,898
ECVS 27	292	1	5	1,34	,767
ECVS 28	293	1	4	1,31	,655
ECVS 29	292	1	5	1,27	,598
ECVS 30	291	1	4	1,08	,348
N válido (de lista)	281				

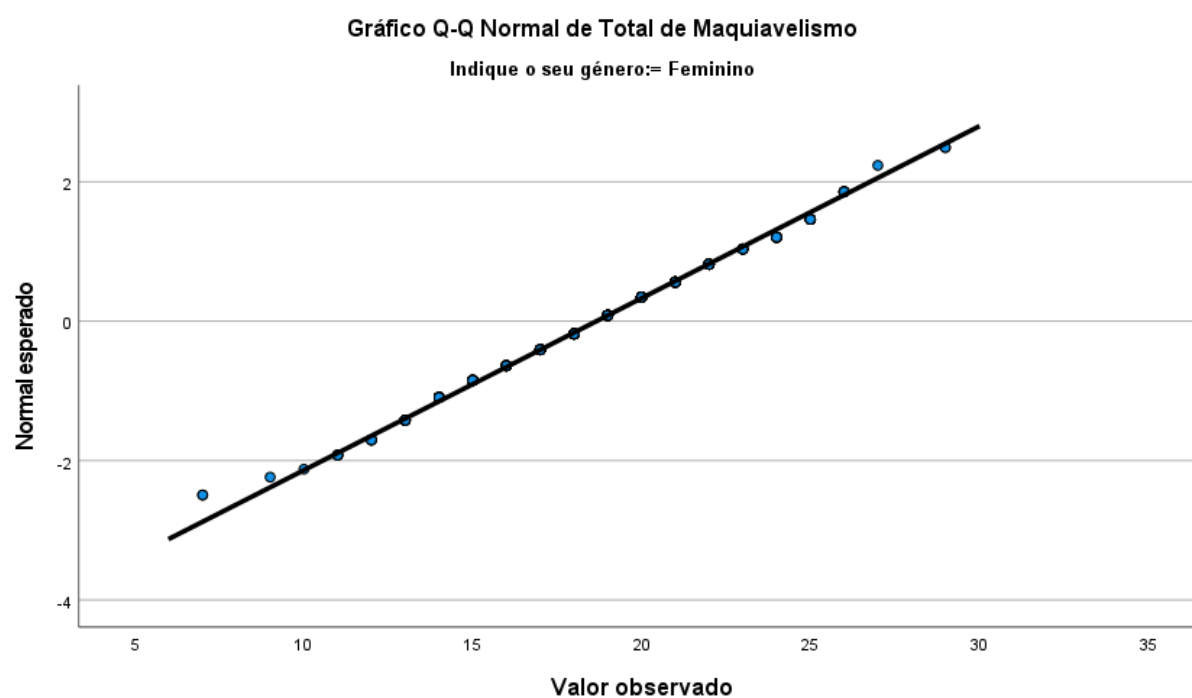
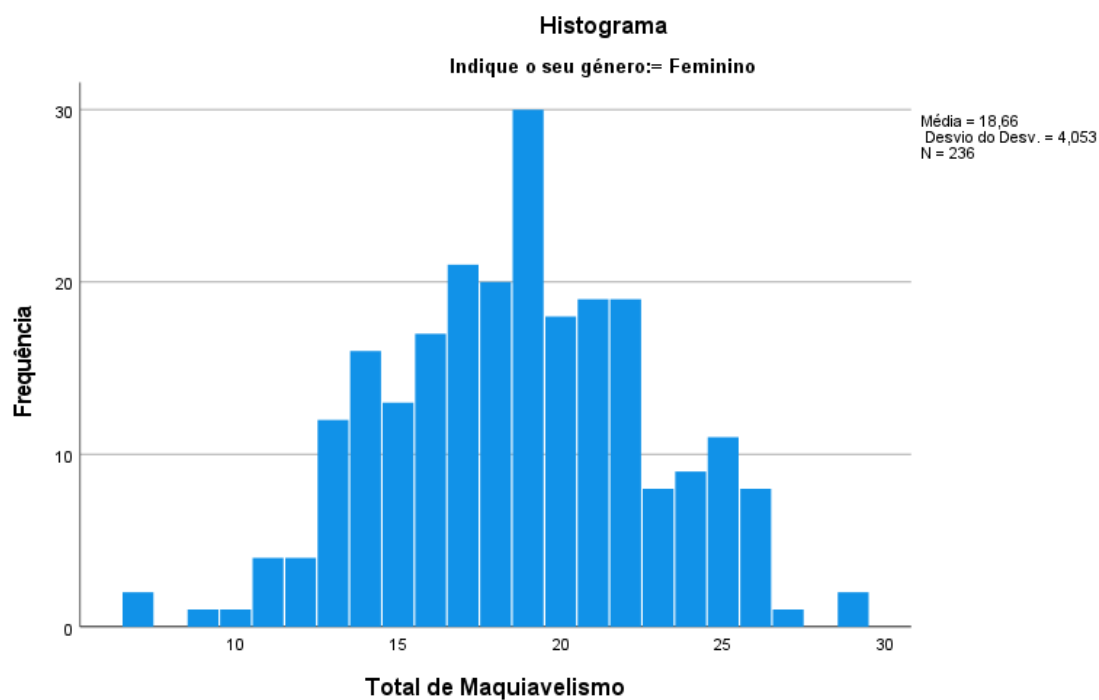
Anexo C

Análises Descritivas dos Itens da EMS-Sexismo-12 (Rodríguez et al., 2010; versão para a população brasileira por Silva et al., 2020)

Estatísticas Descritivas					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
EMS 1	291	1	5	1,08	,371
EMS 2	289	1	5	1,99	1,264
EMS 3	291	1	5	1,08	,358
EMS 4	291	1	5	2,63	1,481
EMS 5	291	1	5	1,53	,907
EMS 6	291	1	4	1,23	,576
EMS 7	291	1	5	1,22	,589
EMS 8	290	1	5	1,13	,441
EMS 9	291	1	5	1,72	1,134
EMS 10	291	1	5	2,09	1,310
EMS 11	291	1	4	2,05	1,004
EMS 12	291	1	4	1,33	,650
N válido (de lista)	288				

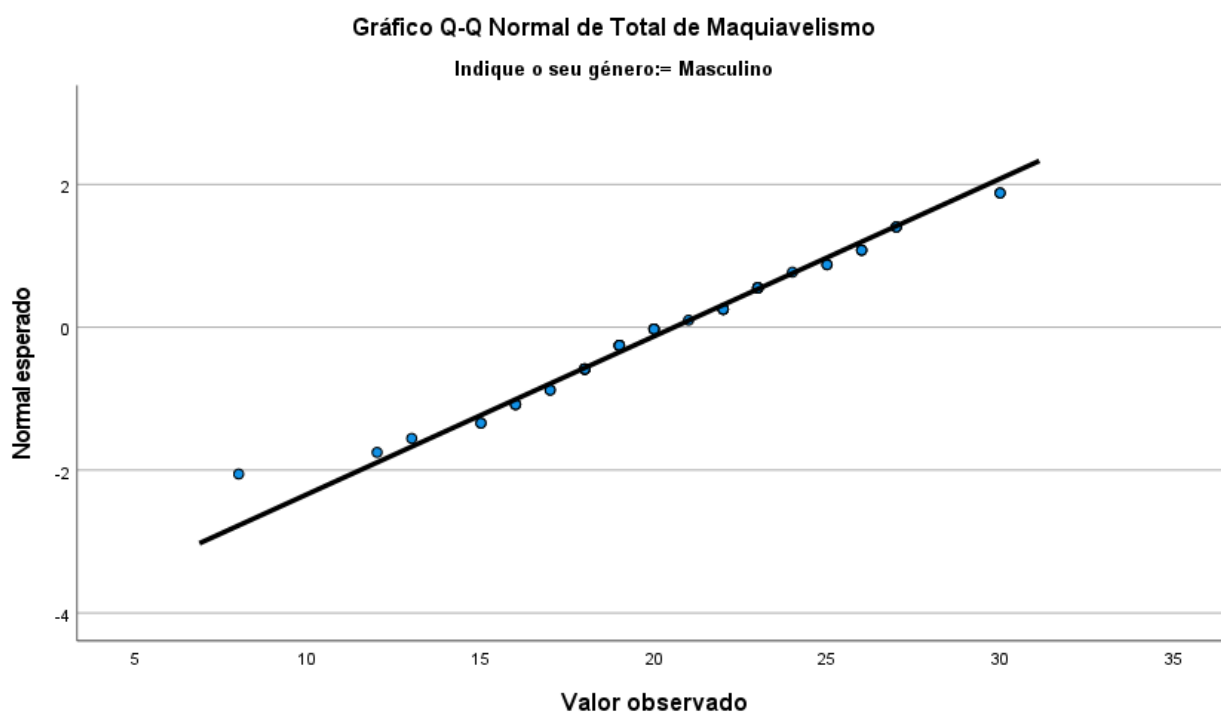
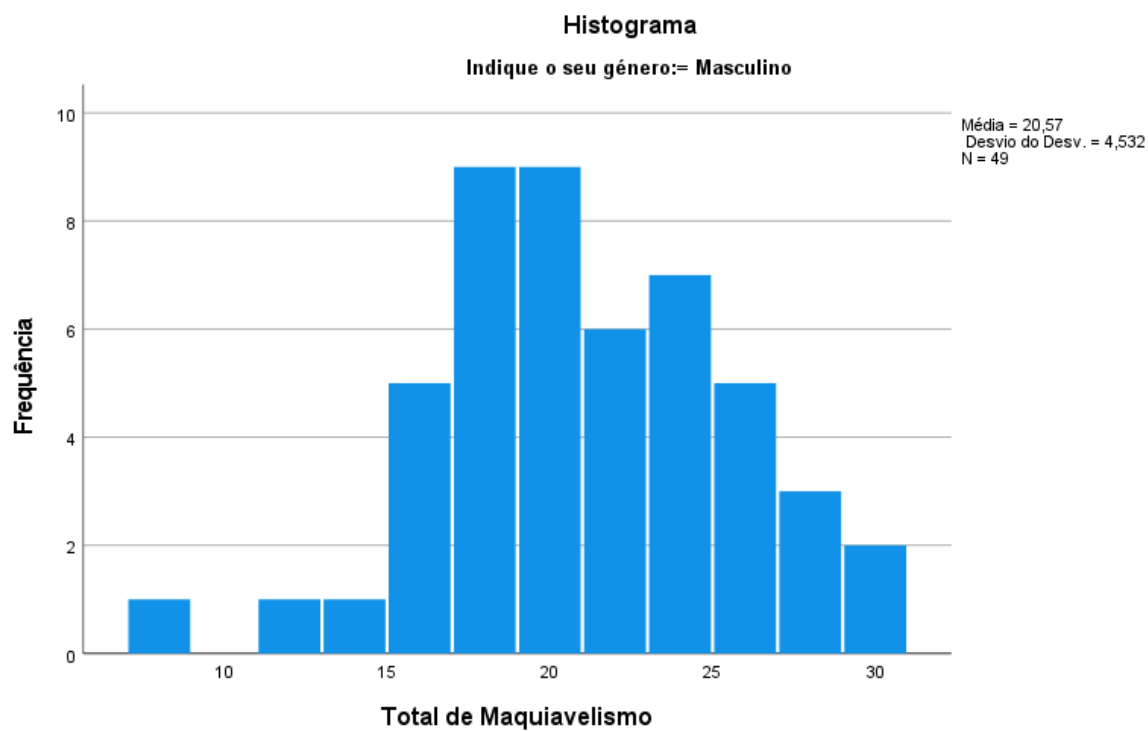
Anexo D

Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Maquiavelismo no Género Feminino



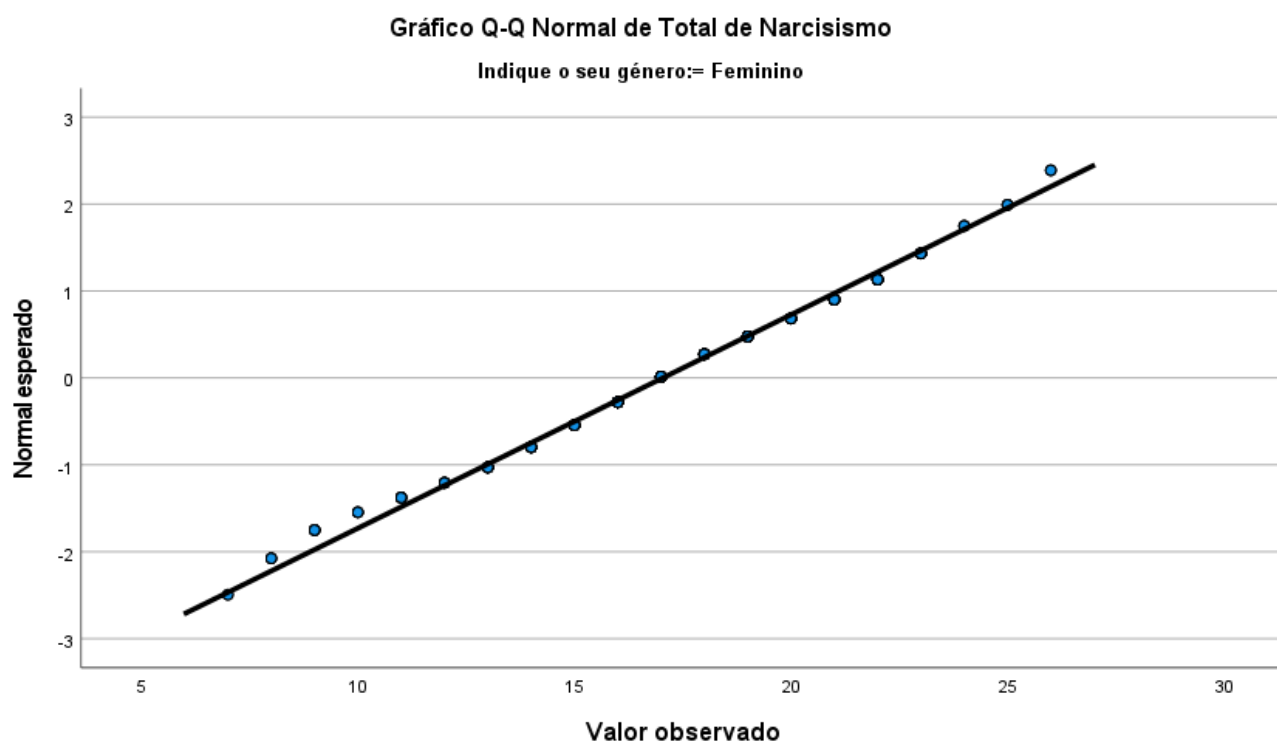
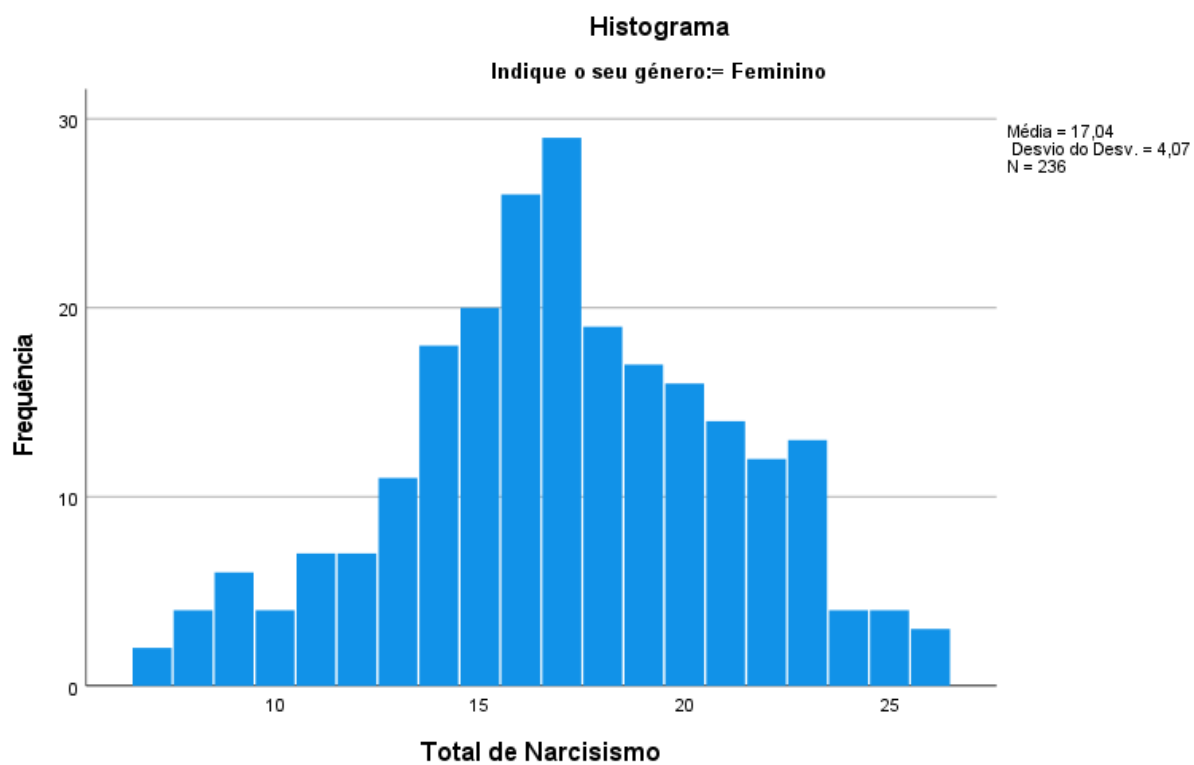
Anexo E

Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Maquiavelismo no Género Masculino



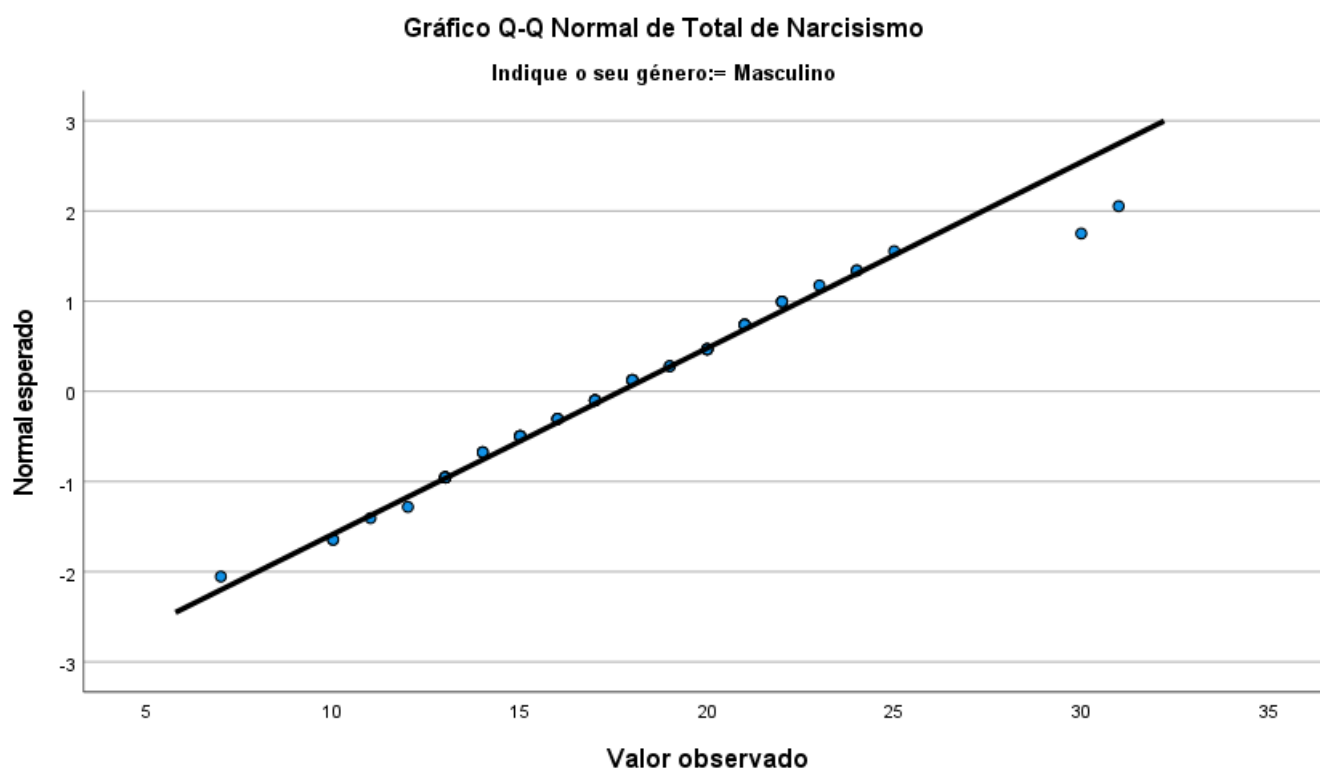
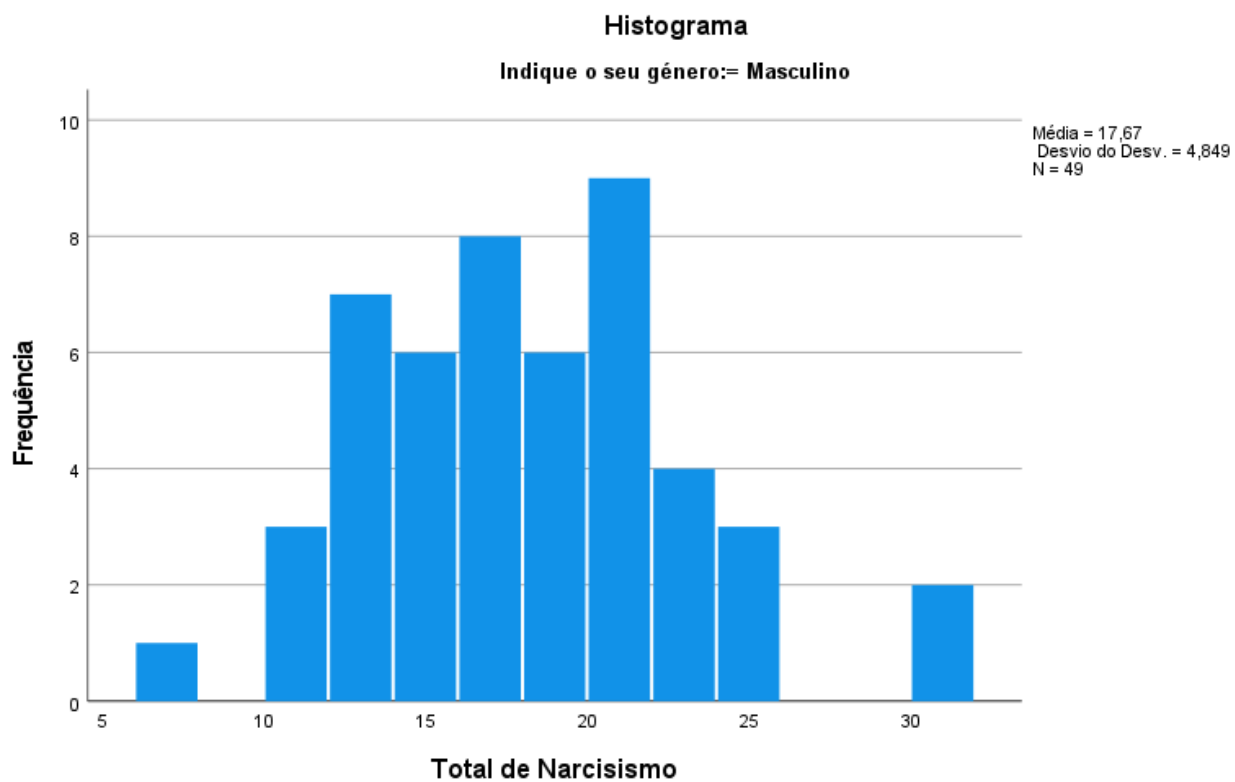
Anexo F

Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Narcisismo no Género Feminino



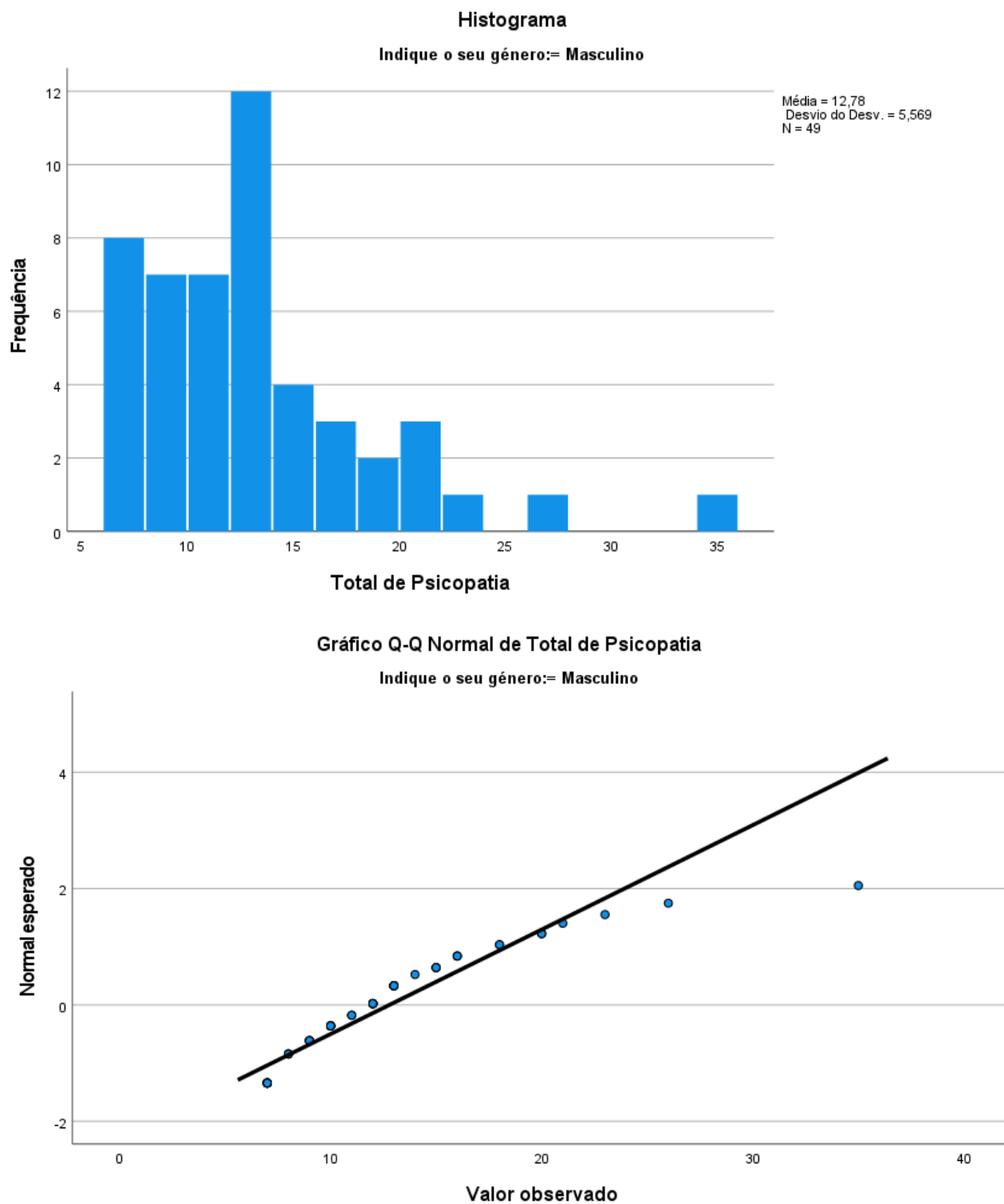
Anexo G

Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Narcisismo no Género Masculino



Anexo H

Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição da Psicopatia nos Gêneros Masculino e Feminino



Histograma

Indique o seu gênero:= Feminino

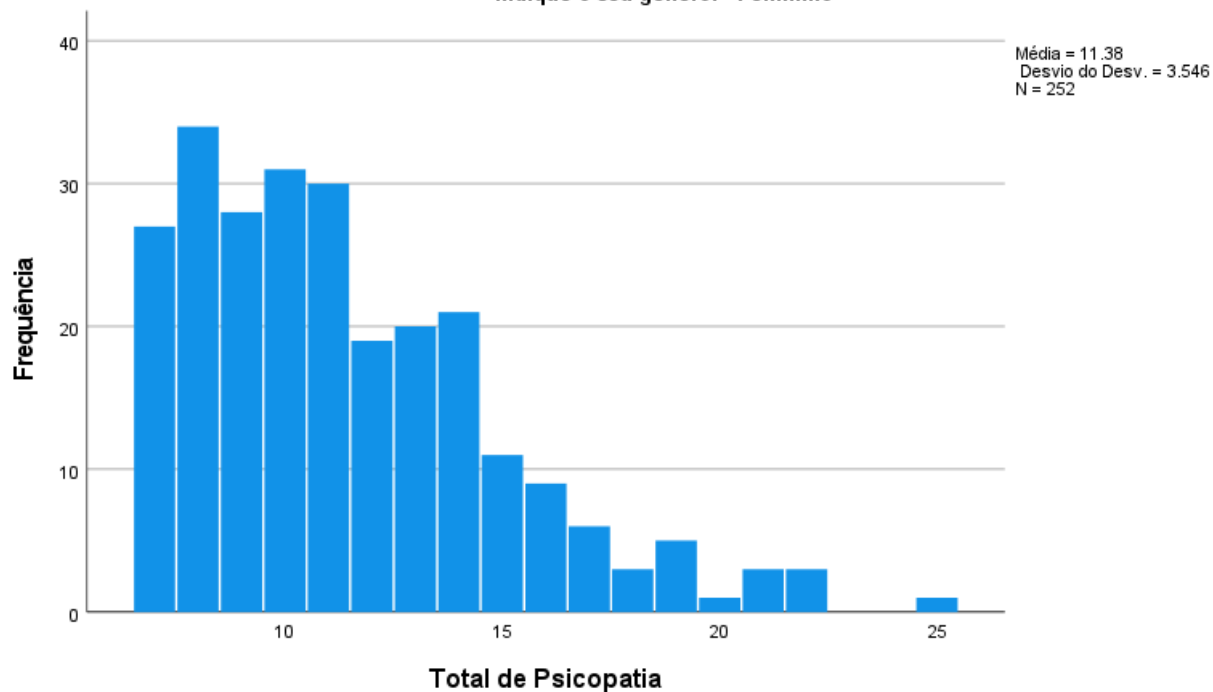
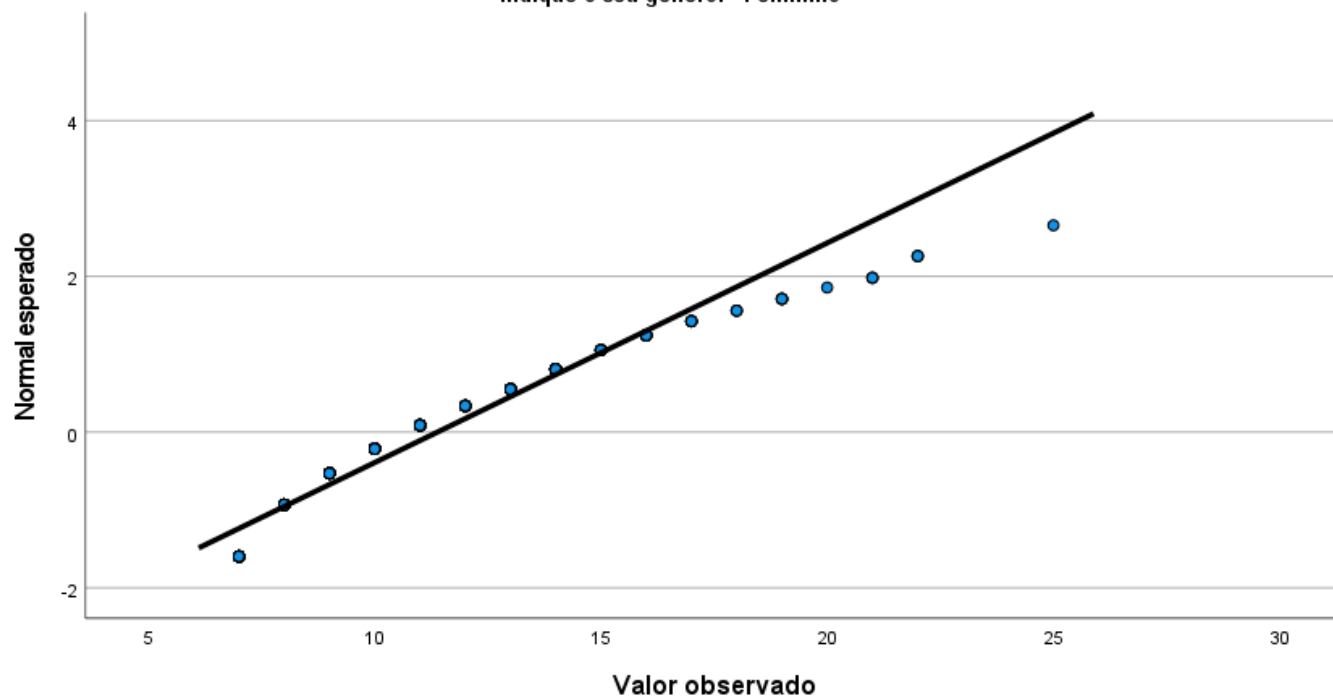


Gráfico Q-Q Normal de Total de Psicopatia

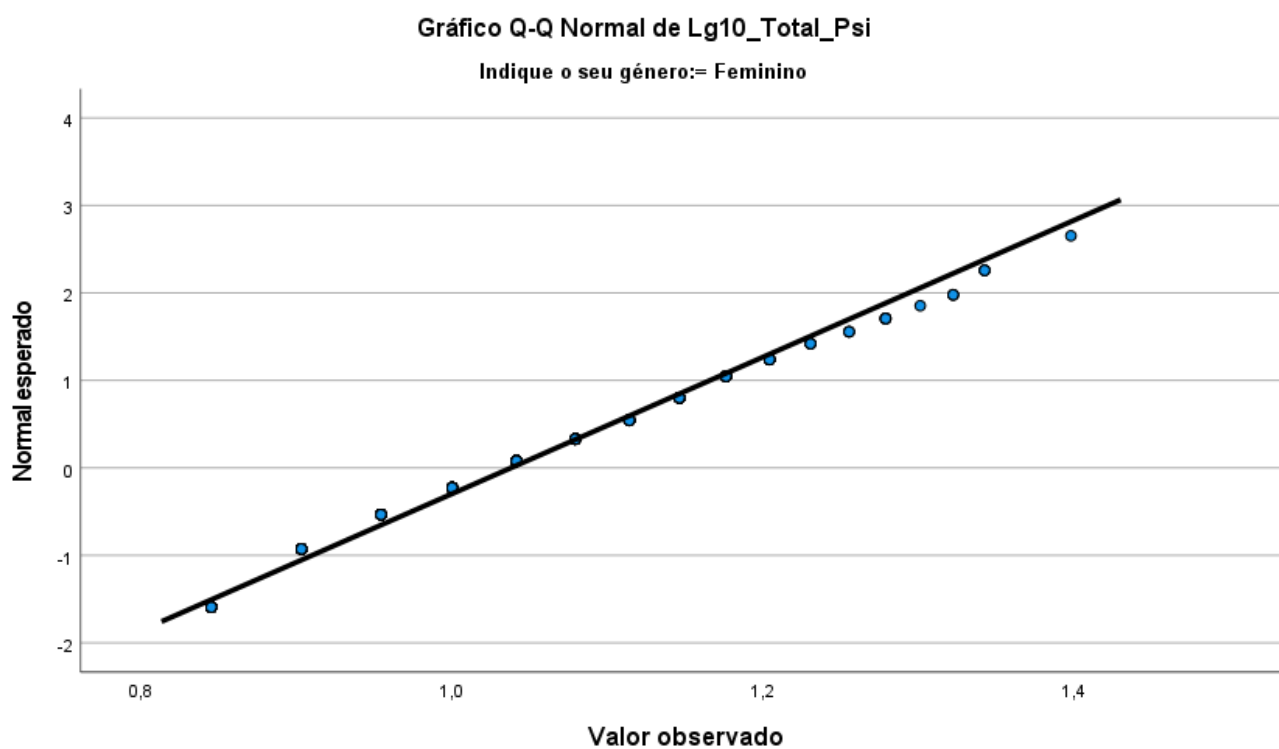
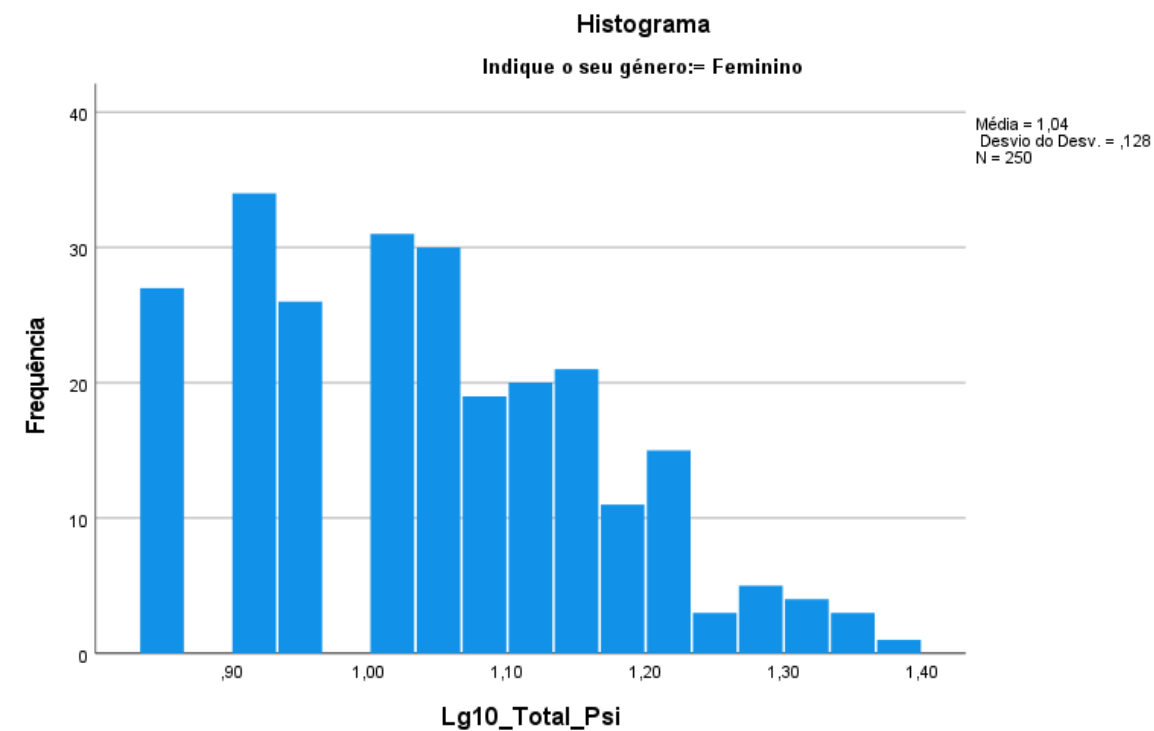
Indique o seu gênero:= Feminino



Anexo I

Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição da Psicopatia Transformada no Género

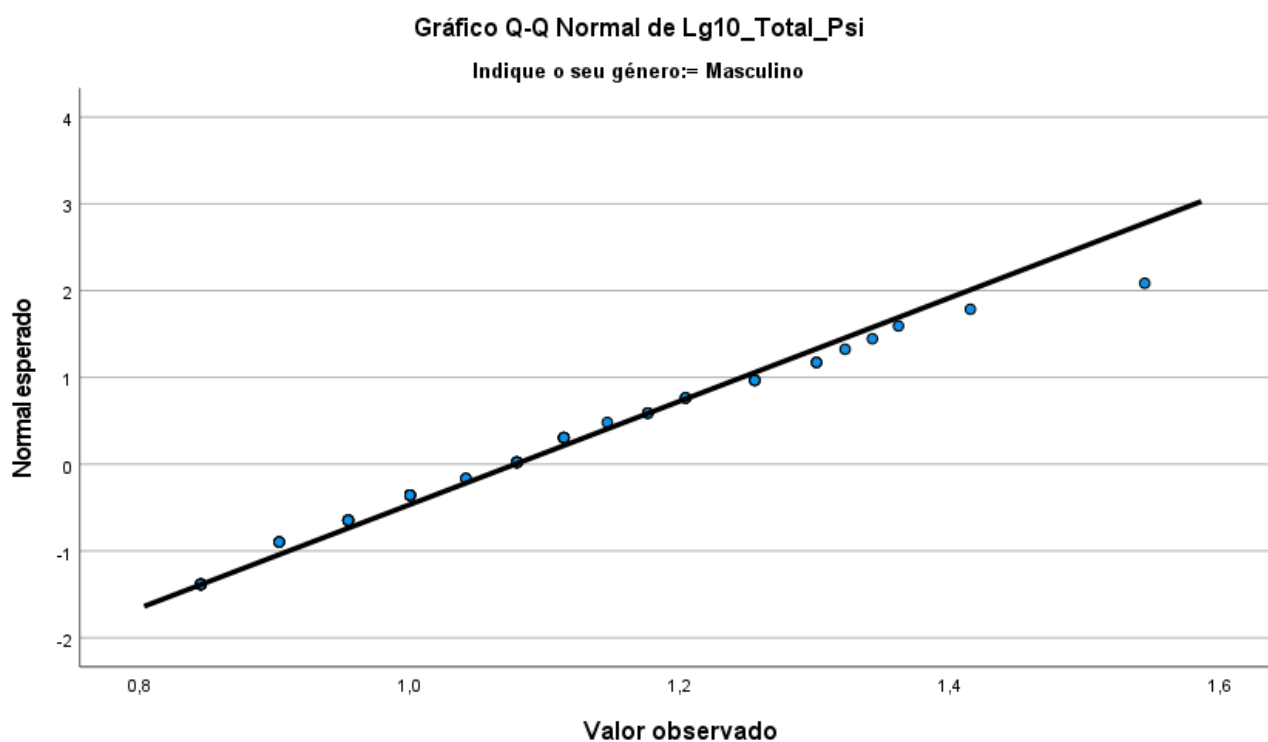
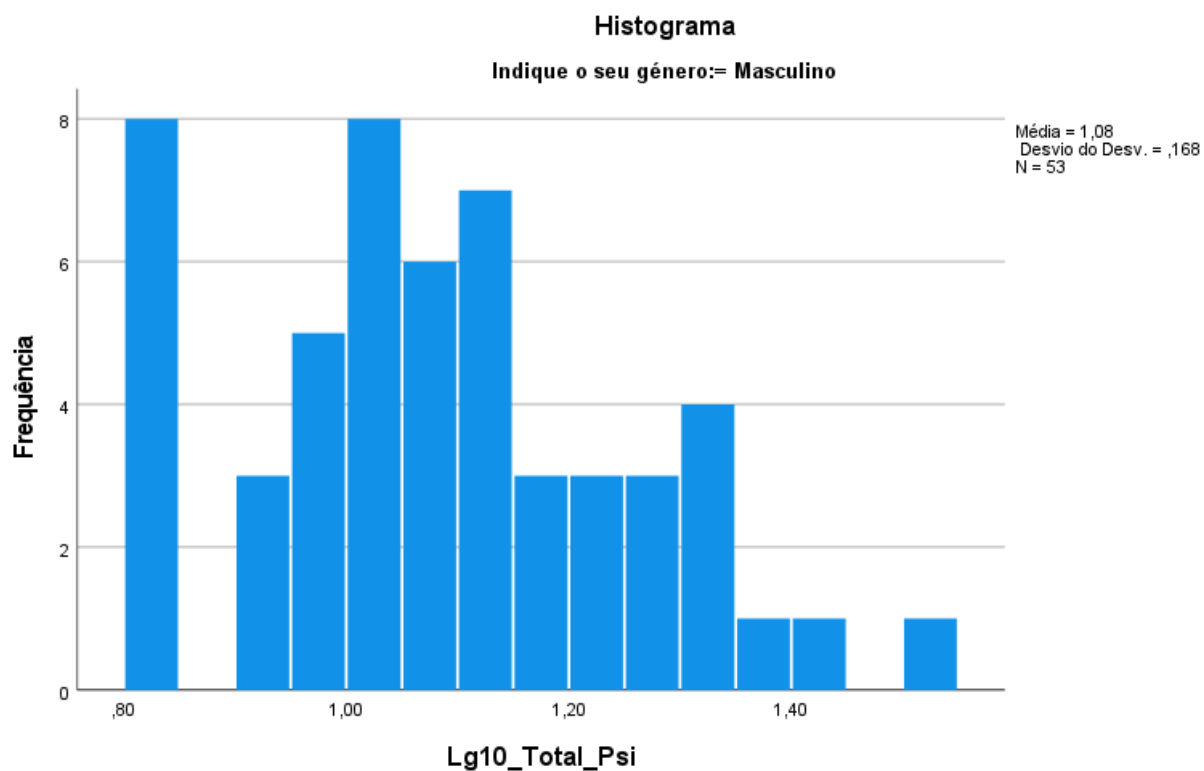
Feminino



Anexo J

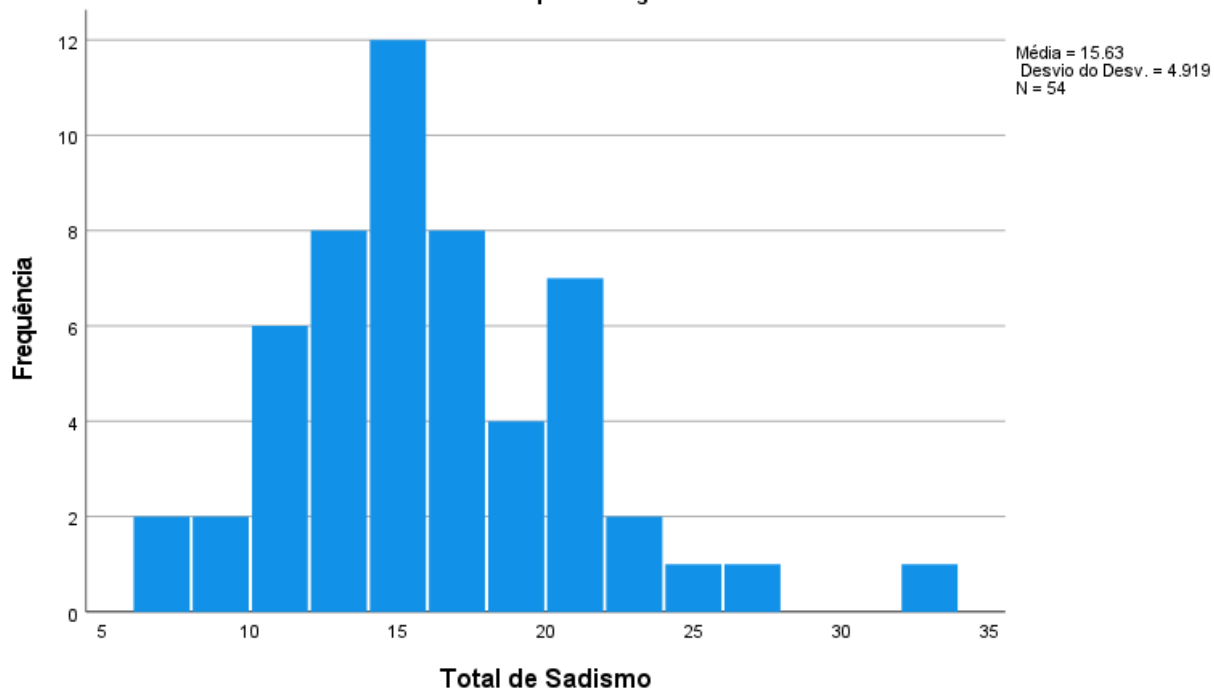
Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição da Psicopatia Transformada no Género

Masculino

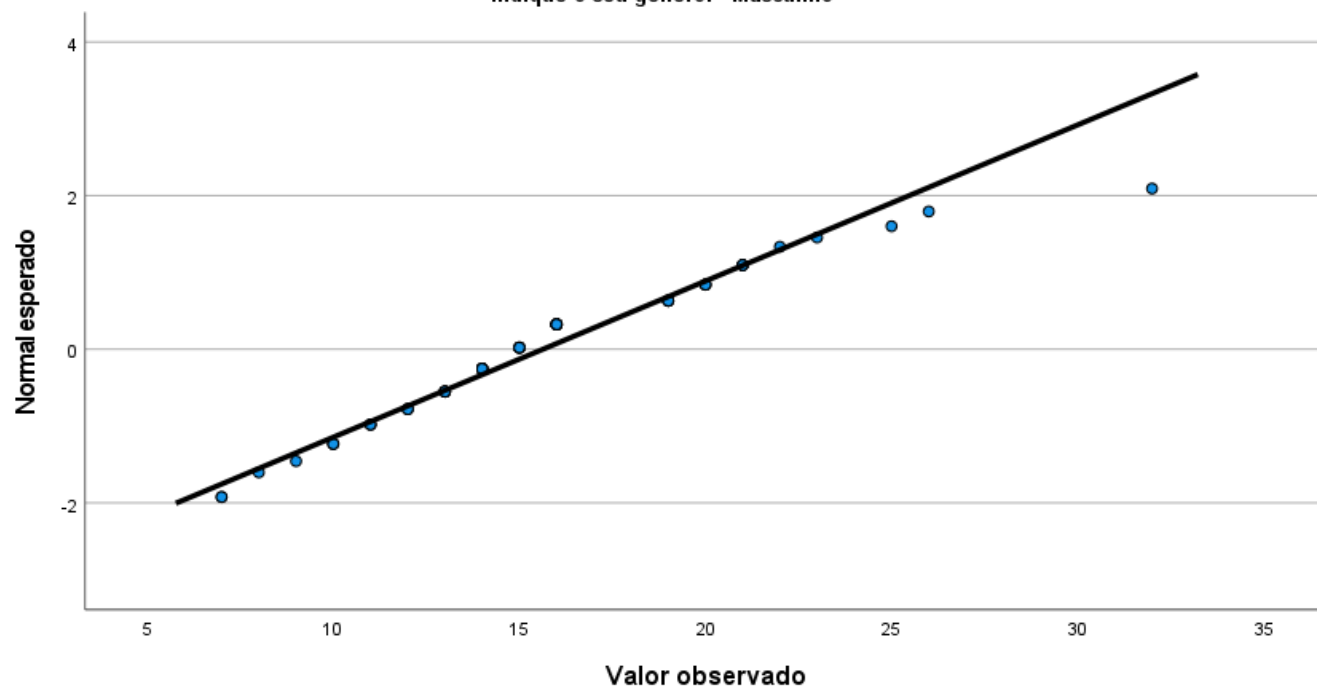


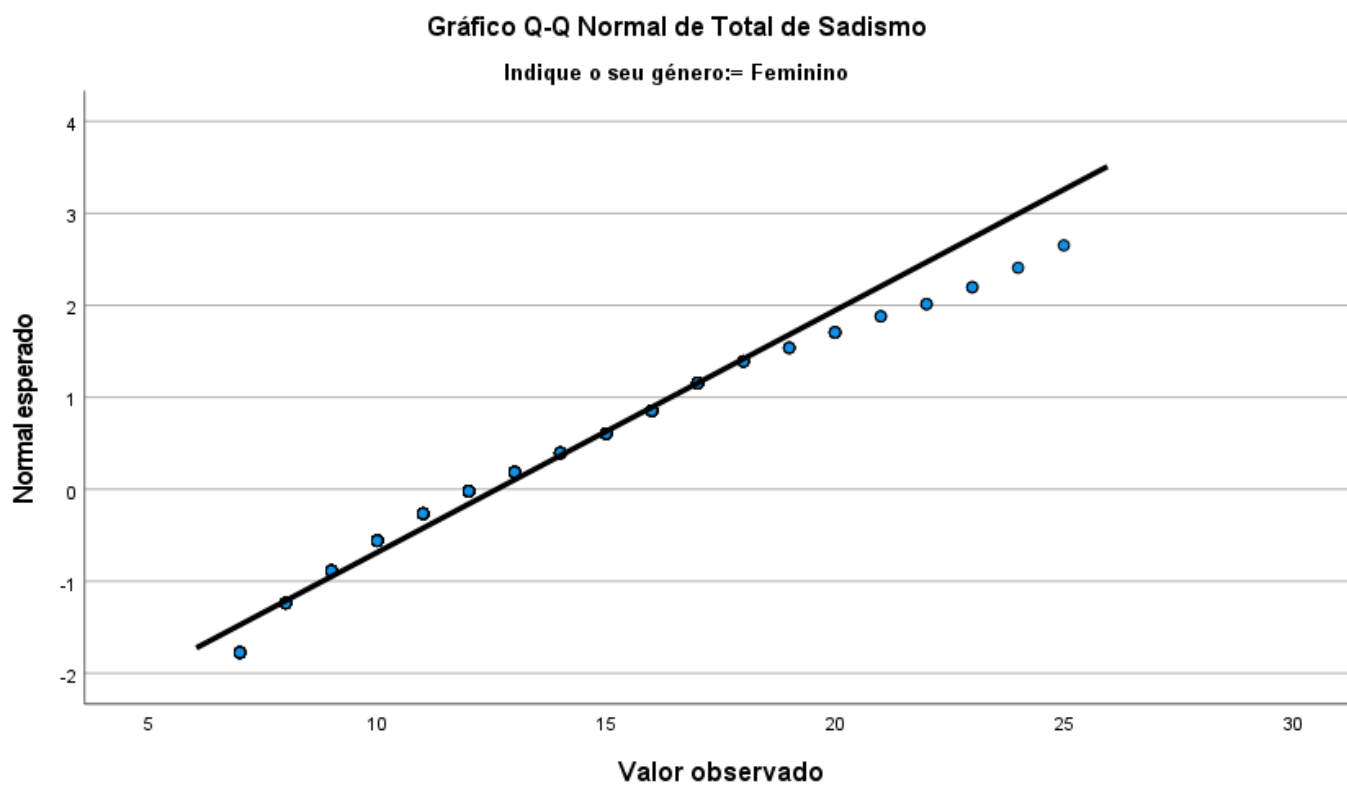
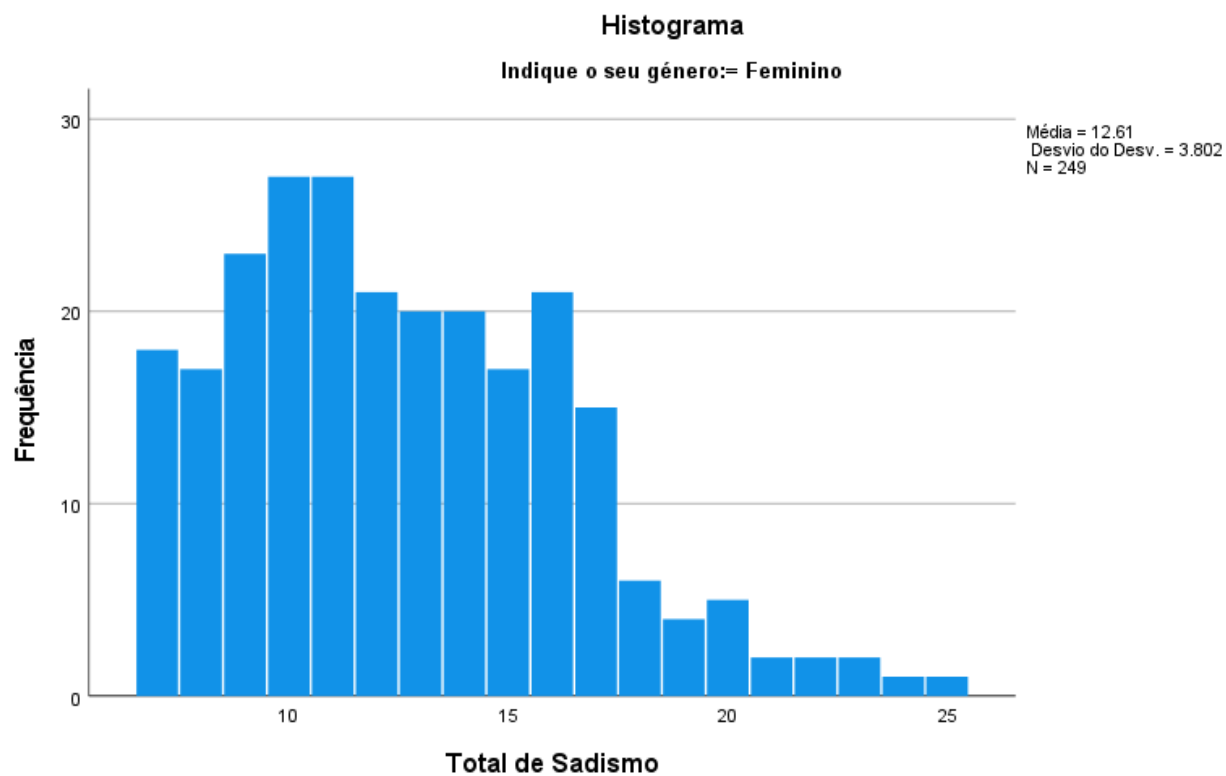
Anexo K**Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição do Sadismo nos Gêneros Masculino e Feminino****Histograma**

Indique o seu gênero:= Masculino

**Gráfico Q-Q Normal de Total de Sadismo**

Indique o seu gênero:= Masculino

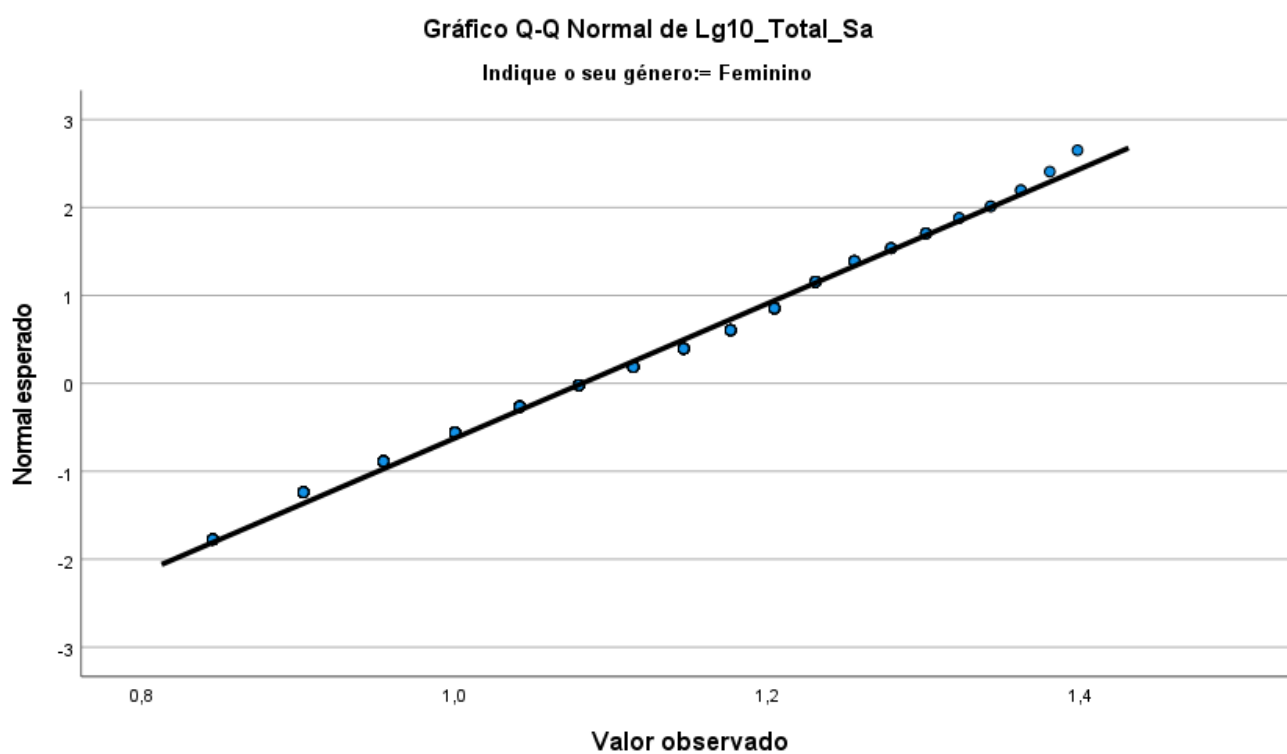
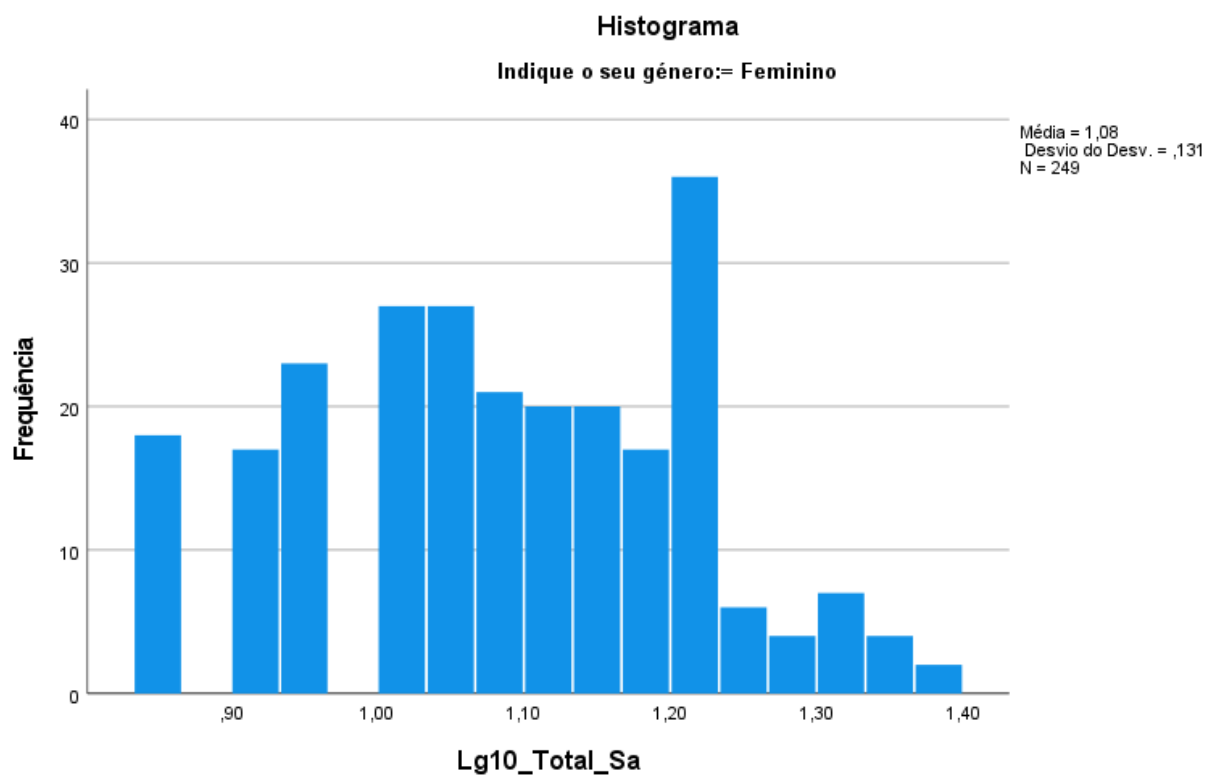


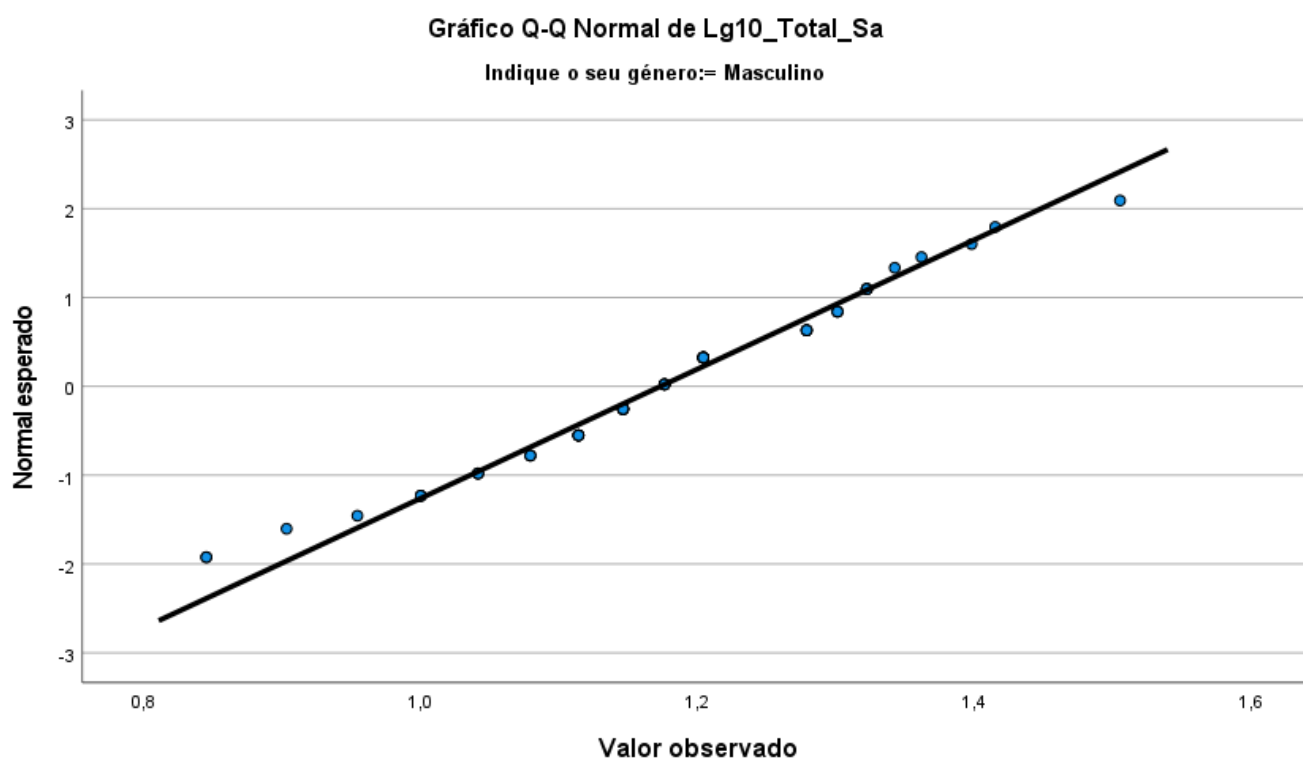
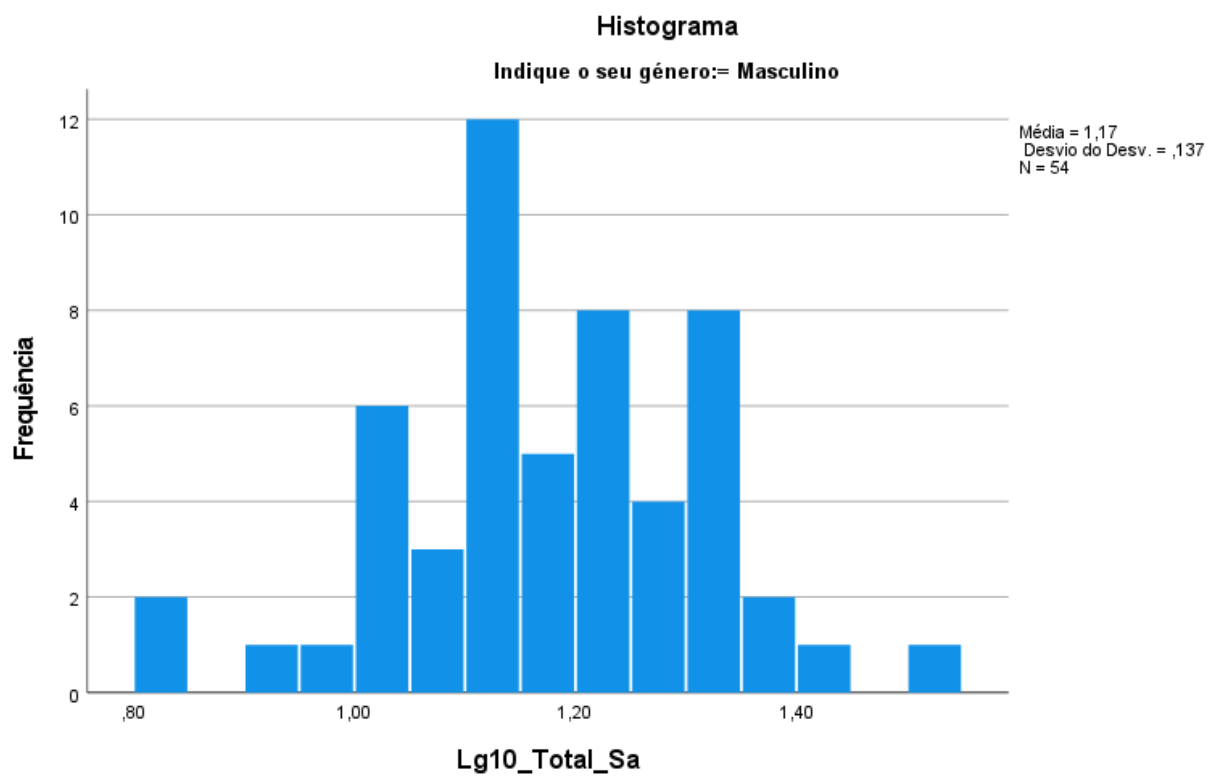


Anexo L

Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Sadismo Transformado no Gênero

Feminino



Anexo M**Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição do Sadismo Transformado no Gênero****Masculino**

Anexo N

Resultados dos Testes-t para Amostras Independentes relativos à Hipótese a)

Estatísticas de grupo

	Indique o seu género:	N	Média	Desvio Padrão	Erro de média padrão
Total de Sadismo Transformado	Masculino	54	1.1730	.13743	.01870
	Feminino	249	1.0812	.13051	.00827
Total de Psicopatia Transformado	Masculino	53	1.0778	.16785	.02306
	Feminino	250	1.0377	.12793	.00809
Total de Narcisismo	Masculino	54	17.91	4.838	.658
	Feminino	248	17.04	4.061	.258
Total de Maquiavelismo	Masculino	50	20.66	4.529	.641
	Feminino	250	18.66	4.098	.259

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias							
		Z	Sig.	t	df	Significância		Diferença média	Erro de diferença padrão	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
						Unilateral p	Bilateral p			Inferior	Superior
Total de Sadismo Transformado	Variâncias iguais assumidas	.117	.732	4.645	301	<.001	<.001	.09187	.01978	.05295	.13079
	Variâncias iguais não assumidas			4.493	75.144	<.001	<.001	.09187	.02045	.05113	.13260
Total de Psicopatia Transformado	Variâncias iguais assumidas	5.909	.016	1.952	301	.026	.052	.04005	.02052	-.00033	.08042
	Variâncias iguais não assumidas			1.639	65.388	.053	.106	.04005	.02443	-.00875	.08884
Total de Narcisismo	Variâncias iguais assumidas	2.729	.100	1.372	300	.086	.171	.867	.632	-.377	2.111
	Variâncias iguais não assumidas			1.226	70.156	.112	.224	.867	.707	-.543	2.277
Total de Maquiavelismo	Variâncias iguais assumidas	.819	.366	3.100	298	.001	.002	2.004	.646	.732	3.276
	Variâncias iguais não assumidas			2.900	66.014	.003	.005	2.004	.691	.624	3.384

Tamanhos de efeitos de amostras independentes

		Padronizadora ^a	Estimativa de ponto	Intervalo de Confiança 95%	
				Inferior	Superior
Total de Sadismo Transformado	d de Cohen	.13175	.697	.397	.996
	Correção de Hedges	.13208	.696	.396	.994
	Delta do vidro	.13051	.704	.403	1.004
Total de Psicopatia Transformado	d de Cohen	.13567	.295	-.002	.592
	Correção de Hedges	.13601	.294	-.002	.591
	Delta do vidro	.12793	.313	.015	.610
Total de Narcisismo	d de Cohen	4.209	.206	-.089	.501
	Correção de Hedges	4.219	.206	-.089	.499
	Delta do vidro	4.061	.214	-.082	.508
Total de Maquiavelismo	d de Cohen	4.172	.480	.174	.786
	Correção de Hedges	4.183	.479	.173	.784
	Delta do vidro	4.098	.489	.182	.795

a. O denominador usado na estimativa dos tamanhos dos efeitos.

O d de Cohen usa o desvio padrão agrupado.

A correção de Hedges usa o desvio padrão agrupado, além de um fator de correção.

O delta de Glass usa o desvio padrão de amostra do grupo de controle.

Anexo O

Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição da Legitimação do Uso de Violência

Sexual nos Gêneros Masculino e Feminino

Histograma

Indique o seu gênero:= Masculino

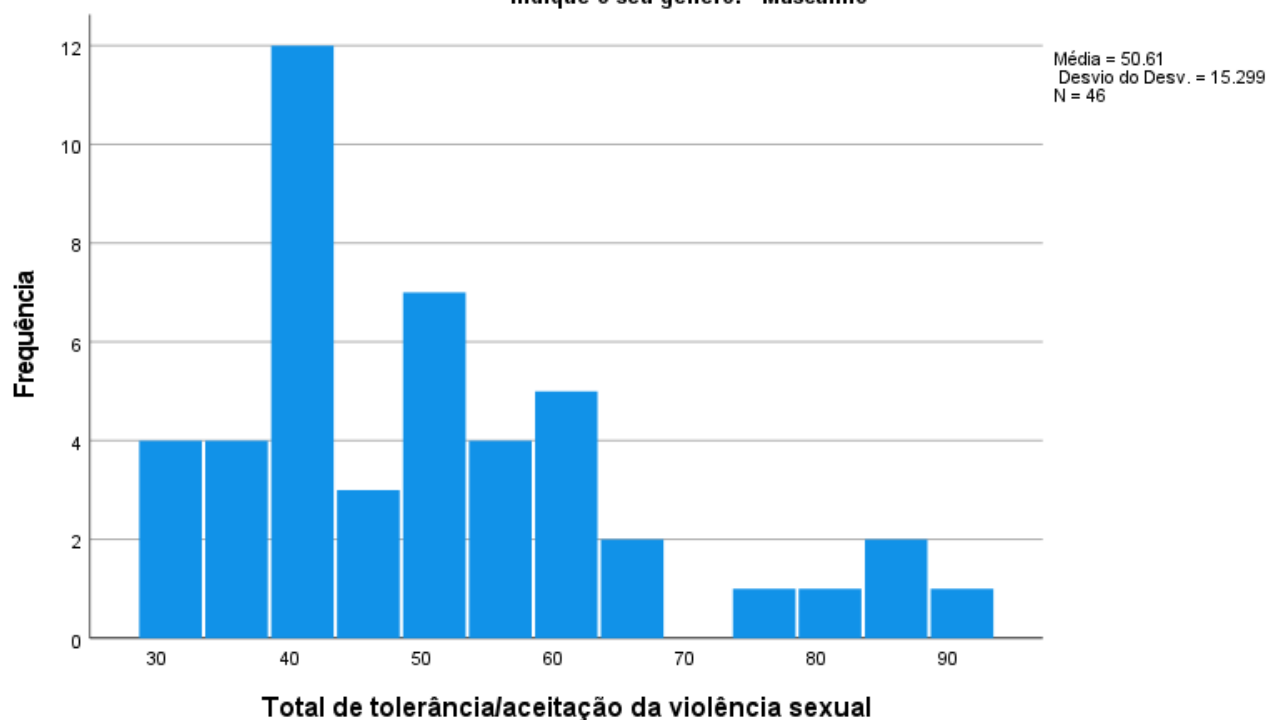
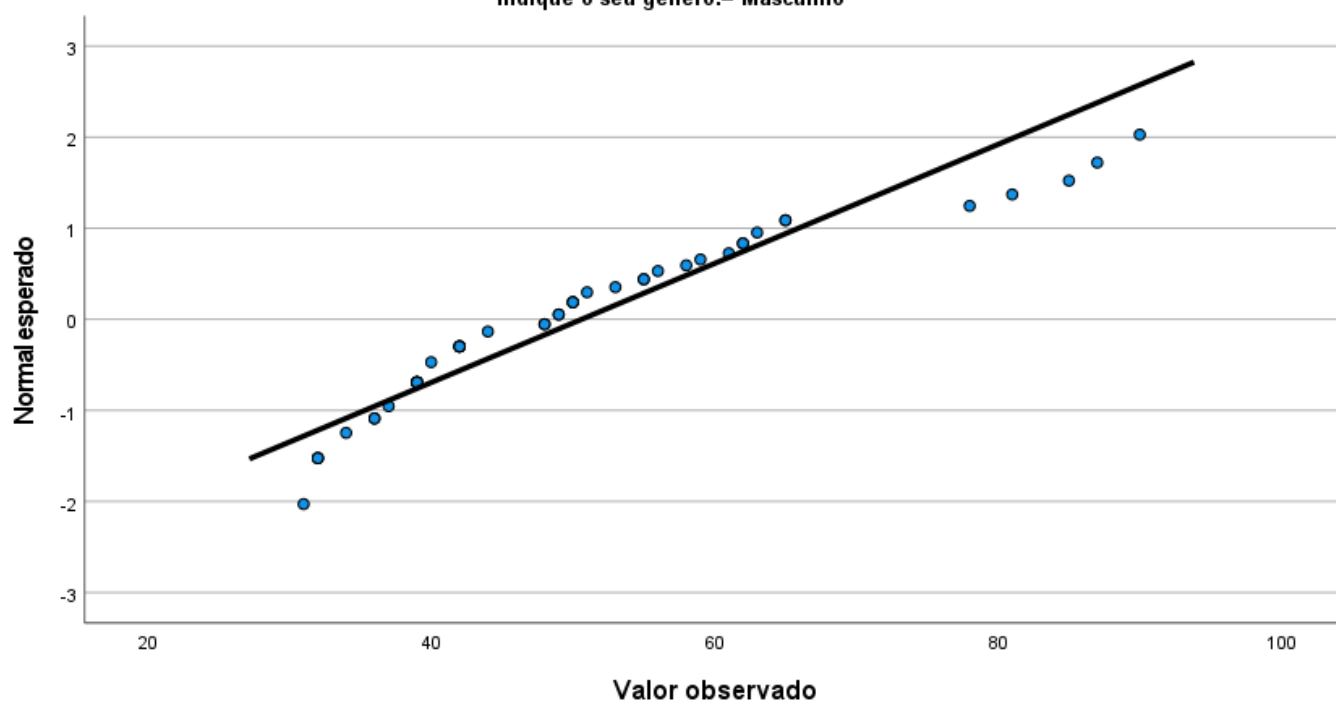


Gráfico Q-Q Normal de Total de tolerância/aceitação da violência sexual

Indique o seu gênero:= Masculino



Histograma

Indique o seu gênero:= Feminino

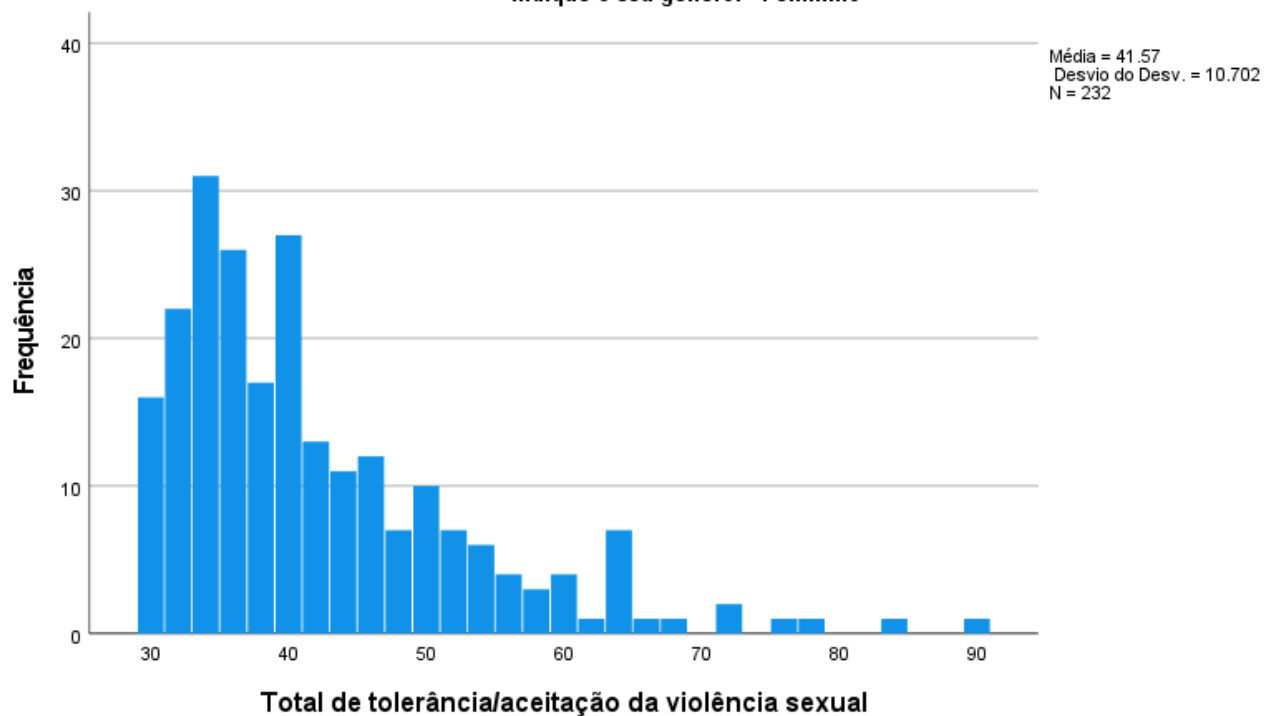
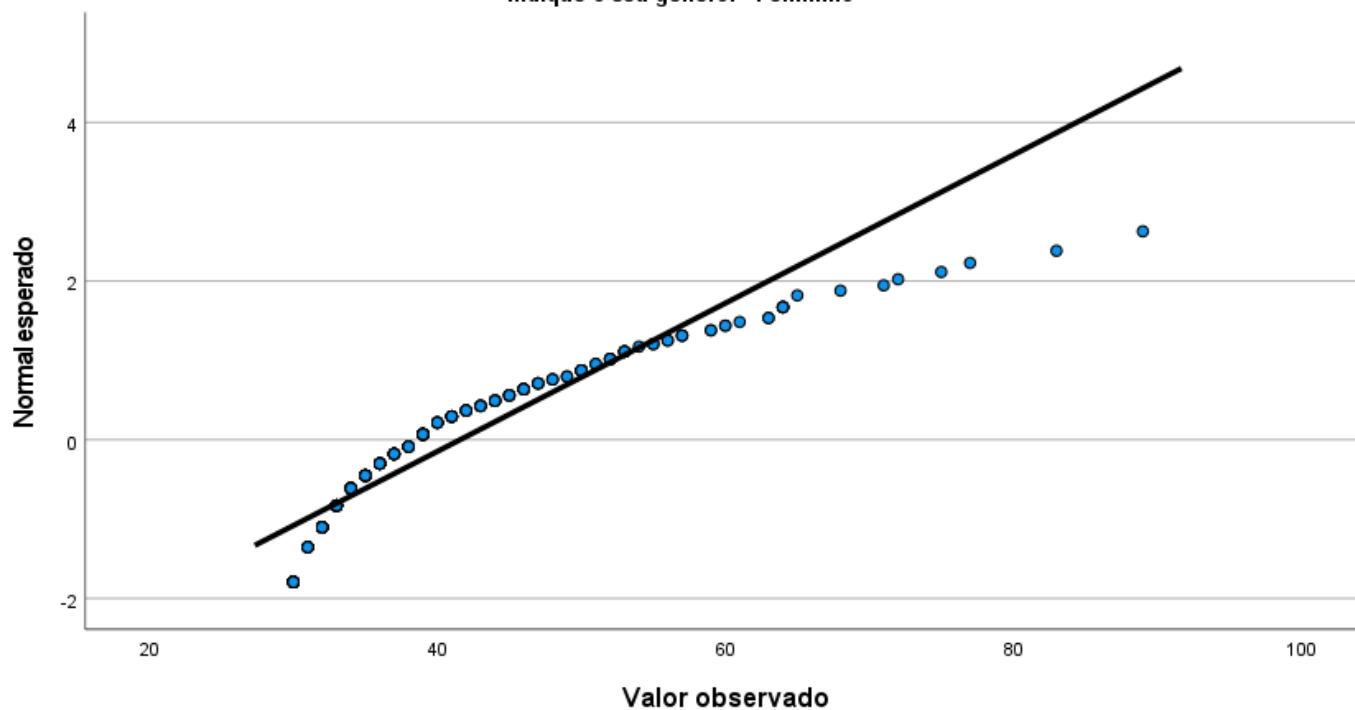


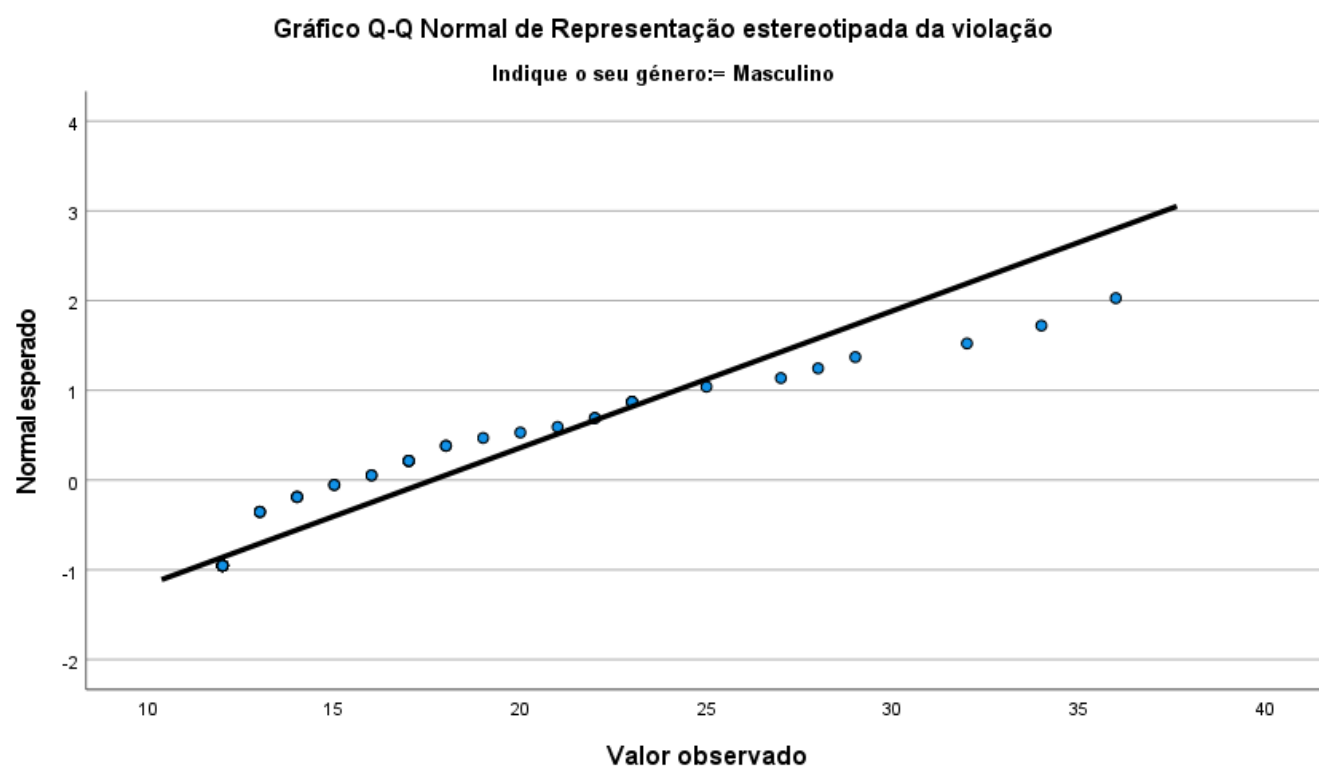
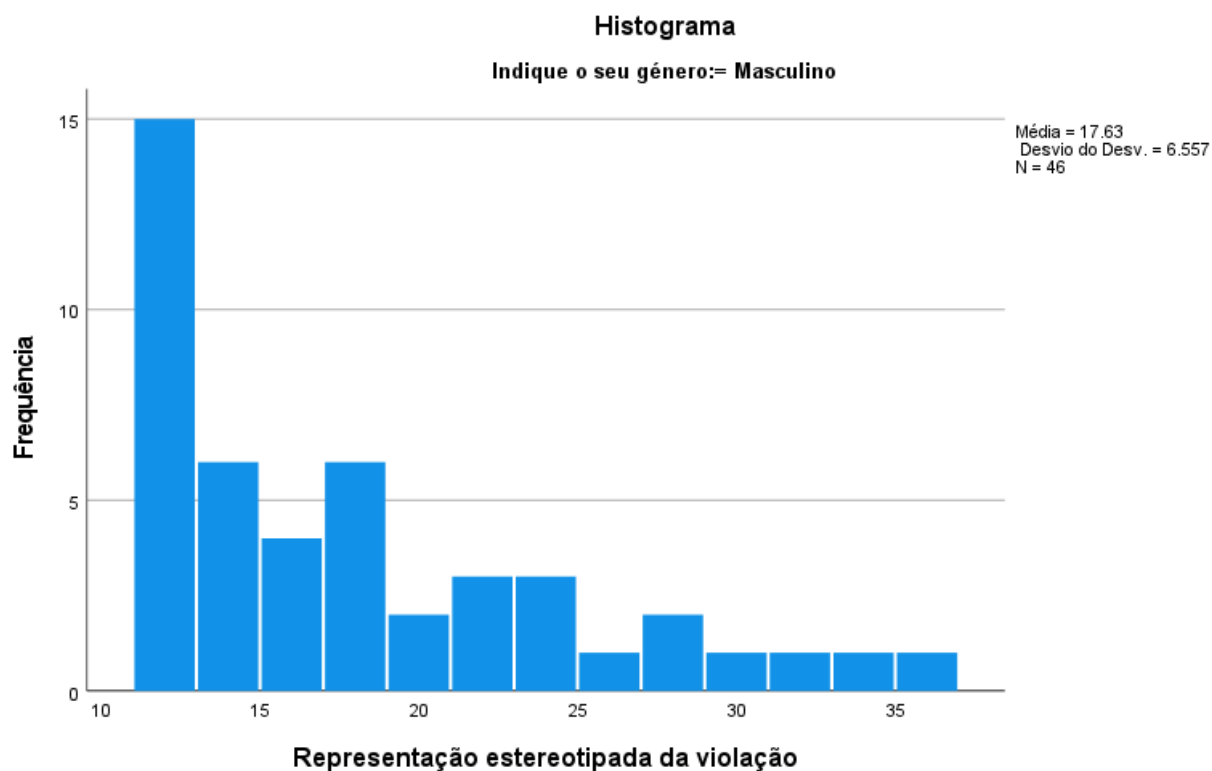
Gráfico Q-Q Normal de Total de tolerância/aceitação da violência sexual

Indique o seu gênero:= Feminino



Anexo P

Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição de “Representação Estereotipada da Violação” nos Gêneros Masculino e Feminino



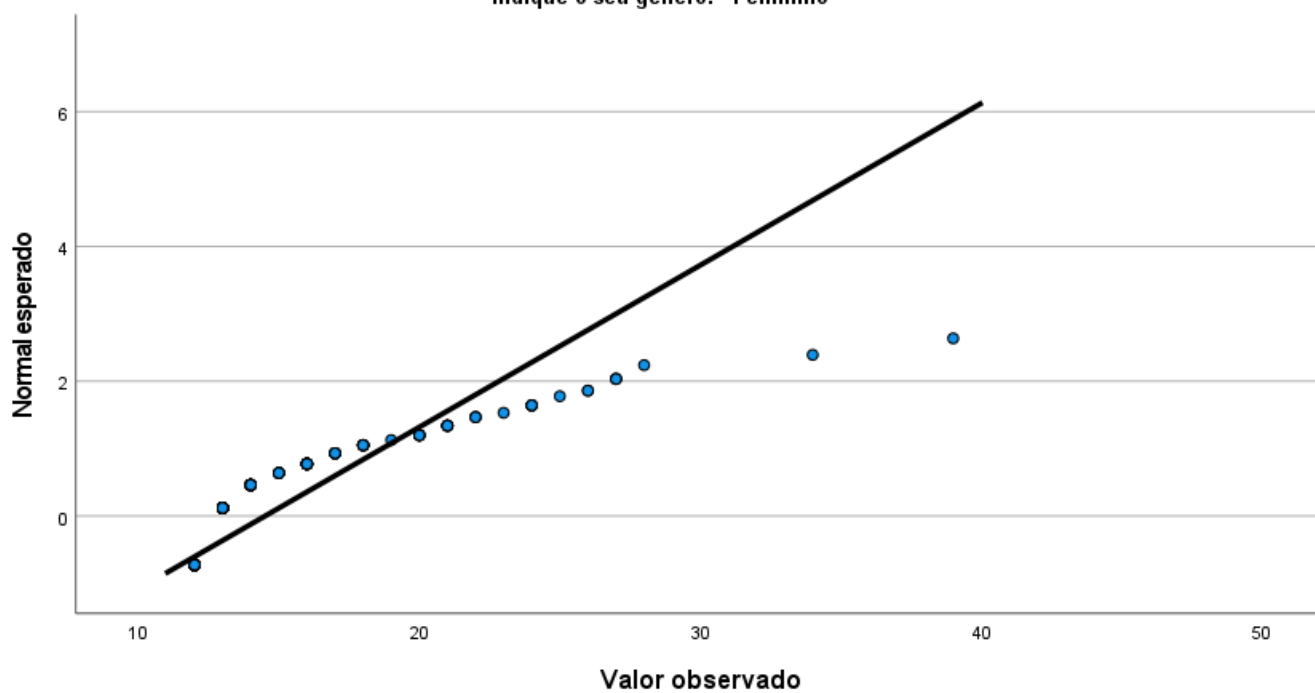
Histograma

Indique o seu gênero:= Feminino



Gráfico Q-Q Normal de Representação estereotipada da violação

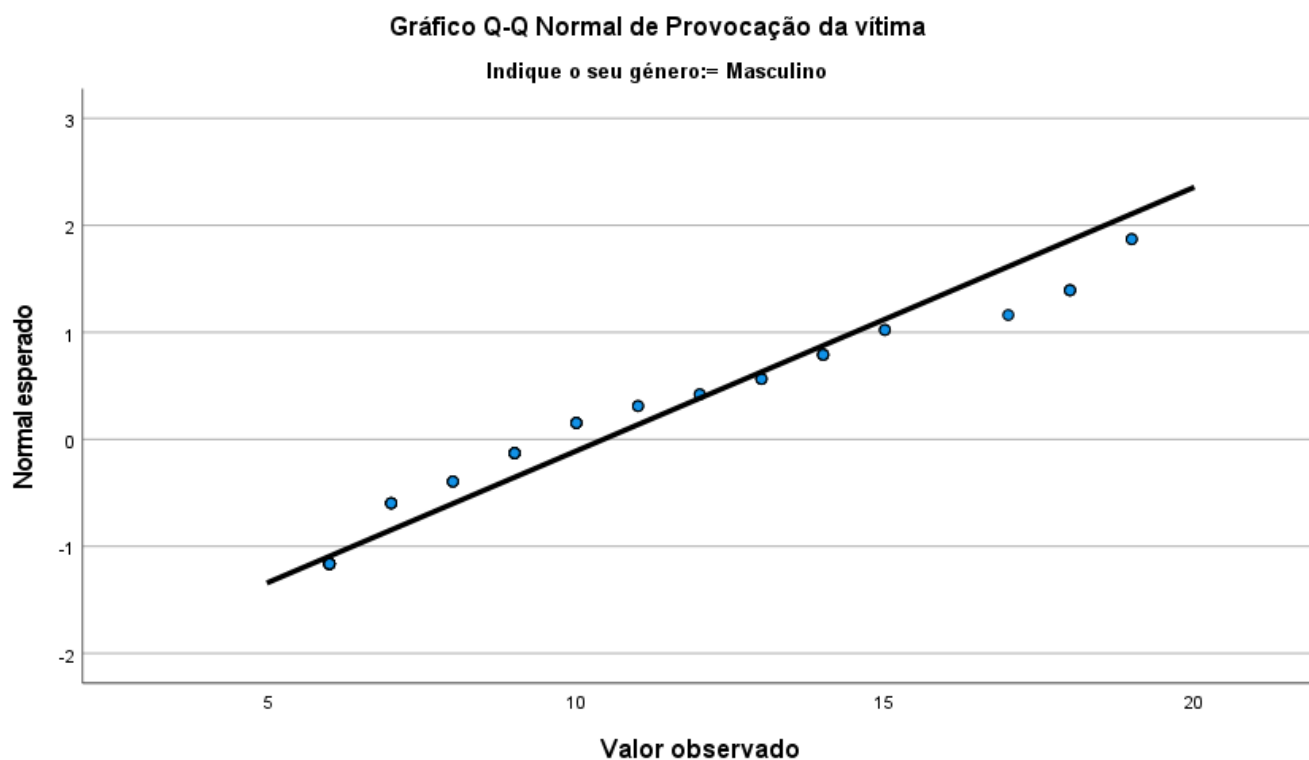
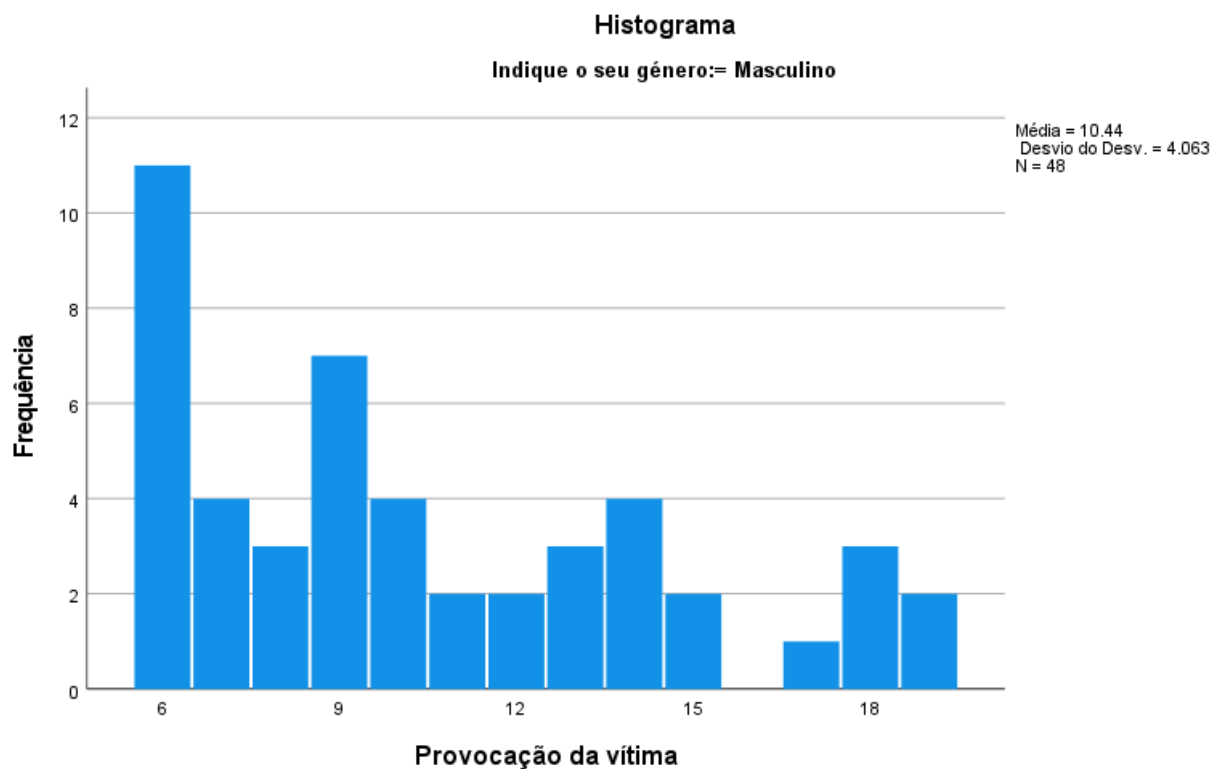
Indique o seu gênero:= Feminino



Anexo Q

Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição de “Provocação da Vítima” nos Gêneros

Masculino e Feminino



Histograma

Indique o seu gênero:= Feminino

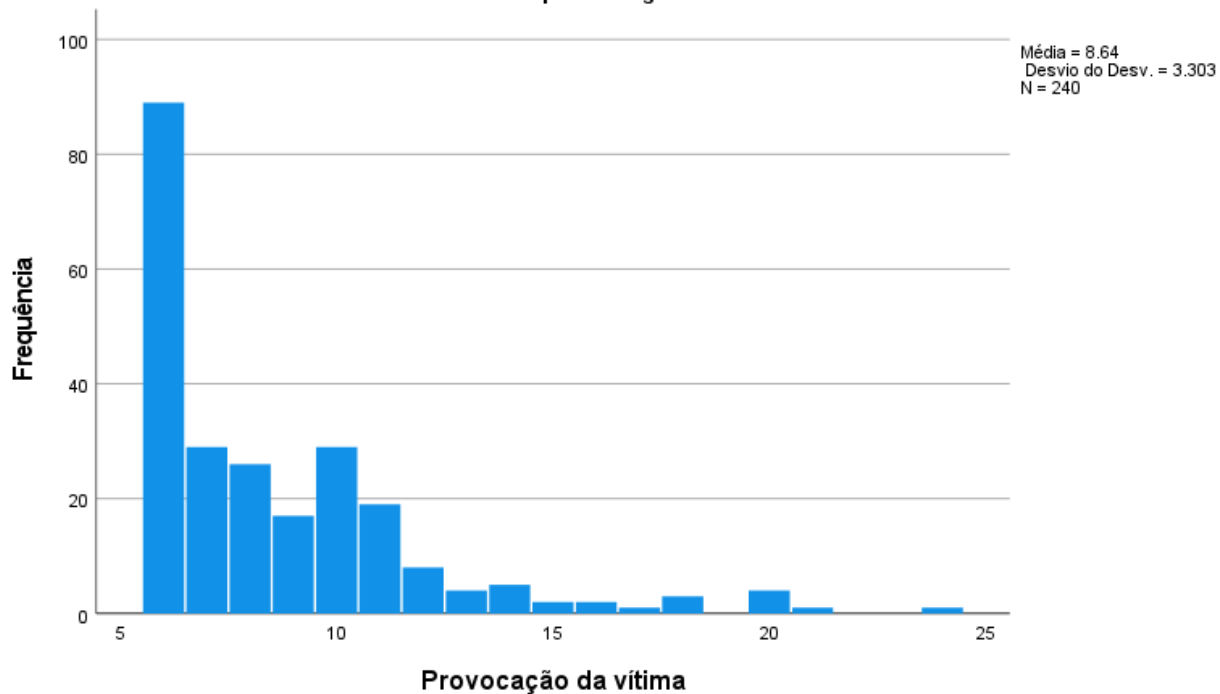
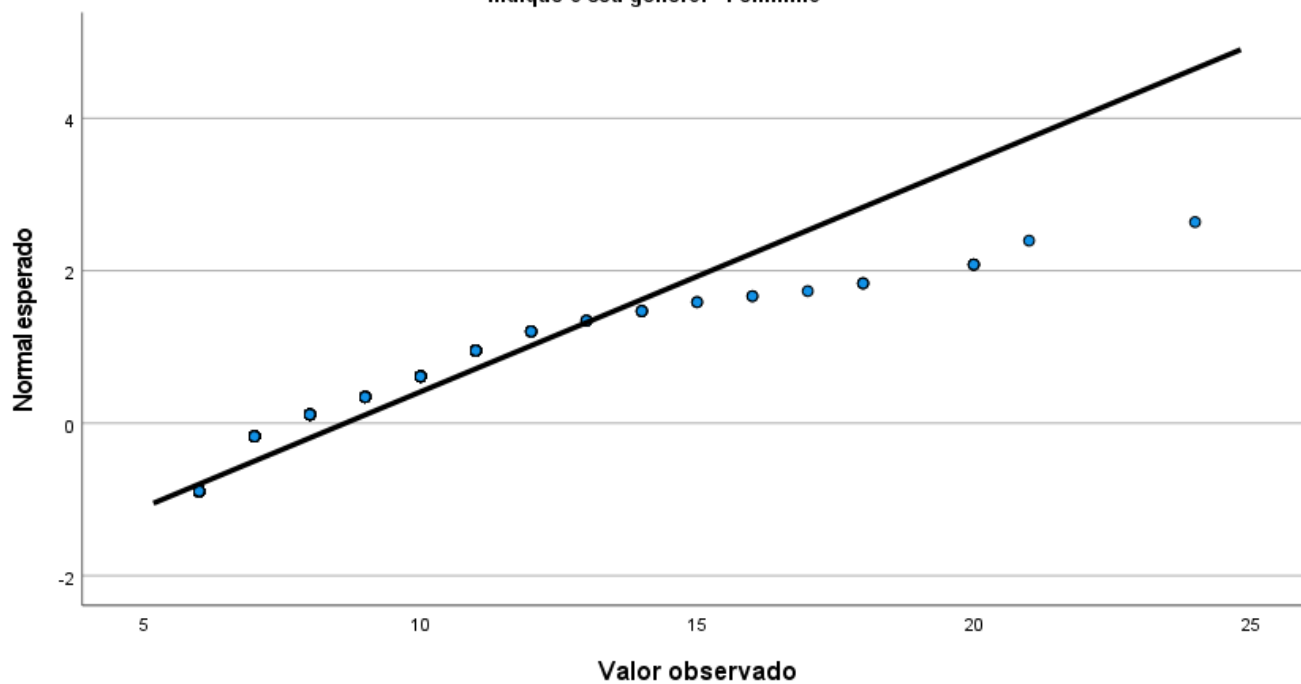


Gráfico Q-Q Normal de Provocação da vítima

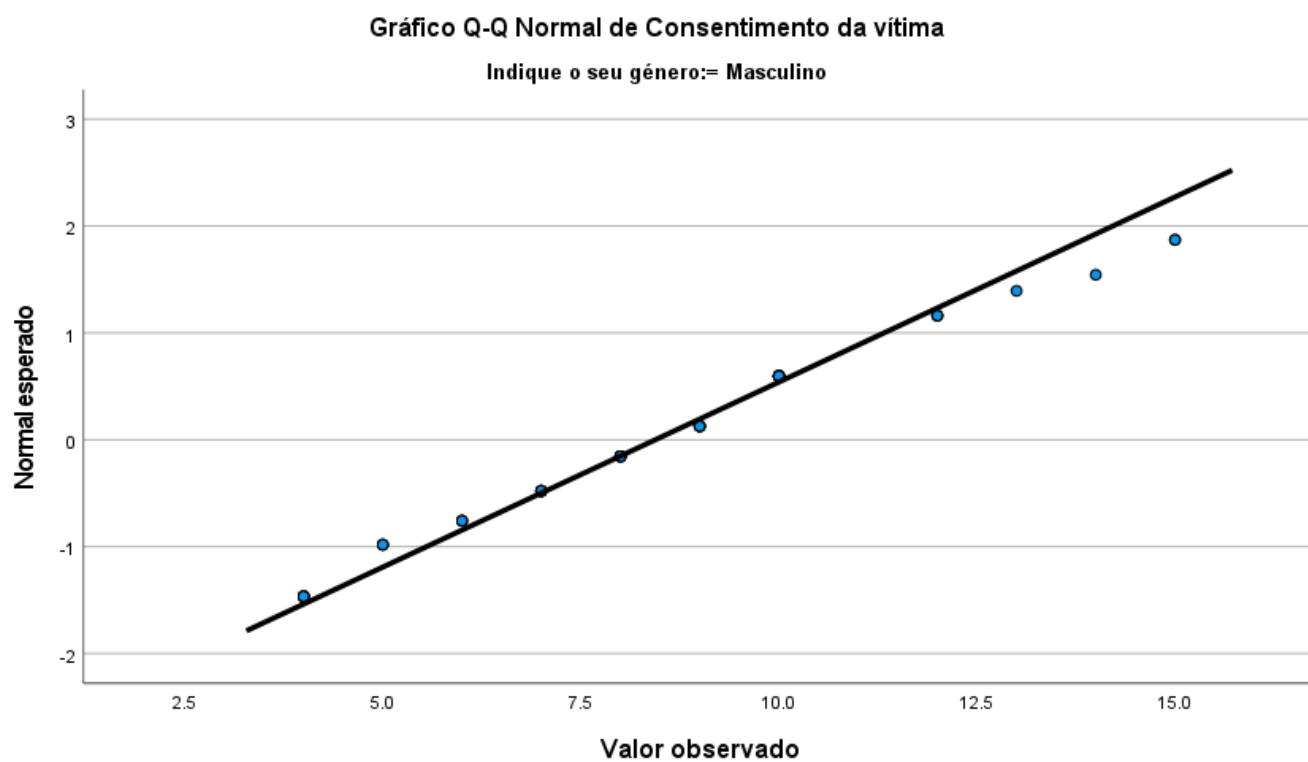
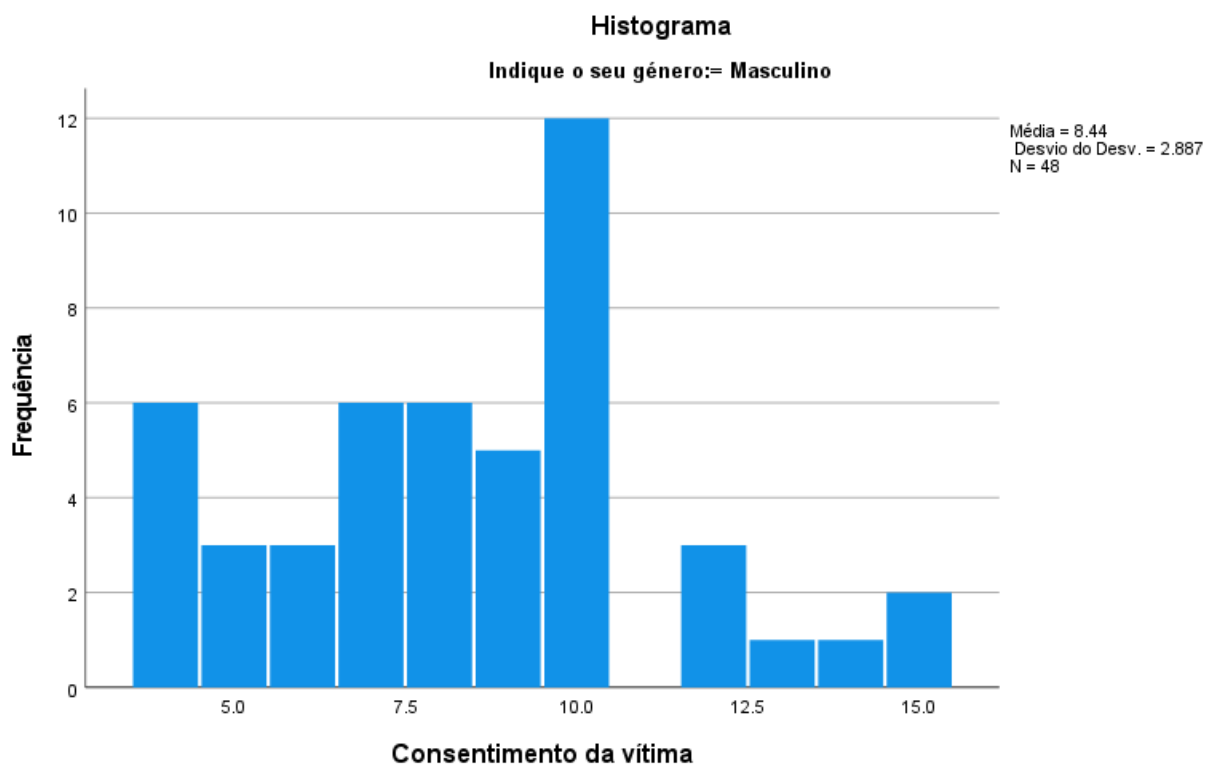
Indique o seu gênero:= Feminino



Anexo R

Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição de “Consentimento da Vítima” no Género

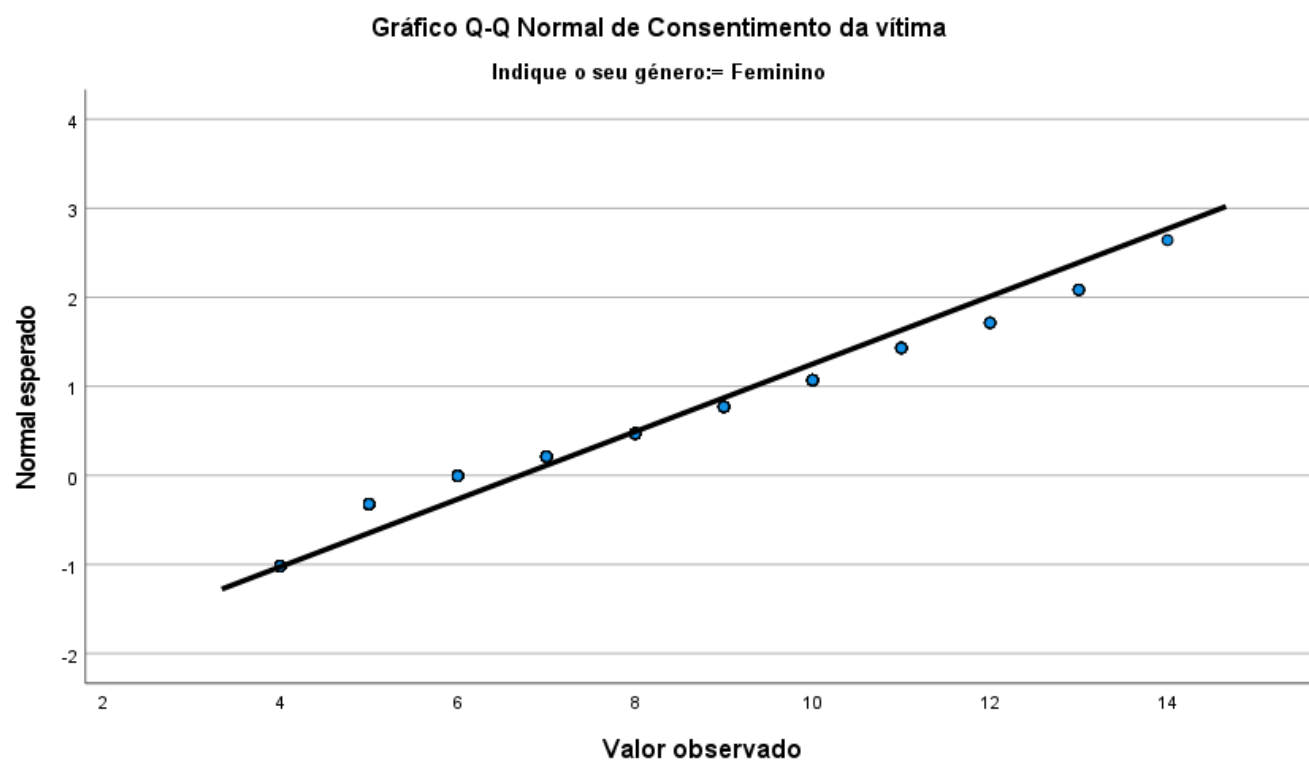
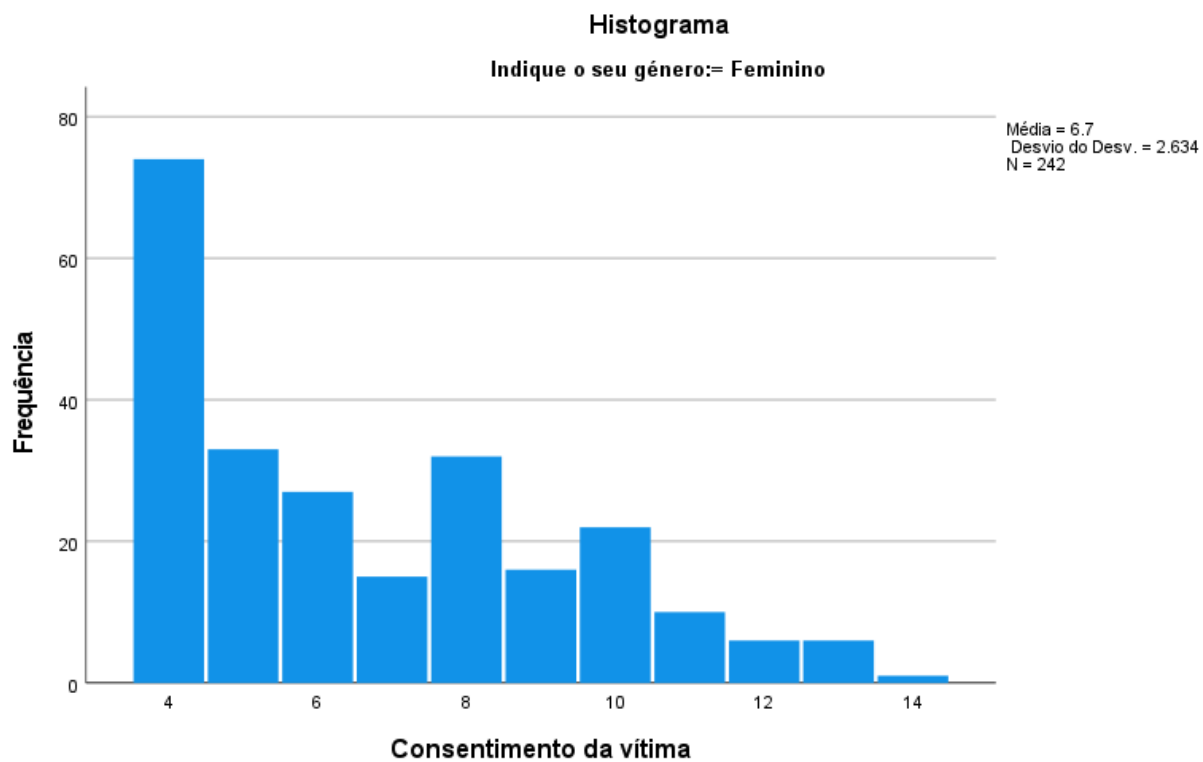
Masculino



Anexo S

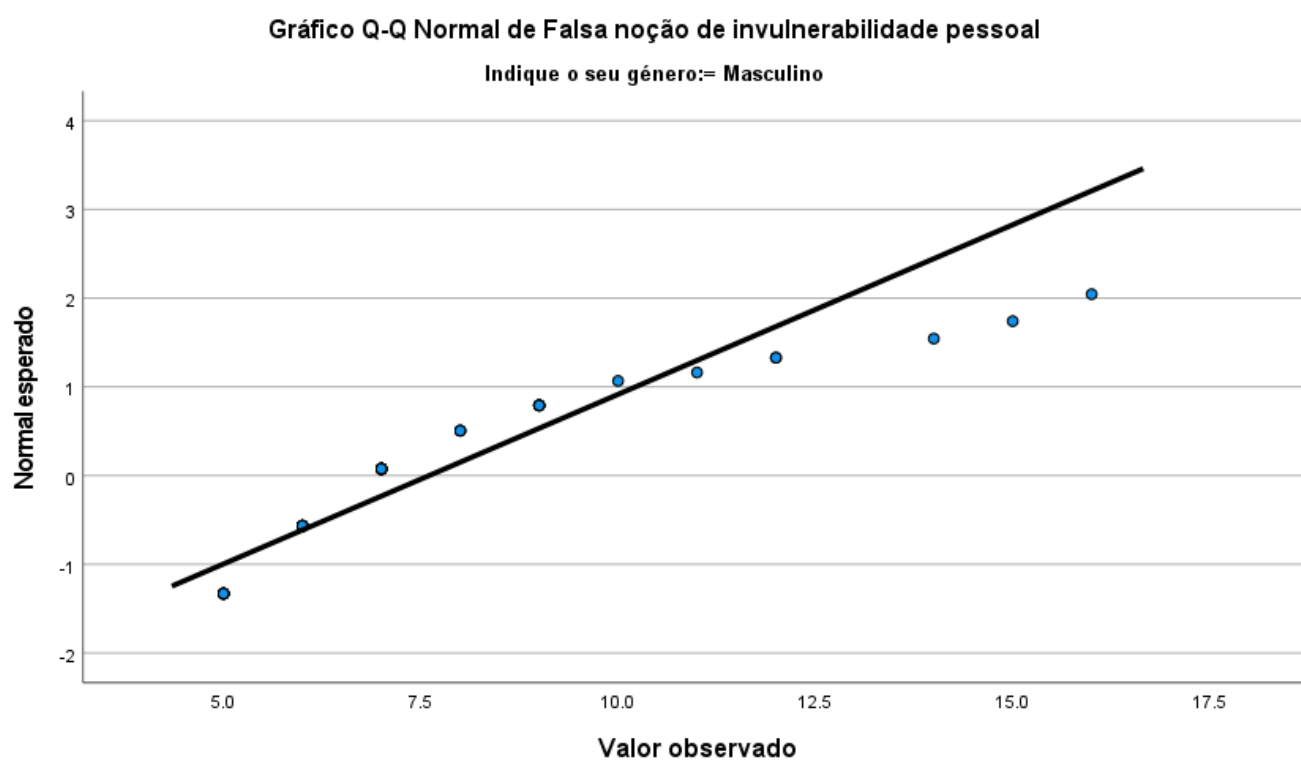
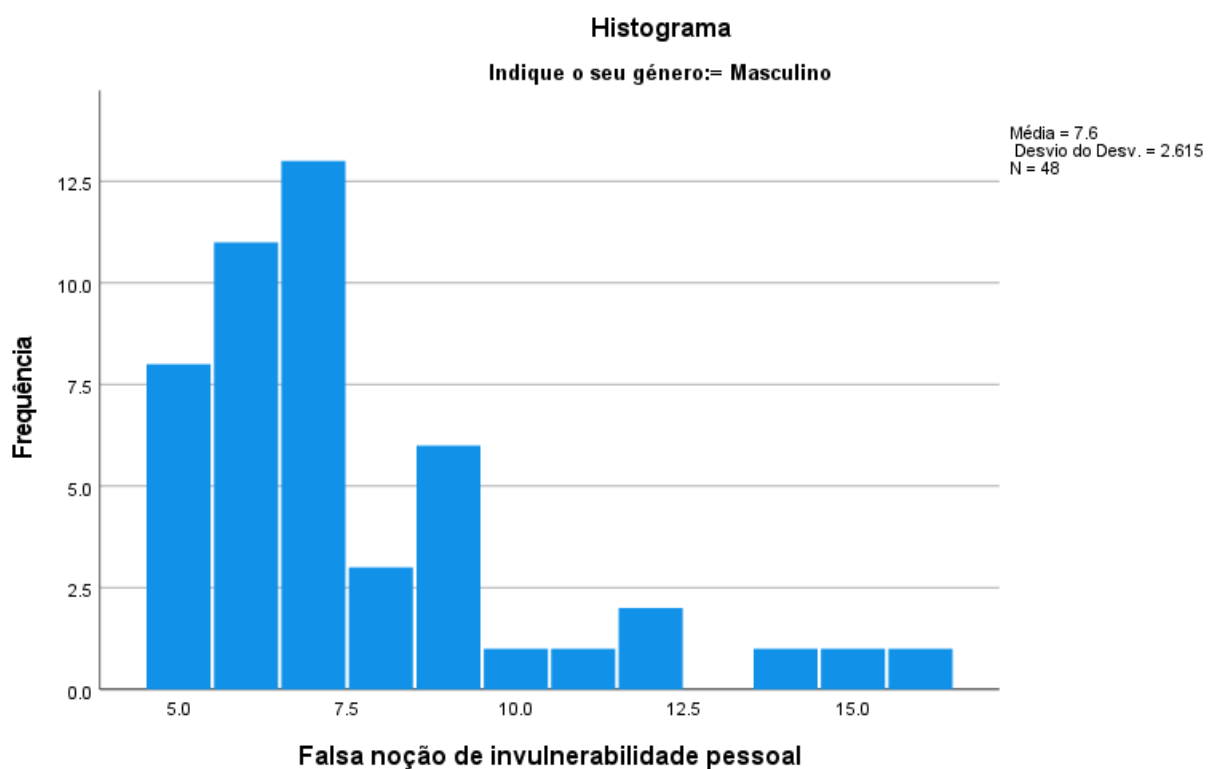
Histograma e Gráfico Q-Q da Distribuição de “Consentimento da Vítima” no Género

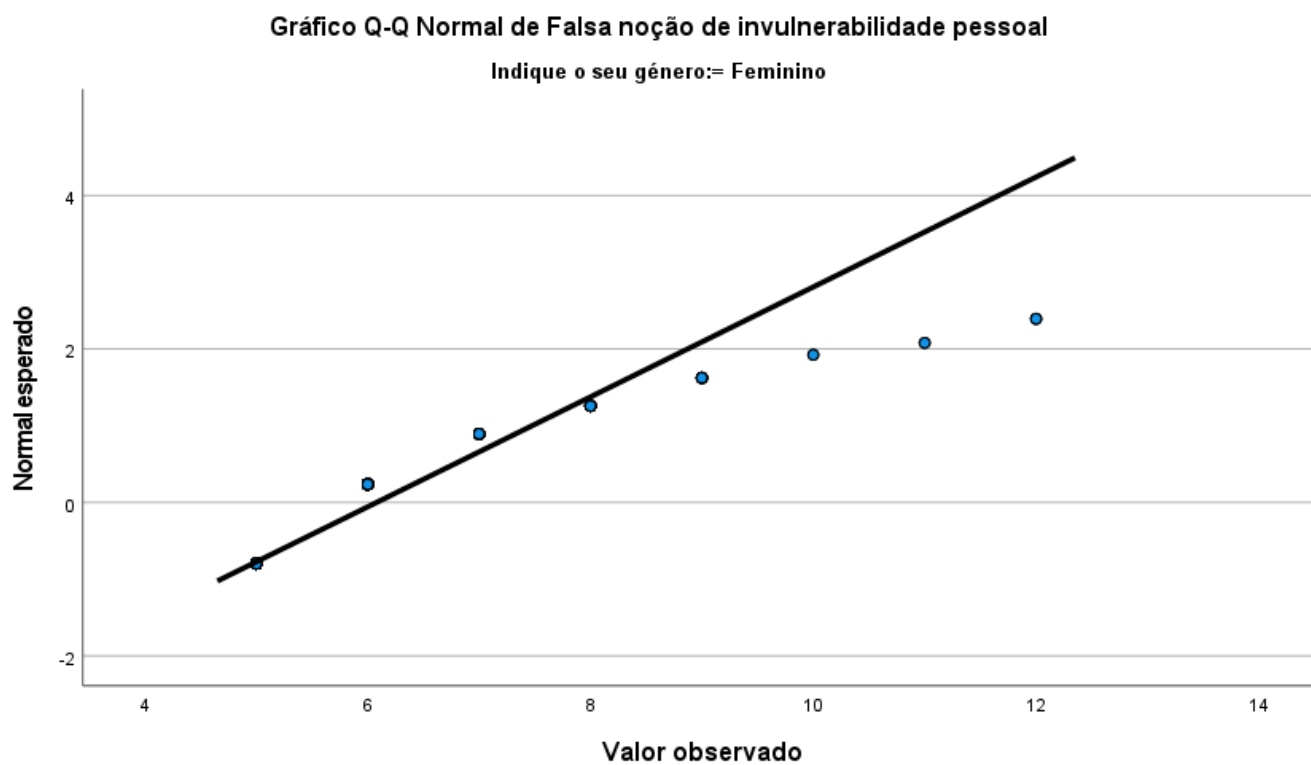
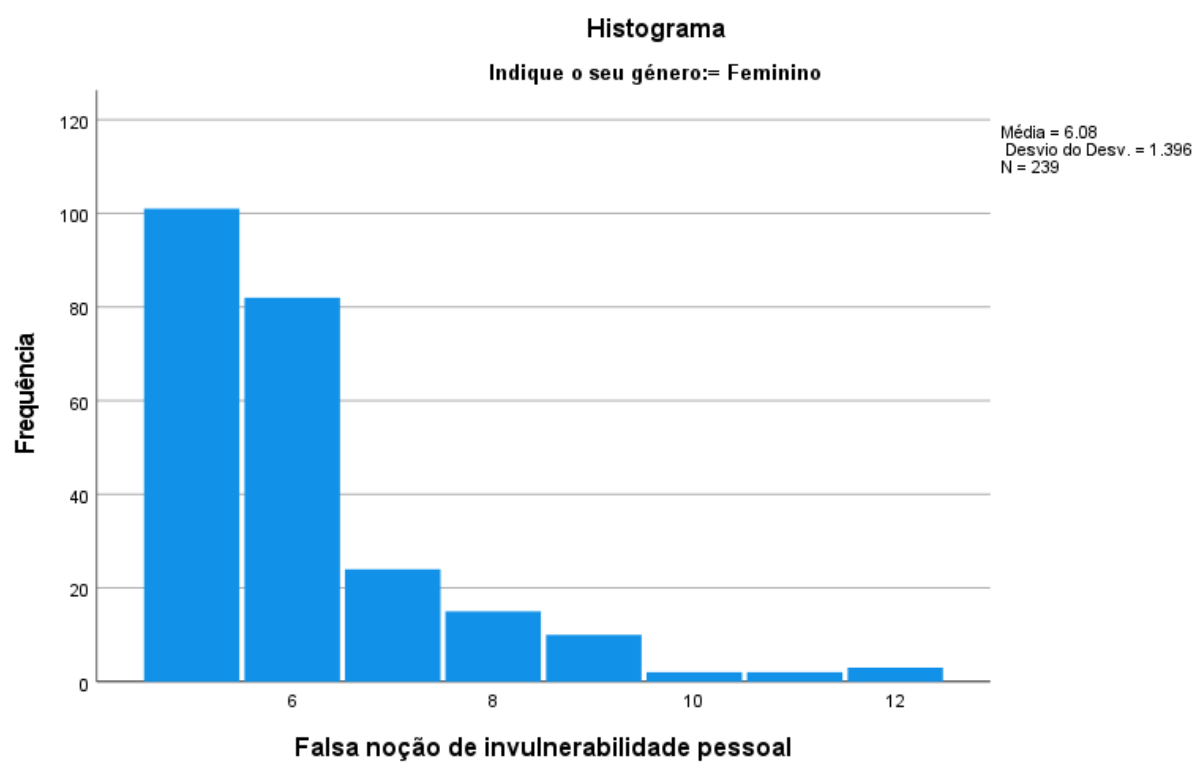
Feminino



Anexo T

Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição de “Falsa Noção de Invulnerabilidade Pessoal” nos Gêneros Masculino e Feminino

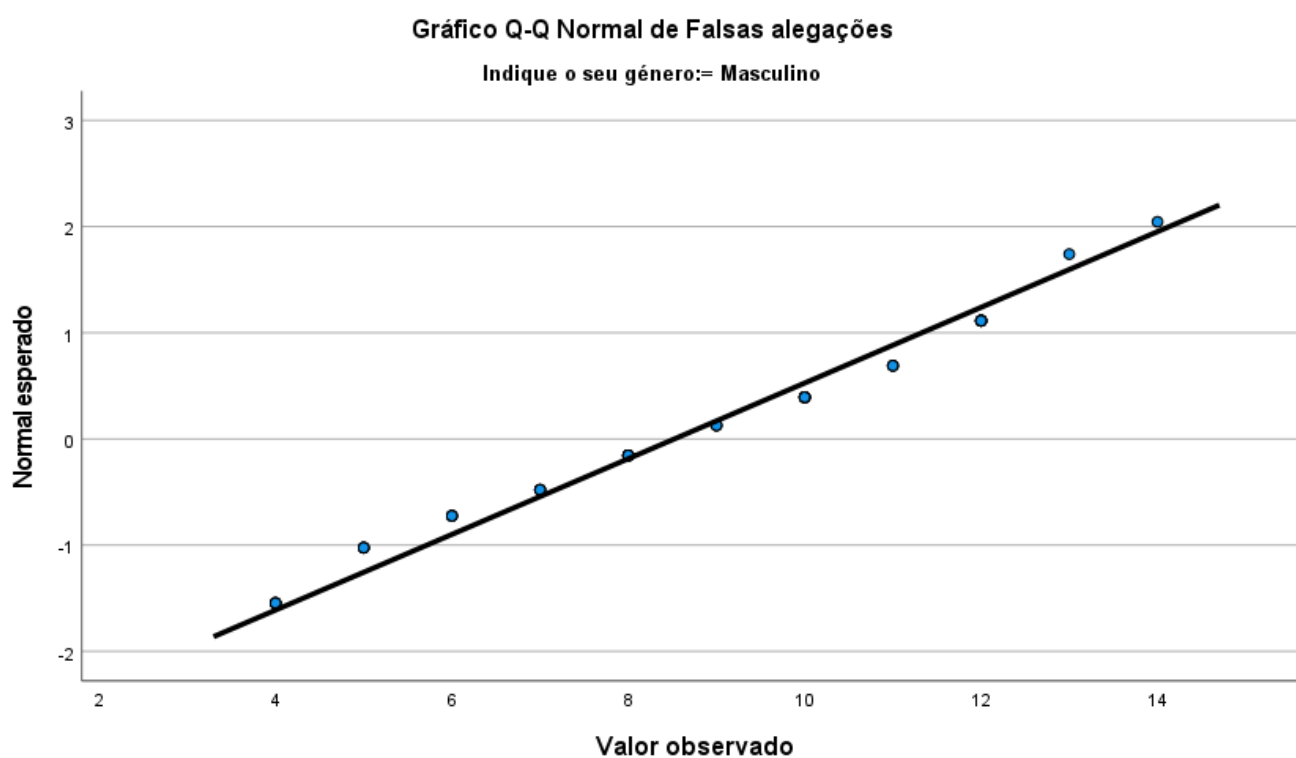
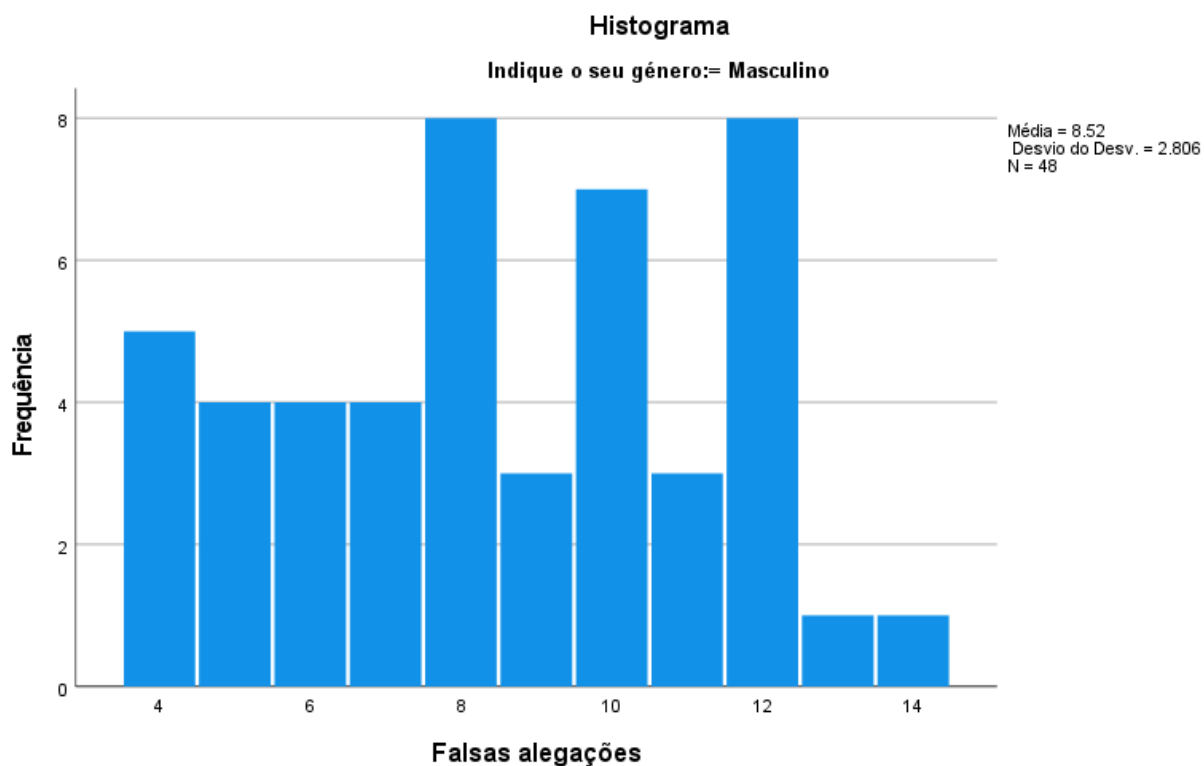




Anexo U

Histogramas e Gráficos Q-Q da Distribuição de “Falsas Alegações” nos Gêneros

Masculino e Feminino



Histograma

Indique o seu gênero:= Feminino

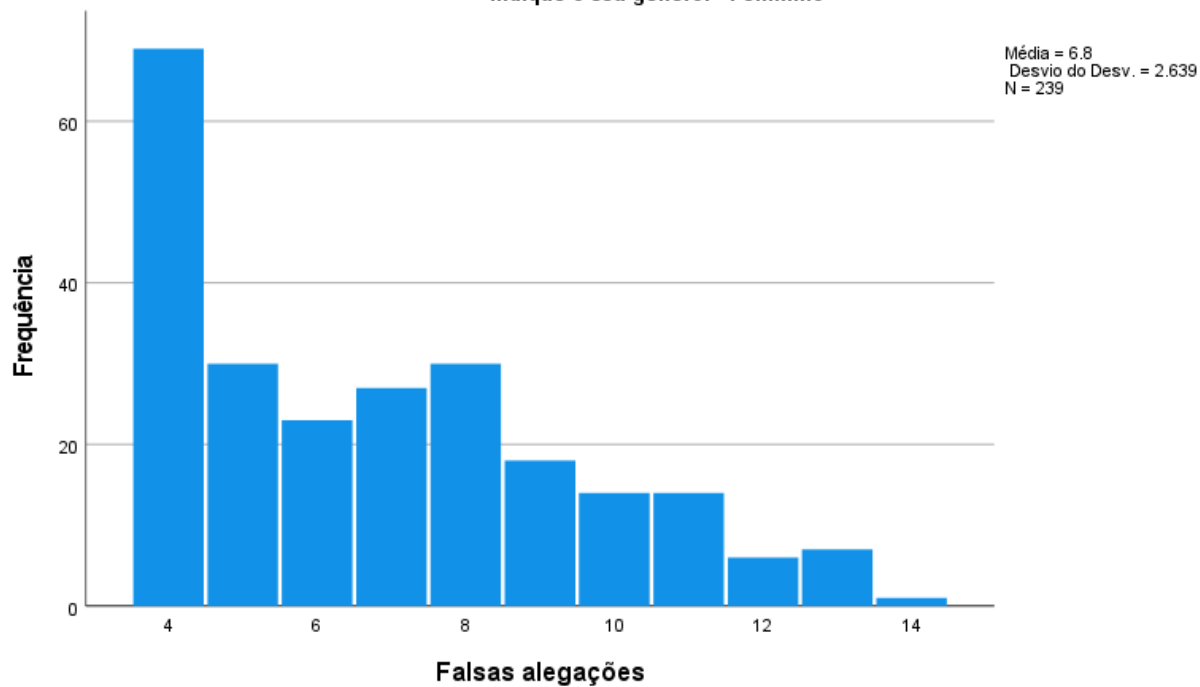
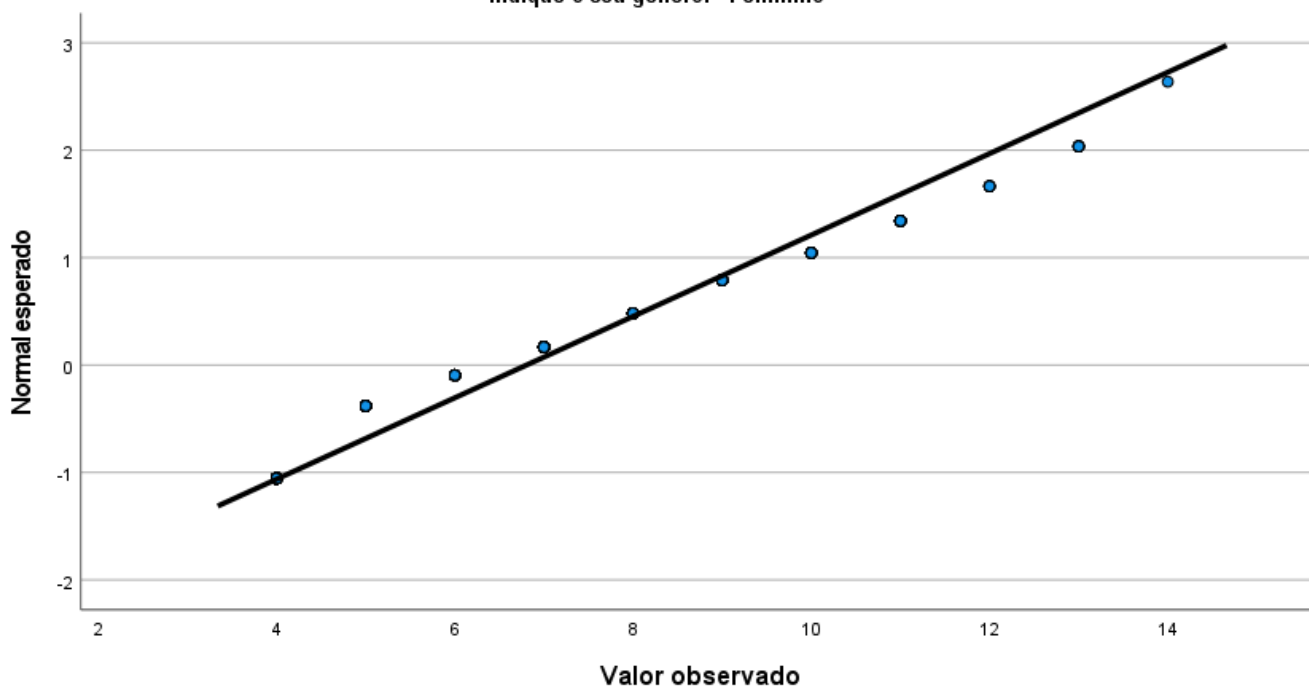


Gráfico Q-Q Normal de Falsas alegações

Indique o seu gênero:= Feminino



Anexo V

Resultados dos Testes de Mann-Whitney relativos à Hipótese b)

Postos

	Indique o seu género:	N	Posto médio	Soma de Classificações
Representação estereotipada da violação	Masculino	46	176.08	8099.50
	Feminino	238	136.01	32370.50
	Total	284		
Provocação da vítima	Masculino	48	176.42	8468.00
	Feminino	240	138.12	33148.00
	Total	288		
Consentimento da vítima	Masculino	48	186.89	8970.50
	Feminino	242	137.29	33224.50
	Total	290		
Falsa noção de invulnerabilidade pessoal	Masculino	48	194.64	9342.50
	Feminino	239	133.83	31985.50
	Total	287		
Falsas alegações	Masculino	48	185.91	8923.50
	Feminino	239	135.58	32404.50
	Total	287		
Total de tolerância/aceitação da violência sexual	Masculino	46	185.08	8513.50
	Feminino	232	130.46	30267.50
	Total	278		

Estatísticas de teste^a

	Representação estereotipada da violação	Provocação da vítima	Consentimento da vítima	Falsa noção de invulnerabilidade pessoal	Falsas alegações	Total de tolerância/aceitação da violência sexual
U de Mann-Whitney	3929.500	4228.000	3821.500	3305.500	3724.500	3239.500
Wilcoxon W	32370.500	33148.000	33224.500	31985.500	32404.500	30267.500
Z	-3.178	-2.979	-3.798	-4.859	-3.881	-4.214
Significância Sig. (2 extremidades)	.001	.003	<.001	<.001	<.001	<.001

a. Variável de Agrupamento: Indique o seu género:

Anexo W

Resultados dos Testes de Correlação de Spearman relativos à Hipótese c)

Correlações												
Coeficiente de Correlação	Total de Maquiavelismo	Total de Narcisismo	Total de Psicopatia	Total de Sadismo	Representação estereotipada da violação	Provocação da vítima	Consentimento da vítima	Falsa noção de invulnerabilidade pessoal	Falsas alegações	Total de tolerância/aceitação da violência sexual		
Coeficiente de Correlação	1.000	.289**	.244**	.197**	.250**	.292**	.206**	.220**	.243**	.288**		
Sig. (1 extremidade)	.	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001		
N	303	297	298	298	280	284	286	283	283	274		
Coeficiente de Correlação	.289**	1.000	.343**	.143**	.167**	.174**	.090	.128*	.201**	.170**		
Sig. (1 extremidade)	<.001	.	<.001	.007	.003	.002	.064	.015	<.001	.002		
N	297	305	300	300	281	285	287	284	284	275		
Coeficiente de Correlação	.244**	.343**	1.000	.404**	.259**	.214**	.197**	.192**	.220**	.274**		
Sig. (1 extremidade)	<.001	<.001	.	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001		
N	298	300	306	302	283	287	289	286	286	277		
Coeficiente de Correlação	.197**	.143**	.404**	1.000	.171**	.144**	.273**	.111*	.215**	.269**		
Sig. (1 extremidade)	<.001	.007	<.001	.	.002	.007	<.001	.030	<.001	<.001		
N	298	300	302	306	282	286	288	285	285	276		
Coeficiente de Correlação	.250**	.167**	.259**	.171**	1.000	.691**	.426**	.446**	.617**	.802**		
Sig. (1 extremidade)	<.001	.003	<.001	.002	.	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001		
N	280	281	283	282	287	285	287	285	285	281		
Coeficiente de Correlação	.292**	.174**	.214**	.144**	.691**	1.000	.423**	.354**	.557**	.794**		
Sig. (1 extremidade)	<.001	.002	<.001	.007	<.001	.	<.001	<.001	<.001	<.001		
N	284	285	287	286	285	291	291	288	288	281		
Coeficiente de Correlação	.206**	.090	.197**	.273**	.426**	.423**	1.000	.254**	.565**	.733**		
Sig. (1 extremidade)	<.001	.064	<.001	<.001	<.001	<.001	.	<.001	<.001	<.001		
N	286	287	289	288	287	291	293	290	290	281		
Coeficiente de Correlação	.220**	.128*	.192**	.111*	.446**	.354**	.254**	1.000	.404**	.511**		
Sig. (1 extremidade)	<.001	.015	<.001	.030	<.001	<.001	<.001	.	<.001	<.001		
N	283	284	286	285	285	288	290	290	287	281		
Coeficiente de Correlação	.243**	.201**	.220**	.215**	.617**	.557**	.565**	.404**	1.000	.835**		
Sig. (1 extremidade)	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	.	<.001		
N	283	284	286	285	285	288	290	287	290	281		
Coeficiente de Correlação	.288**	.170**	.274**	.269**	.802**	.794**	.733**	.511**	.835**	1.000		
Sig. (1 extremidade)	<.001	.002	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	.		
N	274	275	277	276	281	281	281	281	281	281		

** A correlação é significativa no nível 0,01 (1 extremidade).

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (1 extremidade).

Anexo X

Resultados da Análise de Regressão Múltipla relativa às Hipóteses d) e e)

Estatística Descritiva

	Média	Erro Desvio	N
Total de tolerância/aceitação da violência sexual	43.58	12.534	260
Total de Sadismo Transformado	1.0989	.13854	260
Total de Psicopatia Transformado	1.0497	.13364	260
Total de Narcisismo	17.28	4.116	260
Total de Maquiavelismo	19.08	4.093	260

Correlações

		Total de tolerância/aceitação da violência sexual	Total de Sadismo Transformado	Total de Psicopatia Transformado	Total de Narcisismo	Total de Maquiavelismo
Correlação de Pearson	Total de tolerância/aceitação da violência sexual	1.000	.315	.282	.173	.336
	Total de Sadismo Transformado	.315	1.000	.462	.257	.261
	Total de Psicopatia Transformado	.282	.462	1.000	.388	.237
	Total de Narcisismo	.173	.257	.388	1.000	.275
	Total de Maquiavelismo	.336	.261	.237	.275	1.000
Sig. (1 extremidade)	Total de tolerância/aceitação da violência sexual	.	<.001	<.001	.003	<.001
	Total de Sadismo Transformado	.000	.	.000	.000	.000
	Total de Psicopatia Transformado	.000	.000	.	.000	.000
	Total de Narcisismo	.003	.000	.000	.	.000
	Total de Maquiavelismo	.000	.000	.000	.000	.
N	Total de tolerância/aceitação da violência sexual	260	260	260	260	260
	Total de Sadismo Transformado	260	260	260	260	260
	Total de Psicopatia Transformado	260	260	260	260	260
	Total de Narcisismo	260	260	260	260	260
	Total de Maquiavelismo	260	260	260	260	260

Variáveis Inseridas/Removidas^a

Modelo	Variáveis inseridas	Variáveis removidas	Método
1	Total de Maquiavelismo, Total de Psicopatia Transformado, Total de Narcisismo, Total de Sadismo Transformado ^b	.	Inserir

a. Variável Dependente: Total de tolerância/aceitação da violência sexual

b. Todas as variáveis solicitadas inseridas.

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Mudança de R quadrado	Estatísticas de mudança			Sig. Mudança F	Durbin-Watson
						Mudança F	df1	df2		
1	.427 ^a	.182	.170	11.422	.182	14.221	4	255	<.001	1.771

a. Preditores: (Constante), Total de Maquiavelismo, Total de Psicopatia Transformado, Total de Narcisismo, Total de Sadismo Transformado

b. Variável Dependente: Total de tolerância/aceitação da violência sexual

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	7421.280	4	1855.320	14.221	<.001 ^b
	Resíduo	33268.024	255	130.463		
	Total	40689.304	259			

a. Variável Dependente: Total de tolerância/aceitação da violência sexual

b. Preditores: (Constante), Total de Maquiavelismo, Total de Psicopatia Transformado, Total de Narcisismo, Total de Sadismo Transformado

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	95.0% Intervalo de Confiança para B	
		B	Erro Erro	Beta			Limite inferior	Limite superior
1	(Constante)	-3.166	6.757		-.469	.640	-16.472	10.140
	Total de Sadismo Transformado	16.801	5.879	.186	2.858	.005	5.223	28.379
	Total de Psicopatia Transformado	12.658	6.324	.135	2.002	.046	.204	25.113
	Total de Narcisismo	.008	.191	.003	.040	.968	-.369	.385
	Total de Maquiavelismo	.779	.185	.254	4.218	<.001	.415	1.143

a. Variável Dependente: Total de tolerância/aceitação da violência sexual

Diagnóstico de colinearidade^a

Modelo	Dimensão	Autovalor	Índice de condição	(Constante)	Proporções de variância			
					Total de Narcisismo	Total de Maquiavelismo	Total de Sadismo Transformado	Total de Psicopatia Transformado
1	1	4.917	1.000	.00	.00	.00	.00	.00
	2	.037	11.572	.01	.88	.19	.01	.00
	3	.030	12.816	.04	.07	.79	.05	.04
	4	.008	24.426	.01	.03	.00	.75	.63
	5	.008	25.428	.94	.02	.01	.19	.33

a. Variável Dependente: Total de tolerância/aceitação da violência sexual

Diagnóstico entre casos^a

Número do caso	Erro Resíduo	Total de tolerância/aceitação da violência sexual	Valor previsto	Resíduo
130	2.716	85	53.98	31.024
131	3.300	90	52.31	37.694
132	3.200	87	50.45	36.552
133	2.263	81	55.15	25.846
135	2.025	78	54.87	23.132
196	3.694	89	46.80	42.195
198	2.209	75	49.77	25.230
199	2.360	77	50.05	26.953
200	3.170	83	46.80	36.202
204	2.057	64	40.51	23.490
209	2.015	59	35.98	23.018
217	2.222	64	38.63	25.375
496	2.687	89	58.31	30.687

a. Variável Dependente: Total de tolerância/aceitação da violência sexual

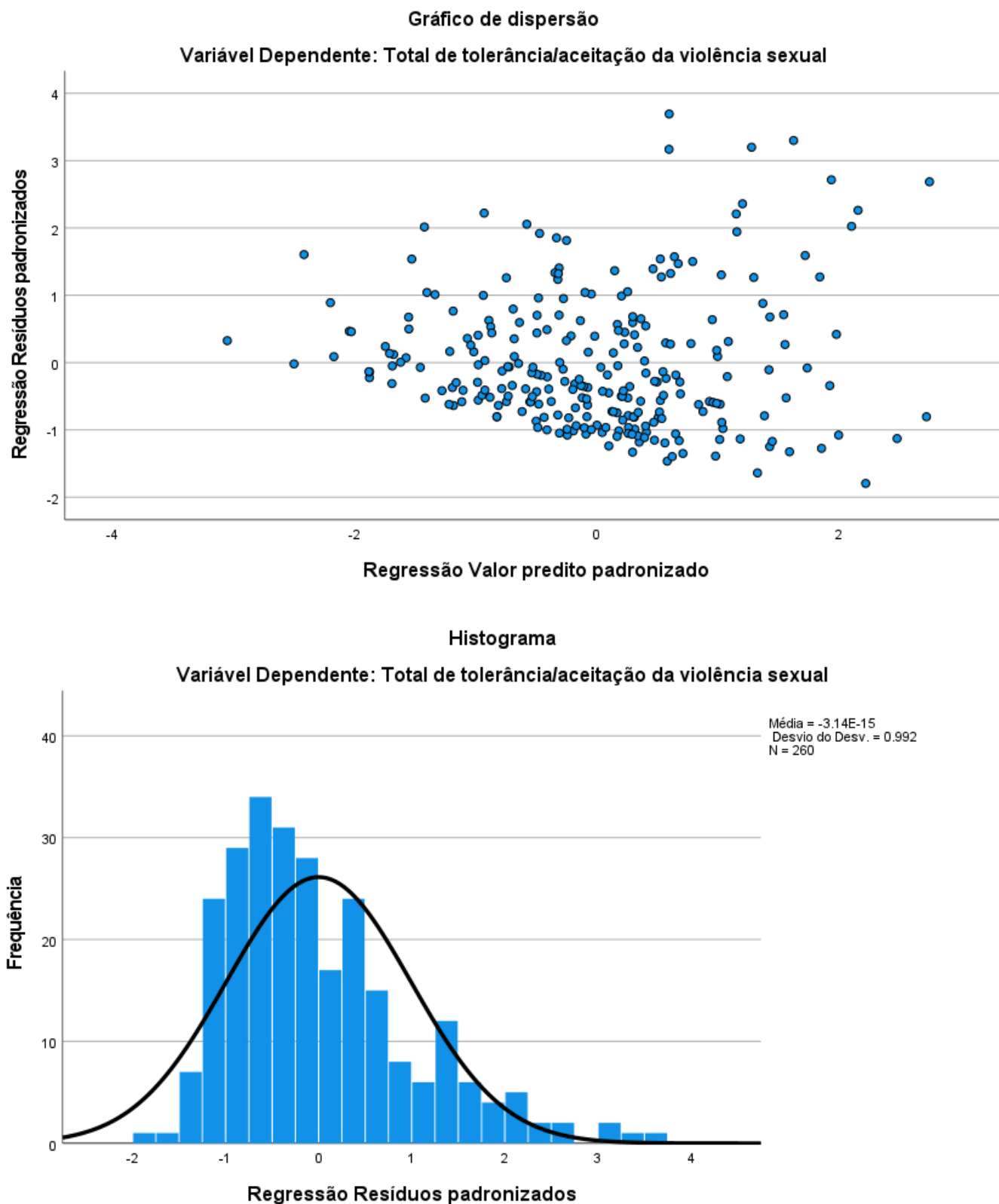
Estatísticas de resíduos^a

	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio	N
Valor previsto	27.27	58.31	43.58	5.353	260
Resíduo	-20.493	42.195	.000	11.333	260
Erro Valor previsto	-3.048	2.752	.000	1.000	260
Erro Resíduo	-1.794	3.694	.000	.992	260

a. Variável Dependente: Total de tolerância/aceitação da violência sexual

Anexo Y

Gráfico de Dispersão e Histograma dos Resíduos Padronizados relativos às Hipóteses d)
e e)



Anexo Z

Resultados da Análise de Mediação (Maquiavelismo) relativa à Hipótese f)

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 4.1 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2022). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 4
Y : Total_EC
X : Total_Ma
M : Total_Mh

Sample
Size: 268

OUTCOME VARIABLE:

Total_Mh

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,1541	,0237	30,4900	6,5378	1,0000	266,0000	,0111

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	15,0528	1,5567	9,6695	,0000	11,9877	18,1179
Total_Ma	,2089	,0817	2,5569	,0111	,0480	,3698

Standardized coefficients

	coeff
Total_Ma	,1541

OUTCOME VARIABLE:

Total_EC

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,5464	,2985	108,8816	32,7026	2,0000	265,0000	,0000

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	9,0674	4,0108	2,2607	,0246	1,1703	16,9645
Total_Ma	,8249	,1639	5,0330	,0000	,5022	1,1476
Total_Mh	,9629	,1455	6,6184	,0000	,6765	1,2494

Standardized coefficients

	coeff
Total_Ma	,2734
Total_Mh	,4328

***** TOTAL EFFECT MODEL *****

OUTCOME VARIABLE:

Total_EC

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,3401	,1157	136,7443	29,1873	1,0000	266,0000	,0000

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	23,5624	3,3463	7,0413	,0000	16,9737	30,1510
Total_Ma	1,0261	,1899	5,4025	,0000	,6521	1,4000

Standardized coefficients

	coeff
Total_Ma	,3401

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y

Effect	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI	c_cs
1,0261	,1899	5,4025	,0000	,6521	1,4000	,3401

Direct effect of X on Y

Effect	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI	c'_cs
,8249	,1639	5,0330	,0000	,5022	1,1476	,2734

Indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Total_Mh	,2012	,0905	,0414	,3924

Completely standardized indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Total_Mh	,0667	,0276	,0145	,1227

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

1000

NOTE: A heteroscedasticity consistent standard error and covariance matrix estimator was used.

----- END MATRIX -----

Anexo AA

Resultados da Análise de Mediação (Narcisismo) relativa à Hipótese f)

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 4.1 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2022). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 4
Y : Total_EC
X : Total_Na
M : Total_Mh

Sample
Size: 270

OUTCOME VARIABLE:

Total_Mh

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,1758	,0309	30,2410	8,3859	1,0000	268,0000	,0041

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	14,9575	1,4031	10,6600	,0000	12,1949	17,7200
Total_Na	,2403	,0830	2,8958	,0041	,0769	,4037

Standardized coefficients

	coeff
Total_Na	,1758

OUTCOME VARIABLE:

Total_EC

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,4810	,2314	118,8525	22,8446	2,0000	267,0000	,0000

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	18,9045	3,8010	4,9736	,0000	11,4208	26,3883
Total_Na	,2919	,1536	1,9004	,0585	-,0105	,5944
Total_Mh	1,0104	,1530	6,6048	,0000	,7092	1,3116

Standardized coefficients

	coeff
Total_Na	,0961
Total_Mh	,4547

***** TOTAL EFFECT MODEL *****

OUTCOME VARIABLE:

Total_EC

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,1761	,0310	149,2824	9,4743	1,0000	268,0000	,0023

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	34,0176	2,8144	12,0870	,0000	28,4764	39,5587
Total_Na	,5347	,1737	3,0780	,0023	,1927	,8767

Standardized coefficients

coeff
Total_Na ,1761

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y

Effect	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI	c_cs
,5347	,1737	3,0780	,0023	,1927	,8767	,1761

Direct effect of X on Y

Effect	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI	c'_cs
,2919	,1536	1,9004	,0585	-,0105	,5944	,0961

Indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Total_Mh	,2428	,0984	,0632	,4608

Completely standardized indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Total_Mh	,0800	,0303	,0211	,1429

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

1000

NOTE: A heteroscedasticity consistent standard error and covariance matrix estimator was used.

----- END MATRIX -----

Anexo AB

Resultados da Análise de Mediação (Psicopatia) relativa à Hipótese f)

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 4.1 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2022). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 4
Y : Total_EC
X : Lg10_Psi
M : Total_Mh

Sample
Size: 271

OUTCOME VARIABLE:

Total_Mh

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,2341	,0548	29,6142	12,0957	1,0000	269,0000	,0006

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	8,8648	2,8888	3,0687	,0024	3,1773	14,5523
Lg10_Psi	9,7370	2,7997	3,4779	,0006	4,2249	15,2490

Standardized coefficients

	coeff
Lg10_Psi	,2341

OUTCOME VARIABLE:

Total_EC

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,5117	,2619	114,5391	27,0873	2,0000	268,0000	,0000

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	6,5951	6,0132	1,0968	,2737	-5,2440	18,4342
Lg10_Psi	17,3184	5,4315	3,1885	,0016	6,6244	28,0123
Total_Mh	,9647	,1504	6,4127	,0000	,6685	1,2609

Standardized coefficients

	coeff
Lg10_Psi	,1875
Total_Mh	,4343

***** TOTAL EFFECT MODEL *****

OUTCOME VARIABLE:

Total_EC

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,2891	,0836	141,6748	18,4753	1,0000	269,0000	,0000

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	15,1471	6,2895	2,4083	,0167	2,7643	27,5299
Lg10_Psi	26,7118	6,2145	4,2983	,0000	14,4765	38,9471

Standardized coefficients

	coeff
Lg10_Psi	,2891

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y

Effect	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI	c_cs
26,7118	6,2145	4,2983	,0000	14,4765	38,9471	,2891

Direct effect of X on Y

Effect	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI	c'_cs
17,3184	5,4315	3,1885	,0016	6,6244	28,0123	,1875

Indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Total_Mh	9,3934	3,2822	3,4830	16,6301

Completely standardized indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Total_Mh	,1017	,0329	,0397	,1708

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

1000

NOTE: A heteroscedasticity consistent standard error and covariance matrix estimator was used.

----- END MATRIX -----

Anexo AC

Resultados da Análise de Mediação (Sadismo) relativa à Hipótese f)

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 4.1 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2022). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 4
Y : Total_EC
X : Lg10_Sad
M : Total_Mh

Sample
Size: 270

OUTCOME VARIABLE:

Total_Mh

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,3205	,1027	27,8114	27,4702	1,0000	268,0000	,0000

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	4,8021	2,6726	1,7968	,0735	-,4599	10,0641
Lg10_Sad	12,9278	2,4666	5,2412	,0000	8,0715	17,7841

Standardized coefficients

	coeff
Lg10_Sad	,3205

OUTCOME VARIABLE:

Total_EC

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,5194	,2698	113,2492	30,1427	2,0000	267,0000	,0000

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	6,6077	5,3054	1,2455	,2141	-3,8380	17,0533
Lg10_Sad	16,8173	4,6963	3,5810	,0004	7,5709	26,0637
Total_Mh	,9567	,1511	6,3330	,0000	,6593	1,2541

Standardized coefficients

	coeff
Lg10_Sad	,1868
Total_Mh	,4285

***** TOTAL EFFECT MODEL *****

OUTCOME VARIABLE:

Total_EC

Model Summary

R	R-sq	MSE	F(HC0)	df1	df2	p
,3241	,1051	138,2823	25,8401	1,0000	268,0000	,0000

Model

	coeff	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI
constant	11,2019	6,0059	1,8652	,0633	-,6228	23,0266
Lg10_Sad	29,1855	5,7414	5,0833	,0000	17,8814	40,4895

Standardized coefficients

	coeff
Lg10_Sad	,3241

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y

Effect	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI	c_cs
29,1855	5,7414	5,0833	,0000	17,8814	40,4895	,3241

Direct effect of X on Y

Effect	se(HC0)	t	p	LLCI	ULCI	c'_cs
16,8173	4,6963	3,5810	,0004	7,5709	26,0637	,1868

Indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Total_Mh	12,3682	3,3009	6,4544	19,7840

Completely standardized indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Total_Mh	,1374	,0328	,0772	,2071

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

1000

NOTE: A heteroscedasticity consistent standard error and covariance matrix estimator was used.

----- END MATRIX -----